

Na cama com a Besta



Doreen DeSalvo



Na cama com a Besta

Disponibilização e tradução: Rachael Moraes

Revisão: Cristina Zuur

Revisão Final: Angélica



Resumo

A noiva por correspondência Mariana chega à América com pouco mais que seu lindo rosto para recomendá-la. Mas o homem que ela veio para casar quer para uma só coisa, seu corpo. John pediu aos pais de Mariana para devolverem seu dinheiro; Ele não esperava uma beleza como ela a mostrar-se em sua porta. Ele não quer uma esposa, mas não importa como extravagantemente ele se comporte na cama, Mariana encoraja que ele vá mais longe. Quando uma presença fantasmagórica na casa tenta conduzir Mariana para longe, ela tem que lutar por seu direito de permanecer na casa de John... E na cama de sua besta.

Capítulo 1

Fevereiro de 1881

John olhou por cima de sua refeição do meio-dia. Tinha realmente ouvido uma batida em sua porta? Ninguém havia vindo em sua fazenda durante todo o inverno. Normalmente, as pessoas do povoado diziam um olá, se eles o vissem no campo quando ele passava, somente para ser sociáveis. Mas ninguém havia vindo a sua casa, especialmente ao meio-dia, quando existiam tarefas a serem feitas.

O bateram novamente.

Ele deixou a comida e atravessou o cômodo até a porta. Maldição! A fechadura estava gelada, usando o botão de madeira para puxar a porta aberta.

Uma jovem estava em sua varanda estreita, fitando-o com grandes olhos azuis num rosto magro. Seu casaco de lã cinza era puído e seu gorro era desfiado em toda a borda. Quem ela era, uma pedinte? Ele não tinha nada para dar.

Na estrada de estreita de trilha, um par de acres por trás dela, uma carroça se afastava em direção aos McNeil. Ela virou-se e acenou, ainda que o condutor estivesse fora de vista.

Ela olhou para ele. Seu olhar permanecia sobre a cicatriz horrível que arruinou seu rosto por apenas alguns segundos antes dela encontrar seu olhar uniformemente, não mostrando nenhuma reação para seu rosto feio.

—Giovanni DiAngelo?

Um nome que não tinha ouvido nos últimos anos. Ele acenou com a cabeça uma vez.

—Quem é você?

—Boa tarde. Meu nome é Mariana Del Dio Russo. — disse ela, no dialeto toscano que ele nunca pensou ouvir outra vez.

—Del Dio Russo? Você é um parente de Francesca? - talvez ela houvesse trazido o dinheiro dele em pessoa.

Ela segurava uma sacola de cordão áspero em suas mãos, em forma de bolsa e feita de lona.

—Eu sou irmã da Francesca. - seus dentes batiam um pouco. Ela estremeceu em seu casaco fino e olhou por cima do ombro para a casa.

Ele não tinha tempo para falar, mas ele não podia mantê-la do lado de fora no frio amargo de fevereiro na Pensilvânia. Ele se afastou para o lado, e ela entrou rapidamente.

Ele fechou a porta e se virou. Ela já ia até o fogão pequeno, segurando as mãos estendidas para o calor. Sua sacola de lona em uma pilha no chão ao lado da mesa.

Sua tigela ainda fumegava sobre a mesa. Bem poderiam terminar sua refeição, enquanto eles conversavam. Sentou-se e levantou uma colher de ensopado à boca.

— Você trouxe o dinheiro para mim?

Ela parecia confusa. Ah, ele tinha falado em Inglês. Antes que ele pudesse repetir a pergunta em italiano, ela falou.

— Meus pais receberam uma carta sua. —disse ela em italiano. —Você escreveu que Francesca morreu.

—Seis meses atrás. - Poderia muito bem falar em italiano, se isso era tudo o que ela compreendia - Porque você está aqui? — ela endireitou os ombros

—Eu estou aqui para tomar o lugar da minha irmã.

Deus, não! Ele pediu aos pais de Francesca para enviar um pouco de seu dinheiro de volta. Ela morreu logo após seu casamento, ele não achava justo que os pais dela mantivessem o valor total que ele pagou por ela. E ele precisava de dinheiro.

— Eu não preciso de outra esposa.

Suas sobancelhas subiram em surpresa.

—Você se casou de novo?

Ele fez uma careta.

— Não. Mas eu não quero uma esposa.

— Mas... você pagou aos meus pais por uma esposa.

Sim, ele tinha. Uma esposa para ajudá-lo na fazenda, uma mulher para lhe dar filhos, uma esposa para aquecer sua cama. Nenhuma dessas coisas valeu a pena pelo preço que ele tinha pagado - e não apenas o preço das libras que seu ganancioso pai havia tomado.

— Uma esposa foi suficiente. Eu não pedi aos seus pais para me enviar outra.

—Mas eles devem a você uma esposa. - Seu olhar estava fixo em sua tigela.

Ela estava apenas evitando olhar para seu rosto? Ele viu sua garganta em um movimento de deglutição. Não, ela estava com fome. E ele só tinha cozido o suficiente para o seu próprio almoço. Bem, ele poderia compartilhar um pouco com ela. Ela parece tão magra. Ela provavelmente não comia muito.

Ele enfiou o garfo em sua tigela, meio terminada, e entregou a ela.

—Coma.

Ele pegou outra tigela da prateleira, em cima da pia, depois foi para a panela fervendo no fogão e colocou mais para si mesmo. Quando ele se virou para a mesa novamente, ela estava comendo o cozido como se ela não tivesse tido uma refeição o dia todo. Um pequeno gemido escapou dela, um som de puro prazer.

Ela retirou o casaco e jogou-o na parte traseira de sua cadeira. Seus ombros eram magros e ossudos, pescoço longo e estreito. Só pele e osso. Ele nunca gostou de mulheres fracas.

John se sentou em frente a ela e lanceou uma mordida de carne com seu garfo, estudando veladamente como ela mastigava. Seu vestido era remendado e muito remendado, pouco mais que um trapo. Seu pai havia falado em enviar seus filhos para a escola, de dar educação para o filho mais velho. Não deve ter gasto nenhum centavo do dinheiro de John com suas filhas.

Seu vestido era apertado no busto, como se ela o vestisse antes dos seios crescerem. Seus seios eram pequenos, muito pequenos. Provavelmente nem encheriam suas mãos.

Se ele casasse com ela, poderia pegar aqueles seios pequenos em suas mãos. Afagá-los, beijá-los.

Não. Não existia nenhum lugar em sua vida para uma esposa. Quando ele quisesse uma mulher, gastaria umas moedas com uma prostituta na cidade. Ele não podia dispor de dinheiro, mas pelo menos uma prostituta iria bajulá-lo, mesmo com o seu rosto, ela fingiria que a agradou.

Talvez esta menina tivesse família na América. Pessoas com quem ela pudesse viver.

—Quem trouxe você aqui? As pessoas daquele carroção?

Ela o olhou fixamente de forma inexpressiva. Ah, ele falou em inglês, voltou a repetir a pergunta em italiano.

—Sua vizinha Kathleen... MacNeil? Ela me trouxe e me levou em um passeio.

Não havia nunca ido lá. Ele não podia esperar que uma viúva com dois meninos fosse ir visitar um estranho.

—Onde tem ficado?

—Eu estava em Nova Iorque até dois dias atrás. Naquele lugar da prisão. Ilha de Ellis?

—Sim.

Ela pegou o barco e veio para ele. Ela esperou que ele a deixasse ficar. Seria muito ruim para ela se ele a mandasse embora.

—Você conhece alguém na América? Qualquer pessoa que não seja eu?

— Não. - ela olhou por cima da tigela e seu queixo se ergueu. - Eu posso achar um lugar para ficar caso não me queira aqui.

Isto significa que ela não tem para onde ir. E ele reconheceu um orgulho tolo quando viu isto.

—Você me quer? - ele perguntou exigindo.

Ela fez um gesto pequeno, mas não o olhou. Seus olhos eram de um vívido azul, e eles olharam para ele solenemente, como se não visse sua cicatriz.

—Por que você se importa o que eu quero?

Ele encolheu os ombros e comeu mais um pouco, evitando olhá-la.

—Eu não me importo.

—Eu quero honrar a dívida do meu pai para com você.

Não era uma resposta. Como a maioria das meninas pobres, ela não teve nenhuma escolha sobre sua própria vida. Ele olhou deliberadamente fixamente para sua cama estreita, menos que quatro pés longe de sua cadeira. E então seu olhar voltou a ela com uma carranca, determinado a mostrar o seu pior.

—Agora você me viu. Não tem nenhum medo de ser minha esposa? Você não tem nenhum medo de compartilhar a minha cama?

Ela o olhou fixo e encolheu os ombros, indiferente.

—Depois da longa jornada para vir à América e gastei um mês naquela prisão, eu tenho pouco por que temer.

Ele podia acreditar nisso. A ilha Ellis tinha sido um inferno para homens fortes e o que seria muito pior para uma menina jovem, sozinha e que não fale nada de inglês? Ela não podia ter mais de vinte. Aos vinte e oito, ele se sentiu décadas mais velho.

Ela parou de comer por um momento e o olhou com aqueles olhos azuis diretamente em seus olhos.

—Eu irei. Serei uma boa esposa para você, Giovanni.

Ele fechou a cara.

—Eu disse a você que não preciso de uma esposa.

Sua tigela estava vazia. Ele irritado, mas ela depressa tomou a tigela dele.

— Quer que eu traga mais para você? - na esperança que ele o deixasse servir.

Ele movimentou a cabeça. Ela girou para o fogão, dando a ele uma visão de seu traseiro. Pelo menos uma parte de seu corpo não era magra. Sua cintura estreita, mas seus quadris eram generosos, sua parte inferior saudável e satisfatória. Muito bem arredondado, como a colher que colocava o guisado na tigela, aquele traseiro balançando de um lado para outro com o ritmo de seu fraco. Seu pênis respondeu erguendo-se.

Se ele casasse com ela, podia a ter em sua cama. Montar ela. Foder ela.

Ele sabia muitas palavras inglesas para o ato do sexo. E olhando para este traseiro, ele pensou em todas elas.

Deus, não. As mulheres eram difíceis. As esposas eram difíceis.

Talvez fosse diferente agora. Ele conhecia os perigos. E agora ele sabia como dar prazer a uma mulher. Esta pequena mulher com um surpreendente traseiro generoso podia ajudá-lo a praticar todo o seu conhecimento.

Até uma mulher fraca podia aliviar as necessidades de um homem. Isto era uma tarefa que ela podia fazer. Ela parecia muito fraca para fazer qualquer outra coisa. Ela voltou para a mesa e quando ela pegou seu olhar, ela abruptamente parou. Seus pensamentos luxuriosos devem ter mostrado em seus olhos, em seu rosto. Mas ele não viu nenhuma repulsão nela. Nenhum mesmo. Ela sorriu... um sorriso lento, morno, convidativo. Um coquete sorriso.

Inferno, outros homens devem ter olhado para ela deste modo. Até homens feios e ela deve ter encorajado eles, todos com aquele sorriso encantador.

Que tipo de menina inocente olha um homem assim? Como se ela quisesse subir em sua cama estreita com ele agora, agora mesmo, na luz do dia?

Talvez ela não fosse tão inocente. Talvez seu pai maldito empurrasse uma filha arruinada para ele.

Ela deixou de olhá-lo, sentou-se à mesa, e empurrou a tigela em direção a ele. Com um pequeno aceno com a cabeça, voltou a comer, como se ele não tivesse a olhado.

Era mais apetitosa e tentadora que o guisado de carne de boi. Uma mulher inocente nunca se interessaria por um homem feio e gostaria dele. Ela só o estava tentando persuadir a deixá-la ficar. Os truques que uma mulher gosta de usar, ela estava utilizando.

Ele pegou sua tigela e comeu. Ela tinha colocado uma boa porção e ele precisava comer muito. Existia muito trabalho para ser feito no campo norte hoje. Apesar do frio amargo.

—Isto é delicioso - ela disse.

—Fale inglês.

Uma mão tremulada, como os italianos utilizam ao falar, gesticulou.

—Meu inglês não é bom - ela disse em italiano.

—Então volte para a Itália. - ele responde em inglês. - Não existe nenhum lugar aqui para alguém que não fala o idioma.

Ela fez uma carranca novamente, e com a concentração traduzia suas palavras para sua língua nativa.

—Como você deseja, Giovanni - disse ela em inglês.

—John - ele corrigiu com a cabeça curvada para sua comida.

—John? - ele olhou-a.

—Sim.

Ela pareceu agitada.

—Não, eu... por que... por que nenhum Giovanni?

Embora seu inglês fosse pobre, ela o forçaria para manter a conversação.

—Eu sou um americano agora. John é meu nome americano.

—Oh, eu terei um... um nome americano?

Ele encolheu os ombros e continuou comendo.

—Se você quiser.

—Você desejaria? - ela timidamente perguntou.

Ele encolheu os ombros novamente. Giovanni era difícil para americanos pronunciar.

Ela pareceu desesperadamente confusa. Giovanni era difícil de dizer. Talvez ela entendesse palavras mais simples. Suas sobrancelhas juntas.

—Mariana será... difícil de pronunciar?

Menina inteligente! Entendeu a nova palavra muito depressa. Então era bem parecido com a palavra em italiano.

—Eu não sei.

Ela comeu por um momento em silêncio. Mas só por um momento.

—A outra palavra que você usou... difícil?

—Sim. Quer dizer *difficile*.

—Ah, Você tem... jornal?

Jornal? Ele podia dizer a ela que luxo insensato seria ter um jornal na fazenda. Mas ela não entenderia.

—Por que você precisa de jornal?

—Para escrever. Para lembrar-se de... novas palavras.

Pelo menos ela estava disposta a aprender. Ele levantou e achou no armário um quadro que ele mantinha para fazer listas e outras anotações. O giz estava em uma gaveta. Ele entregou a ela. E seu rosto iluminado. Ele congelou. Pelos santos, aquele sorriso feliz a fezela parecer quase bonita. Seu rosto magro, seus grandes olhos azuis, raiados de um marrom claro. As sobrancelhas eram lisas e seus lábios graciosamente curvados e rosa. Ele não podia ver os cabelos por baixo daquele gorro patético, mas com a sua pele clara, era provável que fosse loiro.

Até em um vestido roto, mal-adaptado, ela era pequena e graciosa. E esta mulher estava fingindo que estava disposta a casar-se com um homem horroroso, que gostava dele? Para compartilhar sua cama?

Ele se sentou, decidido a comer.

Inferno! Ele devia ficar com ela. Usá-la. Usaria seu direito para olhar a ela como fez antes. Se ela não fosse uma virgem, ele não teria que ser gentil com ela. Mas talvez ela não tivesse realmente intenção de olhá-lo daquele modo lascivo. Talvez, na surpresa de sentir sua própria cobiça, ele imaginou que ela queria a mesma coisa.

—Por favor. - ela disse, mostrando o giz - Difícil? Soletre a palavra. - ela movimentou a cabeça.

Ele soletrou alto em inglês, e ela escreveu perfeitamente a primeira vez, para sua surpresa. Ela estudou o quadro, e moveu os lábios devagar, balbuciando as palavras.

Assistindo sua boca fez sua garganta ir se apertando. Ele baixou o olhar para a tigela olhando o seu conteúdo. Depois de um momento, ela anotou no pequeno quadro e levantou a colher novamente.

Eles comeram em silêncio. Seu garfo desprezado quando ela terminou o seu guisado. Ele não olhou para cima, não quis ver aquela pele branca ou aqueles lábios femininos.

Ele daria sua comida se ela quisesse. Era certo que estava com fome. Mas sua mão, descansando pacientemente na mesa, era patético.

Magras, suas juntas enormes e seus dedos esbeltos. Ele não podia comer com aquele esquelético ser a sua frente. Ele empurrou sua tigela para ela.

—Eu estou satisfeito. Coma você.

Ela pareceu confusa novamente.

Deus, ele conversou mais com esta mulher em alguns minutos, do que havia feito nos últimos seis meses.

—*Mangia.* Como você.

Ela sorriu.

—Obrigada, John. - ela comeu depressa. Deveria estar tão faminta quanto parecia.

Ele devia partir e voltar a trabalhar no campo norte. Uma cerca quebrou em três lugares, debaixo da neve pesada. Mas se ele partisse, ele teria que a deixar ficar. E se ela ficasse teria que casar-se com ela. Seus vizinhos, Todo Deus poderoso, fazendeiros, evitaria ele se vivesse com uma mulher solteira.

—Você tem dinheiro? - se ela tivesse dinheiro, ela seria menos de um fardo. Ele bem que queria, para comprar alguns acres de Kathleen e expandir.

—Dois dólares - sua expressão caiu, quase nada.

—Que tarefas você pode fazer?

—Tarefas?

—Tarefas. Serviços domésticos. Na fazenda se trabalha.

—Ah, eu posso cozinhar, limpar e fazer conserva.

Ela não pareceu notar que usou as palavras italianas para "fazer conserva". Ele não se aborreceu a corrigindo.

—Eu gosto de cozinhar. E eu não preciso de muita limpeza. Se as coisas ficam sujas, rapidamente limpo.

Ela levantou suas sobrancelhas com uma estranha expressão zombeira como se ele dissesse algo estúpido. Mas não disse nada. Menina esperta, mas seria mais esperta se guardasse a expressão também. Agora não era um bom momento para críticas.

—Você pode fazer qualquer outra coisa?

Ela girou de repente e curvando abriu a sua bolsa. Deus, tudo que ela possui. Depois de procurar um momento, ela levantou dois pequenos livros. Dicionários de tradução. Um do inglês para o italiano, e outro para o contrário.

—*Eu preciso este dizer em inglês.*

—Estes - ele automaticamente corrigiu - Para falar inglês.

Ela examinou um livro por alguns momentos, sacudido de uma página até outra.

—*Eu posso conseguir ovos. Faço queijo. Consiga leite de uma cabra.*

—Eu tenho uma vaca.

—Eu conseguirei leite de uma vaca, então.

—Só diga, ordene a vaca.

Ela movimentou a cabeça, olhando sério. —Ordene a vaca - ela repetiu.

—Toda manhã, eu ordenharei a vaca, e... consiga os ovos.

Ela já assumiu que ele a manteria, a pequena sedutora. Como se nenhum homem tivesse se negado a ela. Encontraria o primeiro.

—Não.

Seus lábios se curvaram em contragosto.

—Mas... eu devo fazer coisas. Para ser boa esposa.

Ele a fuzilou com o olhar.

—Eu não quero uma esposa. Nenhuma esposa.

Ela pareceu confusa. Preocupada, talvez.

—Mas... você pagou a meu pai. Você disse, eu irei, case filha.

Então agora ela o acusaria de quebrar o acordo com seu pai pobre? Seu pai poderia ir ao inferno. John alegremente pagaria pela corda.

—Eu casei com uma filha, Francesca. Eu não disse que casaria-me com uma segunda filha. E eu não irei.

Uma súbita rajada de vento ressoou pela janela, acima da pia, forte suficiente para vazar ao redor e atingir o seu rosto.

Mariana estremeceu e arregalou seus olhos com o susto. Ela apontou para cama, que estava atrás dele.

—Você quer... uma mulher? - ela respirou fundo. - Para a cama?

Oh, ela era corajosa certo. Provavelmente ficaria e compartilharia sua cama com ele, casada ou não. Só para ter uma casa. Ele não podia culpá-la por tentar, mas se ele a mantivesse para esquentar sua cama, ele teria que casar-se. Até mesmo um homem solitário precisava negociar. Seus vizinhos faziam negócios na cidade. Se ele a usasse como uma prostituta, ninguém falaria com ele. E ele queria uma prostituta com mais carne em seus ossos, de qualquer maneira.

—Não. Eu não preciso de uma mulher.

Ela mordeu os lábios. - Eu entendo. - Mas não fez nenhum movimento para partir.

Ele empurrou sua cadeira.

—Eu tenho trabalho a fazer.

Ela devagar vestiu seu casaco, mantendo sua cabeça baixa para não ver sua expressão.

—Obrigada pela comida, John. - sua voz baixa, mais que um sussurro. - Eu posso... hoje.... - ela pegou os livros sem olhá-lo.

Não. Não. Não. Qualquer pergunta que ela fizesse a resposta era não.

—Eu posso ficar no celeiro? Só hoje à noite?

Ela congelaria até a morte no celeiro. Ela teria que achar um lugar mais quente para dormir aquela noite.

—Não.

Ela se virou, apalpando os botões de seu casaco. Olhou-a e nos seus olhos não viu nenhuma lágrima. Talvez, tentando fazê-lo parecer culpado. Condenada.

—Como você voltará para casa? Com dois dólares não irá longe, e eu não tenho dinheiro para dar a você. - Seus pais é que deviam dinheiro a ele.

Ela agitou a cabeça.

—Eu não volto.

—Por que não?

Ela pareceu se surpreender com sua pergunta.

—Eu fui enviada para ser sua esposa. - ela disse, falando em italiano fluido. - Para honrar a dívida de meu pai com você. Se eu voltar, ele seria desonrado. Ninguém na aldeia confiaria nele novamente. Minha família seria arruinada.

Ele bufou.

—Você está preocupada com a honra de um homem que venderia sua própria família? - ele falou em italiano sem pensar.

Ela olhou para o chão.

—Ele é meu pai. - disse ela simplesmente. - É de seu encargo achar-me um marido. - Pausou um longo tempo, como se esperando ele dizer algo. Ele não fez. - E eu não tenho dinheiro para voltar. - disse em inglês. - Então ela curvou-se e levantou sua mala colocou os livros esfarrapados dentro. - Não é um problema. Kathleen McNeil é boa. Ela me deixará ficar em sua casa.

Oh, ela era uma pequena inteligente. Com certeza ela soube que ele não queria que aparecesse em na porta de Kathleen, dizendo a viúva que seu vizinho mau, expulsou-a. Isto era patético!

A menina veio da Itália, uma longa distância. Pagou a seu pai por uma noiva. E nem que o inferno congelasse iria deixá-la ir até Kathleen.

Ela amarrou suas mãos. Mas ele não a deixaria escapar facilmente.

—E como você ganhará para se manter? Kathleen tem dois filhos fortes e ela é a melhor cozinheira do município. Ela não precisa de alguém para ordenhar a vaca ou fazer conserva, ou qualquer outra coisa que você possa fazer.

Ela pensou sobre isto durante um longo tempo, sua indecisão nublando seus olhos. O modo como ela manteve o seu lábio retorcido. Ele manteve o olhar fixo em sua boca.

—Então, eu trabalharei para ganhar dinheiro. - ela disse afinal. - Eu darei o seu dinheiro. - como se ela tivesse qualquer habilidade para que a pagassem.

—Você trabalhará por dinheiro? Onde?

Ela encolheu os ombros. - Na cidade, talvez. - levantou seu queixo. - Não é seu problema. É meu. Meu problema.

—Meu problema. - ele disse, antes que pudesse se conter. Então ela pensava que podia trabalhar para ganhar dinheiro. Ele bufou. Uma mulher, que não fala inglês. Ninguém a contrataria. Ela era muito franzina para que fosse uma prostituta. Ela poderia tornasse uma mulher bonita, mas era tolerável. Quando ela esteve feliz pode assistir em seu rosto, mas nenhum homem pagaria para ir a cama com ela. Embora ele pudesse pagar.

Ele poderia também a levar. Case-se com ela. Coma ela. Poderia a ter à sua mão em sua cama toda noite.

Até que ela morreu.

Ela parecia tão esquelética, não levaria muito tempo. Mas até então...

Não cometeria os mesmos enganos que fez com Francesca. Não, este tempo já foi. Ela nunca saberia como o machucar e ele nunca a deixaria.

—Fique - ele disse.

—O que? - sua boca abriu-se.

—Você me ouviu.

— *Você... você desejará fosse marido de mim?*

Deus, seu inglês era horrível.

—Casarei com você. - ele não diria que desejou isto.

— *Eu irei. Case você.*

"Eu irei

Ela movimentou a cabeça e tirou o casaco novamente. Cruzou até a porta e pendurou-o em uma cavilha, já ficando à vontade. Seu vestido roto, não era nenhuma maravilha, ele pensou, parecia um mendigo. O tecido repuxava acima de seu traseiro.

—Você sabe costurar? - ele aguardou como não houve resposta, tentou novamente - Então? Costure. - disse novamente em italiano.

—Sim.

—Bom. Eu não terei que desperdiçar dinheiro comprando novas roupas para você. - ele apontou para um armário que estava na parede oposta - As roupas da sua irmã estão lá. Você pode pegá-las e ajustá-las em você. - ela era mais magra e tinha menos seios que Francesca, portanto teria bastante tecido para trabalhar.

—Eu entendo. - ela movimentou a cabeça.

—Estou saindo. - ele não poderia ficar ali o dia todo, entretendo ela. Foi para porta e pegou seu, sobretudo.

—Eu farei tarefas.

—Faça tarefas - ele quase gemeu.

—Eu farei tarefas.

—Muito bem. - ele disse tão claramente quanto podia. - *Va bene* - enquanto ele colocava o chapéu a via escrevendo no quadro novamente. Muito bem deve ser uma nova frase, para sua fraca e pequena noiva aprender.

—Quando você retorna? - ela perguntou.

—Talvez em quatro horas. Uma cerca precisa ser consertada em vários lugares. - quanto tempo tinha que ele teve alguém esperando em casa?

Ela pareceu não entender sobre a cerca, mas sorriu de qualquer maneira.

—Eu farei tarefas. - tão feliz, com um sorriso brilhante que imaginou estar fingindo, ninguém poderia ser tão feliz sobre trabalhar.

—Bom. - ele colocou o cachecol ao redor do pescoço.

Ela dirigiu-se a ele tão rápido que antes que pudesse ver o que fazia, colocou as mãos dentro de seu casaco, puxou o colarinho, dobrando embaixo o seu cachecol. Seus dedos acariciaram sua mão por um breve momento. Senhor, sua pele parecia suave contra os seus calosos dedos. Era tão suave como se nunca houve feito um trabalho duro em sua vida.

—Ajudará a te proteger contra o vento. - ela disse em italiano. - Como dizer isto em inglês?

Ela estava com sua cabeça muito próxima, e escandalosamente próxima a sua ereção. Sua cabeça um pouco inclinada para trás, seus olhos azuis vívidos fixos nele. Ele só tinha que curvar sua cabeça e beijá-la. Não. Ele nunca a beijaria de dia. Isto estava certo. Francesca o ensinou aquela lição muito bem.

Virando-se e abrindo a porta bruscamente, ele partiu, andando contra o vento. Parece que ele ganhou uma esposa. Para melhor ou para o pior. E depois de seu primeiro casamento, ele soube quantas coisas piores podiam conseguir. Ela provavelmente viria a odiá-lo logo. Todas as mulheres o fizeram. Começando com sua própria maldita mãe e finalizando com sua primeira esposa.

Francesca havia sido uma mulher robusta e forte, mas não o suficiente. Em um ano, uma febre a levou. Quanto tempo sua irmã esquelética agüentaria?

CAPITULO 2

Mariana enxugou sua sobrelanceira com um pano úmido, apreciando o frescor contra sua pele quente. Ela cortava uma fatia grossa de pão que ficava acondicionado, espalhou manteiga, e afundou em uma cadeira à mesa, por um momento.

O pão era delicioso. Se aquele homem assou isto, ele não precisaria que ela cozinhasse para ele. Ela levantou e cortou outra fatia. Havia visto mais pão no porão frio, que ficava escondido debaixo do alcapão pequeno. Ele não se importaria se ela terminasse este pão.

Ela esperava. A casa parecia decente agora, pelo menos. Depois de horas limpando, o chão foi varrido e esfregado, todos os móveis tirado o pó e as teias de aranhas foram embora. Lavou todas as panelas, pratos e alumínio. Até a pia foi esfregada e estava limpa.

Aquele homem - John - não deve ter limpado isto em meses. Ela teve que procurar um sabão, que descobriu estar no porão frio, por alguma razão estranha. Havia dois tipos de sabão, duros e suaves, e a loja que foram comprados, tinha uma etiqueta da Filadélfia. A lata de sabão suave era um luxo! Ele tinha uma bomba d'água em casa e ela não sentiria falta de puxar água, como fazia em casa.

Não. Não em casa. A Itália não era mais sua casa. Sua casa era ali agora.

Sua, e do John.

Pensou em quão assustador era este homem olhando-a, com aquela terrível cicatriz branca, características rudes na escuridão, cabelo felpudo ele realmente a tinha assustado. Grande, alto e forte, e incrivelmente largo seu tórax. Quando ela esteve próxima a ele, a fez sentir-se muito pequena. E a assustou um pouco.

"Parta".

Sobressaltou, e colocou a mão no peito. A palavra era inconfundível. Mais cedo com o John, e agora novamente. A mesma voz de mulher sussurrando próximo ao seu ouvido. Ela olhou ao redor. Sim, estava só. A casa era de um único cômodo, não existia onde alguém pudesse se esconder.

A segunda visão, assim sua avó a chamava. Intuição. Mas isto pareceu diferente. Esta voz estava... fora dela. Ridículo! Quando tinha acontecido antes, John não pareceu ouvir qualquer coisa. Isto deve ser sua intuição. Nada mais.

A janela acima da pia estremeceu.

"Parta".

Coincidência. Sua segunda visão não poderia fazer o vento soprar.

—Para onde eu irei?

"Longe".

Isso deve ter sido sua imaginação, não sua intuição. Pensamentos tendenciosos.

Seu rosto poderia ser assustador, mas sentia que John não o era.

Ela sabia que não deveria julgar um homem pelos seus olhares. Mas, seu comportamento também tinha sido assustador. Frio e hostil.

Por que ele decidiu casar com ela afinal depois de tanta recusa? Talvez ele não quisesse que Kathleen, sua vizinha, soubesse.

E se mudasse de idéia novamente? Ele não a queria. Não como uma esposa, não como mulher. Mas deu-lhe um olhar, uma única vez, o tipo de olhar que tinha visto em outros homens. O tipo que sua mãe e irmãos a advertiram. Aquele olhar que desnuda e sentiu um calor que se espalhou por suas costas até suas pernas

Seu irmão Pietro conversou sobre isto, o que acontecia entre homens e mulheres. Colocando para correr homens não confiantes que a olhavam daquele modo.

Ma John seria seu marido, então ele faria aquelas coisas para ela. John, com seu rosto marcado, sobrancelhas pretas fechadas e cicatriz perturbadoras. Ele a despiria deitaria com ela embaixo na cama estreita e acariciaria...

Sentiu um tremor em seu estomago e uma palpitação, quando lembrou o modo com ela a olhava. Aquele olhar. Ela teria que deixá-lo fazer aquelas coisas nela, mas somente depois de casado. Sua mãe havia advertido que não o deixasse estar entre suas pernas até que estivessem casados.

Mas se ela o afastasse completamente, ele poderia a enviar para longe. Não, ela tinha que fazer o certo, ele podia continuar olhando-a daquele modo, querendo-a... mas não podia deixá-lo levar sua virgindade. Ela não podia arriscar a ser mandada embora, mas não poderia ceder.

Talvez, ela podia convencê-lo a casar-se amanhã. Então não teria o que temer. Nada a temer? Sim, há. Nada além dele estar entre suas pernas e penetrá-la com seu membro, em cima e dentro dela. Sabia que a primeira vez machucaria, sua mãe havia dito. Não entendia porque algumas mulheres faziam isto de boa vontade, com homens que não eram casadas.

Não deveria se preocupar com isto agora. Primeiro ela provaria que podia ser uma boa esposa. Não boa o suficiente.

Basta! Pare! Nunca antes teve suas vozes internas tão cruéis. O melhor era se ocupar de algo, pois quando as mãos estavam ocupadas, sua segunda visão ficava quieta.

Quanto mais trabalho fizesse antes dele voltar, mais ele queria casar com ela. Ela fez um trabalho maravilhoso, limpando a casa. Um trabalho que disse ser desnecessário. Agora ela iria lavar suas roupas e os lençóis da cama. Sua cama.

Espanou as migalhas do pão, recolhendo-os na mão e jogando na pia. Então foi ao lado de fora para verificar a água para lavar a roupa. Mas cedo, não havia visto duas tinas de lata enormes no celeiro e as trouxe. Agora as tinas estavam no fogão em cima de uma grelha com água fervendo em ambas.

O vento provocou um calafrio, estava muito frio e estava sem um casaco. Com o calor do fogo e a água fervendo, mais o trabalho pesado de lavar as roupas, ela logo estaria suando.

Colocou uma concha de sabão na primeira tina e misturou com um pedaço de pau até que dissolveu. Lançou algumas das roupas sujas à água fervente e foi adicionando, até que a tina estava na metade. Mexeu lentamente, buscando sua força, era um trabalho difícil.

Difíceis. Esta era uma palavra inglesa. Aprenderia inglês. Ele pensou que ela era estúpida, mas provaria que estava errado. Aprenderia inglês, como ordenhar sua vaca e a fazer tudo que Francesca fez para ele.

Tudo.

"Você podia nunca fazer o suficiente".

Ofegou. As palavras tinham sido tão claras com o vento, uma voz de mulher e definitivamente não era da sua própria consciência.

—Francesca?

Mas por que sua irmã diria coisas tão cruéis?

Nenhuma resposta, nenhum som, somente o ranger da madeira que queimava debaixo da grelha.

Refletiu, então sorriu. A semente do mal não era real. A voz dever ser sua imaginação, a tensão de encontrar um homem que não a quis, em conjunto com a nostalgia de pesar pela morte de sua Irmã. Pobre Francesca.

Por que alguns eram levados e outros ficavam?

No barco deplorável, estava apavorada do que seria seu futuro e quis morrer. Outros tinham morrido. Mas sobreviveu e somente Deus sabe por que. Agora tiraria o maior proveito da vida preciosa, ainda que não fosse a vida que sonhasse.

Um ano atrás, sonhou com um amor. No Dia dos Namorados não menos que cinco homens lhe deram flores e três a beijaram. Esperou se apaixonar por um deles, até casar. Em menos de uma semana seria o Dia dos Namorados, mas não receberia nenhuma flor este ano.

Suficiente. Ela não tinha nenhuma razão para se lamentar. No barco, tinha prometido olhar para o futuro, não para o passado. E nenhuma voz suspeita iria atrapalhá-la.

Trocou a brisa, soprando fumaça e calor do fogo em seu rosto. Girou e olhou ao longe. Um jardim minúsculo, desolado entre a casa e o celeiro, estava completamente seco, parecia que o vento cutucava no cobertor de neve.

No outro lado da casa, uma dúzia de galinhas cacarejava e tremiam em uma pequena gaiola. Podia cuidar das galinhas, alimentá-las, recolher os ovos. Sabia fazer isto.

A fazenda ficava no meio das colinas e gostava da aldeia que ficava próximo da casa, em Toscana.

Pietro disse que chovia muito na Pensylvania e aquela colinas deveriam ser bonitas quando verdes e não estivessem cobertas de neve.

Era tempo de enxaguar as roupas, usando um pau comprido para erguer as roupas molhadas da tina de água com sabão para a de água limpa. Cerrou sua mandíbula com a tensão, quando terminou apoiou-se no pau, arquejando. Seus braços doíam e seu vestido estava encharcado de suor. Depois de ganhar fôlego, pôs o resto das roupas sujas na água com sabão.

O ventou assobiou ao seu redor. Ainda bem que não tinha muita roupa ou teria que fazer mais duas tinas para poder lavá-las.

Viu seu vestido todo suado. Seus braços doloridos tremiam quando ela ergueu as mãos para abrir os botões, tirou o vestuário e colocou na água com sabão.

Deveria estar congelando, mas o fogo a mantinha quente. E, pelo menos, seus irmãos não estavam ali para arreliar sobre sua nudez. Ninguém a veria.

John pegou a pesada viga de madeira, curvando para equilibrá-la em suas costas. Alcançando desajeitadamente o saco de pregos a seus pés, apenas conseguiu um par. Estava em um ângulo estranho. Girou cuidadosamente, usando uma mão para manter a viga fixa em suas costas, pois se caísse e fosse ao chão, os pregos rasgaria suas costas e teria que começar tudo de novo. Bateu os pregos do outro lado, cautelosamente travou a viga. Segurou.

Suas costas deram uma punção à medida que se endireitou. Cambaleou um pouco e bateu mais pregos, consertando uma nova parte. Bem, a última fratura esta fixa. Com o seu antebraço passou nas sobranceiras enxugando o suor com a manga do casaco. Mesmo no frio, remendando uma cerca o trabalho era duro e calorento.

Em uma próxima vez ele veria se aquela menina inútil o ajudaria. Pelo menos, podia ir dando os pregos.

—Oi. - chamou uma voz de mulher.

Girando, semicerrou os olhos do sol do inverso e viu Kathleen e seu primogênito caminhando em sua direção, ao lado da cerca. Ela deveria estar verificando o menino que mais cedo, cortava uma árvore de carvalho que estava podre. John planejou ajudá-lo quando tivesse consertado a cerca.

Caminhando até a cerca foi ao encontro deles. Estavam debruçados na cerca superior e acenando a cabeça ao Bill, o menino mais jovem tinha quase dezessete e parecia maduro.

—Como é Mariana? - Bill perguntou.

Por que o rapaz se importava?

—Ela é boa, suponho. - sua respiração soltou uma nuvem pequena de ar frio.

—Ela caminhava longe da cidade, antes que nós a levássemos para cima de manhã. Eu espero que não se resfrie. - Bill falava sem encontrar o seu olhar.

Não tinha qualquer resposta para aquilo, mas de tão magra que era, provavelmente pegaria algo até pior.

—Obrigada por levá-la para cima.

—Oh, nós tivemos muito prazer em dar um passeio. - Kathleen respondeu. - Não é mesmo, Billy?

O rosto de Billy estava rubro, talvez não gostasse do apelido infantil. Ele tinha pedido ao John há um tempo que o chamasse de Bill, e entendeu que o menino quis se tratado como um homem.

—Billy gastou algum tempo conversando com ela - continuou Kathleen - Melhorando o seu inglês.

—Precisa ser melhorado - John admitiu

—Ela é mais esperta do que parece. - Bill disse, então foi da beterraba ao vermelho. - Eu quero dizer que... ela é realmente esperta.

—Sim, estou certa que ela é uma garota inteligente. Billy, você acha que consegue derrubar a árvore até o pôr-do-sol? - Kathleen passando a mão em sua cabeça.

O menino assentiu com a cabeça, e olhou de relance a John.

—Você dirá a Mariana que eu disse oi?

—Pode estar certo.

Assistiu o rapaz caminhar de volta em direção a árvore que ele estava cortando. Quando estava a uma boa distância, Kathleen falou:

—Eu tenho medo que Billy se encante com a doçura de Mariana.

Kathleen deveria estar brincando, mas o menino parecia realmente agitado.

—Doçura em Mariana? - repetiu estupidamente.

— Acho melhor você se acostumar a isto, John. Espero que metade dos homens deste município esteja uivando em cima daquela jovem mulher se eles colocarem os olhos nela. E com o Dia dos Namorados na semana que vem, com um pouco de romance podem tentar namorá-la longe de você - Movimentou a cabeça dando um sorriso forçado.

Dia dos Namorados. Ele bufou. Por que as mulheres pensavam ser um dia especial, ele nunca entenderia. E nenhum homem viria atrás da pequena Mariana.

—Agora você está brincando comigo, Kathleen.

Dando um sorriso do modo com ela sempre fazia na escola quando brincava com ele.

—Tem um longo tempo desde que tivemos uma moça tão bonita nestas bandas. Estarão escrevendo poemas em breve.

Que idéia mais tola, a menina era completamente esquelética. Mas quando ela sorria... bem, então.....

—Eu espero que ela seja bonita suficiente a sua maneira. - encolheu os ombros.

Kathleen já estava indo, voltou-se e riu.

—Bonita o suficiente? Não há necessidade de melhorar, jovem homem. Eu tenho olhos, sabe. A menina é toda beleza e isto é um fato.

Uma beleza. Mariana, uma beleza? Seus olhos eram bonitos, mas ele viu olhos azuis antes.

—Seus olhos são bonitos, mas comuns fora de Toscana.

Kathleen riu novamente.

—Você já partiu da terra? Deve estar cego.

Sorriu de volta. Kathleen sempre o arreliou, como se fosse sua irmã mais velha, que nunca teve.

—Você precisa admitir que ela é um tanto magra.

—O que é magra para um homem italiano é delicado e esbelto para qualquer outro homem. Mas sim, ela é um pouco magra. Ela não lhe disse? Esteve terrivelmente doente no barco, algum tipo de febre. Ficou de quarentena na Ilha Ellis por quatro semanas, depois de atracar. - estalando sua língua, repreendendo. - Eu ouvi que centenas de imigrantes morreram nos últimos dois meses. Ela teve sorte!

Ela tinha tido sorte. Havia visto famílias inteiras morrerem de febre. Francesca morreu de uma febre.

—Com alguma boa comida, ela preencherá nos lugares adequados. Então os homens estarão uivando ao seu redor como os lobos à lua. - Ela riu - Com excessão de você, Sr. Homem Cego.

Inferno! Não era cego. Ele a tinha enxergado como mulher. Endireitou-se.

—Não queria mante-la em pé neste frio. É melhor voltar ao trabalho.

—Faça isto. E diga a Mariana que eu disse oi também. - seu sorriso alargado.

Ele movimentou a cabeça se despedindo e pegou as ferramentas. Estava inquieto, a cerca estava pronta e pensou em voltar mais tarde para ajudar Bill com a árvore.

Uma vez que, as ferramentas estão guardadas no celeiro, iria verificar Mariana, ver que tipo de tarefas ela estava fazendo. Indo pela parte de trás do celeiro, suas botas deixavam marcadas na neve. Sua terra era pequena, apenas quatro acres. O suficiente para percorrer em menos de meia hora. E sem o dinheiro dos pais de Francesca ele nunca conseguiria aumentar. Planejou pedir a Kathleen para lhe vender alguns acres de sua fazenda, tinha terra demais para ela e os meninos trabalharem e não plantava algodão para não contratar mão-de-obra.

Não teria o dinheiro para comprar nada dela agora. Não. Ao invés disto tinha uma esposa.

Dobrou a esquina do celeiro e viu Mariana, quase nua. Selvagem, torcendo roupas brancas. O fogo estava queimando abaixo de duas tinas. Devia estar quase terminando. Tirou seu gorro. Aliás, seu gorro e a maior parte de suas roupas. Seu cabelo era loiro, de um rico dourado. Mas não fixou muito, tinha outras partes para ver.

Sua roupa íntima era até mais puído que o vestido. Empapada com suor e o vapor, o tecido branco transparente colava ao seu corpo. Sim, ela era magra e seus peitos pequenos, mas firmes e redondos. Mamilos escuros marcavam o pano. Tentador. Suas pernas eram longas e esbeltas.

Ela se debruçou puxando o tecido da tina e soltou um gemido. Um gemido de agonia, mas para ele soou como um gemido de prazer.

Deus, ele era um homem mau. E o quão mau era ela que estava fora no frio gelado e sem roupas, mostrando o seu corpo para qualquer um ver? Teria sorte de não morresse.

—O que está fazendo aqui fora quase nua?

Ela sobressaltou, mas não disse nada. Havia olheiras e seus cabelos caindo no rosto, parecia muito cansada para conversar.

Desenrolando um pano, cambaleou um pouco e estremecendo lançou o tecido na tina maior.

—Muito quente - disse - Muito quente para roupas. - debruçou contra a tina, muito fraca para insistir.

Ele teria que ajudar a torcer a roupa. Mas quando examinou as tinas, achou muito cheia.

— Acabei de terminar - disse em italiano e piscando tentou falar em inglês - Eu fiz. Eu acabei.

Parecendo fatigada, com seu rosto sem expressão e seu cabelo enrolado devido a umidade. Sabia as contrações. Bill estava certo, era muito esperta. Ele levantou uma das tinas de roupas e dirigiu-se para casa.

—Traga o resto.

—Eu não posso - disse lamentando-se.

Ele parou e a olhou. Estava em pé estática, quando o seu olhar foi para o seu corpo, ela choramingou e corou, mas não se cobriu.

—O que está errado? - perguntou com uma carranca.

Olhando para suas mãos, ela disse:

—Meus braços... - seus braços estavam tremendos, ele podia ver desta distância. - Eu não posso mover meus braços - ela disse em italiano, soando apavorada.

Soltando a tina foi até ela, tentando ignorar os peitos atrevidos que empinavam. Seus mamilos eram cheios, os mais cheios que ele já tinha visto. Como seriam eles em sua boca, contra a sua língua? Seu pênis ganhou vida e ergueu-se contra suas calças. Alcançando pegou os seus braços. Deus, suas mãos mais que a circulo, os músculos retesados sobre os seus dedos. A maldita menina trabalhou muito duro. Nenhuma surpresa dos músculos terem se rebelado. E quem o inferno pediu para que ela lavasse a roupa? Havia dito que não precisava que ninguém limpasse nada para ele. Suspirou.

—Vá para dentro - as palavras saíram em italiano.

—Que tal roupas? - olhando para ele.

Sua mandíbula estava cerrada. Ela pensou que podia fazer qualquer coisa para ajudar? Podia levantar suas mãos e cobrir os seus seios de seu olhar. Sem conseguir desviar a vista olhou aqueles mamilos escuros e cheios.

—Não seja teimosa, menina. Faça como eu digo. Vá para dentro e se sente.

Lançando toda a roupa molhada na maior das duas tinas, levou para dentro. Ela não podia ter erguido esta tina. Porque começou uma tarefa se não tinha forças para terminar?

Quando entrou, estava sentada à mesa com a cabeça curvada. A cama estava sem lençóis, os cobertores dobrados. A pilha de roupas sujas que estavam no canto, faltava. Ela lavou todas as roupas suja, não era a toa que os seus braços doíam.

E a casa... a casa estava limpa, também. A cômoda, a mesa e até as cadeiras estavam sem pó e polidas. Suas botas não mais grudavam no chão. Condenada. Não precisava dela para limpar seu lugar. Mas agora que ela estava ali, bem... podia fazer duas tarefas. Limpar e esquentar sua cama. Não precisa de braços fortes para realizá-las.

Acendeu o fogo do fogão. Ela havia limpado todas as panelas. Não havia dúvidas que precisaria de água quente para lavar a roupa.

—Eu não sou sempre fraca - disse em inglês

—Não comece uma tarefa que você não consegue terminar.

Pegando uma corda fina, bateu uns pregos nas paredes, fazendo um varal. Pegou um dos tecidos, agitou e pendurou acima na corda.

—Eu quero ajudar você - disse

—Somente se sente - o repouso era a única coisa que curaria seus músculos cansados. Repouso e calor. Quando terminasse as roupas, encheria uma tina com água quente para ela. E voltaria ao campo para ajudar Bill com aquela árvore.

—Está muito frio para estender roupas. Perguntei-me como iria pendurá-las dentro de casa.

Ele não podia pensar em qualquer resposta. Tudo o que ele queria era soltar as malditas roupas, pegá-la, e a colocar na cama nua... sentir aqueles mamilos cheios, rígidos contra o seu peito. Ainda que ela não fosse virgem, ele tentaria ser gentil quando a tivesse a

primeira vez. Iria tratá-la melhor que a primeira esposa. E não iria para cama com ela de dia, quando podia ver o seu rosto. Quando podia assustá-la e soluçar. Ao lembrar, franziu o cenho.

—Existe algum homem? - perguntou, mas sua voz soou como um grito no silêncio do quarto.

—O que?

—Na Itália. - disse baixando seu tom de voz. - Tinha lá um homem especial, alguém que gostou de você? Em Tuscany?

—Não. - disse suavemente, soando triste. Muito triste para estar dizendo a verdade. Com aquele glamoroso sorriso, ela provavelmente teria hordas de homens escrevendo-lhe poesias, como Kathleen disse. Bufou e pendurou mais roupas.

—Uma mulher como você, ninguém a teve cortejando?

Olhou-o e deu um sorriso reluzente. Ele quase soltou a camiseta molhada que estava segurando.

—Obrigada - ela disse.

O que estava agradecendo? Oh, deve ter pensado que ele a achou bonita. Inferno.

—Existiam homens... existiam homens me cortejando - continuou - Mas não existia um homem especial.

Talvez ela mentisse. Francesca tinha. Achou as cartas depois que ela morreu o homem que ela esperou casar, muito pobre para pagar o preço de seu pai.

Mas que escolha tinha estas meninas pobres? Primeiro que estavam à mercê do pai avaro e depois a mercê do homem que as comprou. Não podia culpá-las.

Pendurou o último tecido, seu vestido patético.

- Tire suas roupas íntimas.

—O que? - ela ofegou

Ela sempre o faria desperdiçar sua respiração? Levando a tina vazia para o fogão, ficou mais perto.

—Você me ouviu.

Erguendo uma panela de água quente despejou na tina. Adicionou água fria, o suficiente para abaixar a temperatura da fervente. E ela continuava no mesmo lugar com as roupas molhada. Tudo ela teria que questionar? Pelo menos Francesca acatava suas ordens sem questionar.

—Seus braços melhorarão depois do calor de um banho. Agora tire as roupas.

Embora quisesse assistir, girou ficando de costas para ela, olhando a janela. A luz cinza do inverno ia desvanecendo e logo estaria escuro. E iria para cama com ela na escuridão. Uma verdadeira benção, não poderia ver seu resto feio e ele não veria o seu corpo. Para uma mulher magra até que despertou bastante o seu corpo.

—Eu posso tomar banho com eles.

Como se já não tivesse visto o bastante dela. Uma coisa boa era que nunca recebia visitas. E ninguém a veria assim. O jovem Bill podia a ter visto assim. Sua mão fechou em um punho.

—Se eu pendurar suas coisas agora estarão secas pela manhã.

—Muito bem. - havia aprendido a frase.

Quando ofegou, examinou seu ombro. Estava lutando para tirar as roupas e havia machucado seus ombros doloridos. Estava afastada e não viu que a assistia tirar as roupas úmidas vendo-as cair no chão. Seus ombros eram mais largos do que ele imaginava, sua pele pálida em um tom rosado, mas suas costas e omoplatas eram puro osso. Ainda que algum dia tivesse carne ela continuaria magra. Mais magra do que ele gostava em uma mulher.

Mas, quando ela foi até as gavetas e se curvou, sua respiração parou. Mãe de Deus, ela tinha uma traseiro perfeito. Sua cintura estreita, esbelta, enfatizando as curvas maravilhosas de seus quadris, redondos globos pálidos de suas nádegas. Sua boca secou e seu pênis contraiu.

Algum dia, se ela permitisse isto e gostasse de sexo, se... ele fosse sortudo, a tomaria por detrás. Ele a poria de joelhos apoiadas em suas mãos, ajoalheria atrás dela...

Existia luz suficiente para ver. Ele seguraria aqueles largos quadris e olharia aquele traseiro glorioso, foderia ela. Seu cabelo loiro iria cair sobre os seus ombros quando ela se movesse com ele... iria enterrar seu rosto no colchão, tentando amortizar seus gritos de prazer.

Ela moveu ligeiramente, virando-se e depressa afastou os pensamentos assim ela não o veria a olhando. Outros homens tiveram estes pensamentos luxuriosos sobre suas esposas? Nunca saberia. Ainda que ele tivesse amigos para perguntar era um assunto muito pessoal.

Já tinha ouvido homens alardearem sobre suas conquistas, mas nunca falavam de suas esposas.

Ela ofegou e arquejando soltou um vapor desenhando o ar. Imaginou ela fazendo aqueles sons embaixo dele. Suficiente. Girou e viu somente sua cabeça acima da extremidade da tina. De alguma forma tinha conseguido dobrar seus joelhos e colocando o seu queixo. Seus ombros estavam sob a água. Bom. O calor acalmaria seus músculos doloridos. Levantando as roupas descartadas as pendurou no varal.

Tinha que sair dali. O ar frio resfriaria o seu pênis. Iria achar o Bill e ajudá-lo com a árvore podre. E ouvir mais sobre o quão esperta e desejável a achava Bill. Que seja, maldição! Bem, pelo mesmo estaria decentemente vestida quando voltasse e seria melhor estar.

Encolhendo os ombros em seu casado, abriu a porta e ouvi-a chamar seu nome suavemente. Fechando a porta, respondeu:

—Sim.

—Por favor, você me daria o sabão?

Até que seu inglês não era tão terrível. Em orações simples, se saía bem. Manteve o olhar em seu rosto e levou-lhe a lata de sabão e uma toalha de rosto. Senhor, seu rosto estava tão vermelho, parecendo uma beterraba. Talvez ela fosse virgem afinal, ou era a visão dele que fez o seu rubor. O pensamento de um homem feio vendo a sua nudez. Ela pegou o sabão e estremeceu.

—Não use seus braços.

Tirando o casaco, arrastou uma cadeira e posicionou-se atrás da tina. Ele podia ver o seu seio, sem que ela percebesse.

—Eu te lavarei.

Olhou-o boquiaberta e cobriu seus peitos com os braços cruzados.

—Você não pode.

—Você está incapacitada. Eu te ajudarei agora para que possa trabalhar amanhã. - *e então eu possa-te foder hoje à noite*, pensou.

Viu ceticismo em seus olhos, mas não verbalizou, talvez não soubesse a palavra em inglês. Deus o ajudasse quando dominasse o idioma, já tagarelava sem o conhecer.

Mergulhou a toalha na tina, cuidadoso sem a tocar ainda.

—Se você continuar usando seus braços doloridos, eles demorarão mais para melhorar.

Ela virou-se e deixou cair sua cabeça. Com seus cabelos erguidos no alto em um nó frouxo, a curva de seu pescoço tenro estava exposta. Seu rubor indo até atrás de seu pescoço. O quão alto pularia se ele desse um beijo lá?

Debruçou-se o suficiente para arrumar seus cabelos atrás de seu pescoço, exalando.

—Não fique envergonhada.

Ela abaixou seu rosto mais a frente, descansando contra seus braços dobrados.

—Eu não posso ajudá-lo.

—Ajudaria se eu tirasse a minha roupa também? - ele sorriu.

—Não. - seu pescoço estava muito vermelho, não deveria ter caçoado dela.

—Desculpe.

—Não, eu sinto muito ser... causar... eu quis fazer as tarefas hoje.

—Você não é forte o suficiente para fazer tudo. - talvez nunca o fosse - Mas você trabalhou duro. - mordeu a língua para não adicionar que agora seria inútil por vários dias.

Limitou-se a esfregar sabão no pano e com a espuma esfregar suavemente seu pescoço. Ela relaxou um pouco, dando a ele maior espaço entre o seu corpo e a extremidade da tina. Agora ele chegaria a lavar seu maravilhoso traseiro.

—Levante - disse rouco.

Não tinha dúvidas que ela discutiria sobre isto, mas foi obediente e, para sua surpresa levantou seu traseiro molhado na altura de seu rosto. Seu primeiro desejo foi beijar, lamber, beliscar aquela carne generosa. Ele cerrou os dentes. Não, ele não podia a surpreender assim. Lavou sua magnífica parte inferior, cuidadoso de não deixar suas mãos calosas tocar em sua pele sedosa. Movimentou-se na cadeira ajustando o seu pênis duro em uma posição mais confortável em sua calça. Logo, prometeu ao seu dolorido amigo.

Alcançou seu estômago e rodando o pano foi subindo ao redor de seus peitos, acima de suas clavículas e em cima de seu pescoço. Não ousou tocar em seus peitos do jeito que gostaria; ou ela fugiria como um coelho assustado se a tocasse muito intimamente. Mas podia sentir vagamente através do pano, montículos suaves de carne feminina que subiam e desciam. Respiração curta. Isto era suficiente. Quase suficiente.

Inferno, não era quase suficiente.

Abaixou o trapo para lavar sua barriga e suas coxas, indo de um lado a outro. O pano tocou um seus pelos púbicos. Um homem mais valente que ele a levaria para cama agora. Acenderia a luz e a levaria para a cama, enchendo o seu corpo nu ao levantar as suas pernas. Um grunhido ecoou em sua cabeça e respirou fundo. Deus, não estava respirando. Estava mais nervoso agora do que com sua primeira mulher. Não tinha sido experiente o suficiente por isto estava nervoso, não sabia os modos que um homem poderia machucar uma mulher e vice-versa.

Basta desta tortura!

Levantou seus braços e apertou o pano em suas mãos.

—Faça o resto - disse com voz áspera. E sem olhá-la, enxaguou sua mão, indo embora. Foi para longe, onde não a podia ver. Não precisava ver seu arfar, aquelas pernas longas fora da tina ou assistir o pano deslizar para dentro de sua coxa, desejando que fosse a sua própria mão.

Não podia ficar ali a noite toda. Ah, ceia. A comida o acalmaria. A caixa de pão estava vazia, ela devia ter estado com fome depois do almoço, havia comido menos que ele. E estava com fome.

Abriu o alçapão e entrou no porão frio e minúsculo, tomando cuidado para manter sua cabeça curvada no espaço estreito. Teriam que fazer uma comida simples para a ceia.

Ele pegou um pedaço de presunto, uma roda de queijo, e um pão das prateleiras. No inverno a comida era escassa, mas a primavera estava a caminho.

Tinha somente um pão sobrando, talvez ela pudesse assar mais. Certamente não tão longo com aqueles braços esqueléticos. Por favor, Senhor, que ela seja capaz de realizar só uma tarefa útil, uma que não seja me deixar louco de desejo.

Subindo de volta a escada estreita, colocou a comida na mesa. Ela estava quieta imersa na tina, mas o pano e o sabão repousavam no chão.

Com uma faca fez depressa um sanduíche. Entregou um pano seco:

—Aqui.

Olhando para cima, em surpresa, sorriu quando viu o que segurava.

—Obrigada, John. - secou suas mãos e tomou o sanduíche. Sua primeira mordida foi generosa, talvez de continuasse comendo assim, colocaria um pouco de carne em seus ossos.

Comeu seu próprio sanduíche à mesa, lentamente, olhando fixamente o sol e a luz fraca de uma lua do inverno que já adentrava ao quarto. Cobrindo a escuridão.

Quando ela terminou o sanduíche, secou o rosto com o pano que lhe deu.

—Eu... você tem uma toalha? - usou a palavra toalha em italiano. Então ele escreveu na lousa.

—Eu tenho aqui. - abriu uma gaveta e levou para ela.

Ela foi para alcançar, mas ele negou com sua cabeça, segurando.

—Levante-se.

Ela hesitou.

—Por favor, você poderia não olhar?

Ele fechou seus olhos e ouviu a água escorrer pelo seu corpo e a toalha ser puxada de sua mão. Contou até dez uma vez, então contou novamente. Quando abriu os olhos estava com a toalha enrolada, uma mão fechou-a na garganta e a outra puxando a ponta para o joelho.

— Deixe-me secar você. - não podia dizer as palavras, mas não agüentaria se ela o recusa-se. Moveu-se para trás dela novamente, onde não ela não poderia ver-lhe o rosto causando repulsão. Pôs as mãos ao seu redor, cautelosamente acima de sua barriga. Sua respiração acelerada. Poderia ser fraca, mas ainda mulher.

Uma mulher com curvas, forma de mulher, odor de mulher. Melhor, seu odor era limpo e fresco, perfume suave - não forte como gostava as prostitutas - Não tinha estado perto de uma mulher em muito tempo e uma que cheirasse tão doce.

Ela se afastou. Deus, não. Ainda não. Queria segurá-la mais apertado, mas nunca forçaria. Deixaria ela ir. Saindo da tina, ficou passivamente de costas para ele. Esperando. Esperando ele.

Suas mãos tremiam quando vagaram acima de sua barriga, através das suas coxas e na curva de seus peitos. Ele podia senti-la através da maldita toalha.

Mas mesmo assim, existia qualquer coisa mais maravilhosa que sentir o corpo de uma mulher? Explorando suas formas? Imaginando o que ela quer?

Não.

Nada mais maravilhoso já tinha acontecido a ele.

Então ela abaixou a toalha até sua cintura e suas mãos tocaram sua pele úmida, sedosa.

CAPITULO 3

Mariana se recostou no calor sólido do peito de John como se suas mãos fossem mágicas em seu corpo. Ela nunca imaginaria que o toque de um homem poderia a fazer ficar quente. Suas mãos eram ásperas e com calos, mas gentil. Tão gentil. Que estranho, seu afago era suave. Poderia fazê-la sentir saudades. Quis gemer e lamentou estar em pé, frustrada. E ainda não queria que parasse. Nunca quis que parasse. Seus lábios tocaram seu pescoço, beijando e... Oh, mordeu-a, mas não machucou, lambeu o lugar e, ela estremeceu com a respiração quente em sua pele molhada. Suas mãos acariciaram seus seios, afagou inúmeras vezes, como se não tivesse tocado qualquer coisa tão agradável.

Outros homens a tocaram, por cima de sua roupa. Nada comparado a isto. Sua pele áspera em contato com seus mamilos, sentindo um calor espalhando no seu corpo, fundo entre suas coxas. Sentiu-se vazia... dor.... necessidade.

E entendeu por que uma mulher daria seu corpo a um homem sem casar. Por que uma mulher de bom grado se recostava e abria ao homem suas pernas. Conheceu um homem que podia fazer dor a uma mulher. Quanto John podia fazer sua dor.

John com seu olhar feroz, sua cicatriz, voz áspera e mãos calosas, mas gentil, atormentando-a. Quis que John a apertasse naquela cama estreita e ficasse no meio de suas pernas. Cobrindo-a com seu corpo enorme... e dentro dela.

Sim.

A toalha deslizou pelos seus dedos nervosos, caindo sobre a poça d'água a seus pés. Sentiu o tecido áspero da calça contra sua parte inferior nua, sentiu a protuberância de seu membro em suas nádegas. A parte que iria dentro dela e levaria a sua virgindade para sempre.

Sua mão apertou seu peito cuidadosamente, e o polegar atormentando seu mamilo causando um calor abrasador. A outra mão, muito má, movia acima de suas costelas, acima do estômago, indo abaixo... mais baixo... Ah, ele a tocaria lá? Ele a tomaria por trás, as suas costas e abriria suas pernas? Tomando sua inocência?

Afaste-se dele.

Justo agora foi ouvir a sua segunda visão! Quis escutar, dar-se prazer. Ela quis John mais do que pensava ser possível. Mas, se ele tomasse sua virgindade sem casar-se com ela, estaria arruinada. Para sempre. Ela criou forças, tragou e disse em italiano para que as palavras fizessem sentido. Mais tarde poderia lhe ensinar em inglês.

—Pare. Não!

—Parar? - sua respiração quente em seu pescoço.

—Se... quando você for meu marido, eu nunca me negarei a você. Mas hoje à noite... hoje à noite você não é meu marido. Não ainda.

Seu polegar afagava seu mamilo novamente. Ela apertou seus olhos, negando o prazer.

—Eu serei seu marido logo o bastante. - murmurou em italiano, sua boca achou o lugar sensível em seu pescoço, abaixo de sua orelha, mordiscou suavemente. - Por hoje à noite, Mariana, para esta noite, eu não posso ser o seu amante?

Seus joelhos dobraram trazendo o seu corpo magro para trás, contra ele. Oh, ele sabia como fazer e o quão difícil estava para ela decidir. Tinha medo de despertar sua raiva, não podia estar com ele sem o matrimônio. Pensaria que ela era desprezível, especialmente por ela ter falhado ao lavar a roupa.

E se ele a enviasse para longe, depois de tomar sua inocência? Nenhum homem a quereria.

John quer.

Congelou. Aquela voz etérea novamente. Não era sua consciência, nem sua segunda visão. Deve ser... isto deve ser um espírito. Francesca. Não parecia a voz de Francesca, mas que outro espírito falaria com ela? E em italiano? Sentiu um tremor, apesar do calor dos braços de John a sua volta.

Francesca queria dar prazer a John. O amor do homem que ela não poderia ter no plano terrestre.

Mas, porque antes disse para ir embora, e agora diz para ir para cama com ele? A voz não era de confiança.

—Quando nós podemos casar? Amanhã? - talvez ele não se importasse de esperar um dia. Só mais um dia.

Ele afagou se mamilo novamente, e então moveu sua mão para o seu estômago. Seus seios sentiram a perda do calor, ficando gelado.

—Não até domingo. - respondeu - O pastor não voltará da cidade até domingo.

Estava no meio da semana, estava longe.

—Domingo? Mas... é o Dia dos Namorados... St....

—É? - grunhiu, como se não se importasse.

Era uma coincidência maravilhosa. Vinha pensando sobre o último Dia dos Namorados, de como tinha sido feliz, e agora estaria casada um ano depois. Casada no dia onde o amor era celebrado. Certamente que traria boa sorte ao seu casamento. Sorriu.

—É perfeito casar no Dia dos Namorados.

Ele puxou suas mãos e recuou até que não mais a tocasse. Estava bravo? A mandaria embora, se não se entregasse a ele esta noite?

—Você não pensa que isto será um dia de casamento perfeito? - disse esperançosa. - Um bom presságio?

—Você deseja esperar?

Ela girou sua cabeça. Ele estava nas sombras, com a janela enlutarada atrás e não podia ver-lhe o rosto.

—Sim.

Ele virou seu rosto para a janela, longe dela.

—Até o Dia dos Namorados, então. - disse áspero. Mais áspero que o habitual.

Ela curvou-se e pegou a toalha esquecida, enrolou em seu corpo. Um pouco tarde para modéstia, mas estava fria sem o seu calor a cercando.

—Até o nosso casamento - corrigiu. Viu sua carranca reprovando-a.

—Até o Dia de St. Valentine - disse - Até domingo. Reze para não nevar, ou não haverá casamento.

Mas ainda existiria uma cama, seu significado era claro. Pareceu bravo e feroz.

Enquanto a tocava ele a olhou? Não tinha visto seu rosto. Sem suas mãos nela, sem o seu corpo apertando, contra ela, ela se sentia vazia. E só. Seria tola ao insistir nisso? Seu corpo tinha sido acordado por seu toque e ainda doía fundo, entre suas pernas. Onde ele entraria, se ela o deixasse.

Parecia ser um homem honrado. Pediu para que parasse, e ele parou. Certamente, não a abandonaria depois de tomar sua virgindade. Se acontecesse, ver-se-ia obrigado a casar com ela. E se aquela voz misteriosa era o espírito de Francesca que falava com ela do além, conhecia o seu marido viúvo. Sua irmã quis que ela estivesse ali. Teria sido uma mulher segura e estado com homens que não era seu marido? E eles concordaram em arruiná-la? Ela não se importava. Não se importava com nada.

—John... se você não quiser esperar...

—Sim? - ele soou severo, rosnando em inglês.

Como dizer a ele que havia mudado de idéia? Acharia tolo. Inconstante. Uma mulher estúpida.

—Se você não desejar esperar... - lutou para achar as palavras certas, mesmo que falasse no italiano. - Eu não tenho forças para lutar com você.

Ele andou de volta, como se ela o tivesse atingido.

—Eu nunca forçarei você. Nunca.

—Eu só queria dizer... que quando formos casados, será seu direito... e logo estaremos casados.

—Eu nunca forçarei você. - repetiu. - Nem mesmo quando eu tiver direito. Em mesmo quando for minha esposa. - agarrou seu casaco e foi para a porta. - Coloque algumas roupas - rosnou.

Batendo a porta violentamente, foi para o ar frio, deixando-a nua, próxima a tina de água. Deixou-a antes que pudesse dizer que não havia entendido.

Ela não quis dizer que não tinha forças físicas para lutar, e sim que não podia lutar com ela mesma.

Sua fazenda era pequena, lamentavelmente, mas ele caminhou pelo perímetro por uma hora, esfriando seu sangue. Isto era exatamente por que não precisava de uma esposa. Ele não pensava em deitar com uma mulher há tempos, e então ela apareceu. Agora não podia pensar em nada mais. E estaria pensando nisso nos próximos quatro dias. Quatro longos e agonizantes dias. E noites.

Podia sentir sua pele morna, suave... ainda saboreava sua carne aveludada em sua língua. Quando ela soltou a toalha, ele quis chorar de alívio. Quis gira-la e beijá-la com sua língua, e a tomar ali mesmo no chão.

E ela quis também. Estremeceu em seus braços. Ou tinha tremido de nojo? Ou de medo?

Dia dos Namorados. Somente um romântico desesperado casaria no dia de St. Valentine. A respiração dela ofegou maravilhada quando disse que o domingo era o Dia dos Namorados. Mariana era claramente o pior tipo de romântica desesperada.

Não havia dúvidas que os homens vinham fazendo papel de bobos em cima dela por anos. Provavelmente esperasse flores - em meio do inverno - um cartão feito à mão, e poesia. Poesia olhando em seus olhos.

Ele bufou. Não dele. Casaria-se com ela, e teria-a em sua cama - até seria gentil. Tão gentil quanto ele poderia ser, depois de esperar por quatro noites longas, mas não esperasse nenhuma tolice romântica.

Ela agiu como se isto fosse um casamento de contos de fadas. Como se tivesse cortejado-a. Inferno.

Pagou a seus pais por uma mulher para ajudá-lo no trabalho duro da fazenda. Esquentar sua cama. Seus pais tinham ficado felizes de entregar uma filha - duas filhas - em troca de seu dinheiro.

Mariana era determinada, ao menos. Fraca como era, deve ter estado em longa agonia antes de torcer a última roupa que lavava. Se ela podia suportar tanta dor, talvez suportasse a dor de estar com ele.

Mas ele não causaria dor. Não demais, pelo menos. Inferno, se ela não fosse virgem, ele não a machucaria de forma alguma.

Tropeçou no chão desigual. Talvez devesse desejar que não fosse. Pensar que algum outro homem já houvesse lamentado a dor de seu ato, deu-lhe um prazer egoísta.

E se ela fosse uma virgem, bem, ele faria seu melhor para não causar machucar.

Aquela última prostituta que pagou, mostrou ser experiente, e lhe disse que sempre a mulher é machucada na primeira vez. Agora sabia. Mas, quando tomou sua primeira esposa ele não sabia. Agora sabia como fazer para machucar menos e conhecia como dar prazer a uma mulher. Como tinha dado a Mariana hoje.

Suficiente. Se continuasse pensando sobre transar com sua quase-esposa, ele nunca perderia sua ereção. Como dormiria com ela deitada tão próximo naquela cama estreita?

Olhou em direção à casa de fazenda. A janela lançava um brilho amarelo, suave no frio. A noite estava gelada. Ela deve ter acendido a luminária. Pisou na varanda, fazendo barulho o suficiente para advertir que estava chegando. Deus sabe que não queria surpreendê-la nua, não desde que fez a maldita promessa.

Quando entrou sentiu o calor e fechou a porta, não a viu. A cama estava feita, os cobertos no lugar, mas não estava lá. A roupa estava pendurada e tudo estava quieto. Onde infernos estava?

Tirou o casaco e pendurou, então se lembrou do quarto adicional. Estava deitada no chão entre a tina e o fogão, embrulhada em um único cobertor.

-Que diabo você está fazendo? - não gritou.

Olhou-o com assustados olhos azuis.

-Dormindo?

Sua mandíbula contraiu.

-Entre na maldita cama.

-Eu desejo dormir aqui - disse com o queixo alto, mas a voz oscilando.

-Como o inferno. - andou a passos largos através do cômodo e abaixou-se para levantá-la. Ela gritou feito um rato assustado, mas ele segurou-a firme. Senhor, ele pesava menos que um saco de batatas. Soltou-a na cama.

-Eu dormirei no chão - ele disse. Em um tom que não queria qualquer argumento, pelo menos com Francesca, mas certamente a sua irmã teimosa daria um.

-Mas... esta é sua casa.

Sabia que discutiria.

-Você precisa descansar.

-Então descanse você, John.

-Dormindo no chão endurecerá seus braços e com braços inúteis você não me servirá.

-Por favor, não fique bravo comigo - disse em italiano e seus olhos começaram a lacrimejar, rapidamente piscou.

Ele devia estar de assustar o inferno. Pela cruz, não queria assustá-la. A armação da cama rangeu quando se sentou próximo a ela no colchão.

-Você pensa que se a tivesse em minha cama, quebraria minha promessa?

Ela balançou a cabeça. Mas por que outra razão estaria no chão? Soube por sua amarga experiência que poucas pessoas estavam dispostas a confiar em um homem tão horrível quanto ele. Era da natureza humana não confiar em feios e pensar o melhor das pessoas bonitas. Ela teria que aprender a confiar, afinal não havia dado motivos até agora.

Ele puxou seu cabelo para trás com uma mão. Ela enxugou seus olhos, mas não recuou de seu toque.

-Algumas noites no chão não me machucarão, Mariana.

-Mas...

-Nenhum argumento. - disse. - E amanhã você descansará seus braços, não devia ter feito a cama.

-Feito a cama. - repetiu, então sorriu. - Que maneira estranha de dizer. Eu não fiz a cama. Eu só coloquei roupa na cama.

Quando ela sorria assim, seus pensamentos dispersavam. Parou de olhá-la fixo, desejando que pudesse desenrolar o cobertor e olhar seu corpo por qualquer vestuário púdo que estivesse usando.

-Fique embaixo dos cobertores. - levantou-se. - Eu preciso do cobertor.

Ela desembrulhou-se do cobertor, revelando uma grande camisola de flanela cinza que tinha sido de Francesca. Nada podia ter esfriado seu sangue mais rápido que a vendo com uma das camisolas de Francesca.

-Nós compartilharemos a cama. - ela declarou.

Havia ouvido direito? Sim, ele estava certo disto.

Ela levantou-se de repente e rápido foi à mesa, pegou um dos dicionários, segurou-o próximo a luz, passando página por página.

Ele arrumava o seu cobertor em forma de casulo na cama, enquanto ela procura a palavra.

-Qual o lado? - disse afinal, triunfante. - Qual o lado você quer?
O lado que você estiver. Com você debaixo de mim. Sem aquela camisola.

-Não me importo.

Fechou o livro e caminhou para a cama, ficando muito perto dele, que podia ver uma minúscula sarda em sua fronte.

-Qual o lado? - perguntou novamente.

Que menina teimosa.

-Fique neste lado.

Estaria mais próxima do fogão e longe da porta fria. Ela deslizou na cama, e ele apagou a luminária assim ela não veria suas ceroulas. Entrou na cama e concordou com o seu lado, ficando na beirada. Deus o ajudasse que ela não encostasse suas costas em seu peito durante o sono.

-John?

Não conseguiria dormir se ela continuasse a tagarelar. Ele grunhiu em resposta.

-Obrigada por cumprir sua promessa. - disse suavemente.

Bem, o que esperava? Ela pediu que promettesse. E como legiões de homens antes dele tinham sido incapaz de negar algo a uma mulher.

-Nós estaremos casados logo. - respondeu.

E então ela não o recusaria, pois se ela o fizesse, enlouqueceria.

Sonhou com ela, claro. Ela girava para ele durante o seu sono, apertava-se contra ele, erguendo seus lábios para os seus. Seus dedos tocavam seus sedosos cabelos.

Beijou-a como beijaria uma prostituta, lambendo e indo fundo dentro de sua boca, sentindo as extremidades de seus dentes, o roçar e deslizar de sua própria língua. Sua mão segurando sua nuca, mantendo-a quieta, enquanto saqueava sua boca. Ela gemeu, mas não conseguiu entender. Protesto? Rendição? Desejo? Inferno, era seu sonho. Claro que ela o desejava no sonho.

Ofegando, buscou ar e quebrou o beijo. Ao senti-la se afastando, puxou-a envolvendo-a em seus braços. Ele esfregou seu rosto nos cabelos emaranhados, descobrindo sua orelha, e mordiscou o lóbulo, lambendo ao longo da extremidade.

Na escuridão, sem visão, só existiu o toque e o som. O peso dos cobertores, o calor de seu corpo, a suavidade de sua pele, os pequenos suspiros e respirações ofegantes. Ela fez como ele e mordiscou junto ao seu pescoço. Ele rolou para o seu lado, olhando-a, e sua mão deslizou a delicada pele de sua coluna. Indo mais abaixo, fechou suas mãos gananciosas, em seu lindo traseiro, trazendo-a para mais perto. Seu pênis dolorido pressionava contra sua barriga, Afastou seus quadris, como se estivesse profundamente dentro dela. Inferno, isto era um sonho. Ele podia fodê-la em seus sonhos.

Seus dedos magros pouco acariciavam seu braço, arrastou-as afastando de seu traseiro. Ele puxou contra ela, resistindo, mas ela pegou sua mão colocando entre eles... e, em seguida ele encontrou sua mão em seu seio.

Gemeu e afagou seus seios através da flanela espessa, mas suave de sua camisola. Maldita, flanela. Ele desejou a flanela longe, mas seu sonho não cooperou. Arrastou o decote de seu vestido, frenético para chegar à pele macia, tomar o mamilo duro em sua boca. Ela agarrou sua mão.

-John. John. Basta. Basta. Pare. - sua voz penetrou a névoa de sono.

Bom Senhor, ele a estava agarrando e ele realmente puxava sua camisola, tentando rasgá-la.

Ele tirou sua mão e escondeu. O quarto ainda estava escuro, e um solitário pássaro cantava do lado de fora, avisando que estava perto de amanhecer.

Deus, não era melhor que um animal. Rasgando suas roupas, extasiando seu sonho, e aqui ele ofegante tentando recuperar seu fôlego, como um homem demente. Ele se desculparia. E terminaria sua noite no chão. O chão não seria tão duro quanto o seu pênis dolorido.

Sua pequena mão apalpava em seu peito, seu ombro, seu braço, até que achou sua mão. Seus dedos apertaram os seus com mais força, que ele não imaginava que possuísse.

-Não é problema, John - sussurrou. Perdoando ele. - Você está dormindo. Nós dois estávamos dormindo.

Então ela ergueu sua mão, apertou e deu-lhe um beijo em seu dedo indicador. Deus o ajudasse! Ele queria trazê-la contra ele, sentir aqueles lábios contra sua boca novamente. Pele de seda acariciando sua mão - sua bochecha, sem dúvida. Ela trouxe sua mão até o seu peito, e ele sentiu que desajeitadamente... ela estava abrindo seus botões?

E sentiu que a palma de sua mão estava em seu seio nu, um mamilo duro em seus dedos.

Deus, ela... ela queria isto? Inferno, ela pôs sua própria mão em sua pele, mas que idiota era para questionar a sua boa sorte.

-Eu não possuirei você. - murmurou - Juro que não a possuirei. Só me deixe... só me deixe tocá-la.

CAPITULO 5

Para John passou uma eternidade antes que ela respondesse. Não sentia nada mais que o inchado e convidativo seio debaixo de sua mão, imóvel, nada além da respiração e o canto do pássaro lá fora.

-Muito bem. - sussurrou, arqueou um pouco, apertando seu seio pequeno e firme em sua mão.

Muito bem, realmente. Apertou e afagou, sentindo o aveludado de sua pele. Então, buscando maior intimidade, se debruçou e buscou sua boca, passando a mão em seus cabelos, encontrou a maçã do rosto, seu queixo e finalmente sua boca. Beijou-a suavemente, se contendo. Podia ser gentil, um movimento errado e ela podia se assustar e morreria. Sabia o suficiente para ir devagar. Em quanto tempo poderia empurrar sua língua em sua boca? Ou poder chupar seus peitos? Ou apertar seu pênis contra suas coxas? Não queria assustá-la movendo-se muito depressa.

E isto era o céu para ele, somente beijando, inúmeras vezes, enquanto sua mão aprendia a forma, a textura de seus peitos. Seus dedos arranharam um tenso e urgente mamilo.

Sua língua lambia seus lábios, provocando-lhe, percorrendo sua boca, com rápida pressão. Ela tinha alguma experiência em beijar, ao que parecia. Só Deus sabia quantos homens já a haviam beijado. Ou afagado este seio pequeno e firme. Para quantas mãos ela ergueu o seu seio nu? Ele afastou sua boca dos seus lábios.

- Você é virgem? - não queria ter perguntado isto. Maldição.

Ela ofegou.

-Claro que sou virgem. Como você ousa? - ela disse, em um italiano rápido. - Que tipo de mulher pensa que sou? Só porque eu estou permitindo ao homem com quem vou me casar...

Ele pôs o dedo em sua boca para pará-la.

-Não quis te desrespeitar. - Senhor, que coisa estúpida para dizer. Nada era mais desrespeitoso que interrogá-la sobre a virgindade. Como podia sair desta?

Ele tirou o dedo de seus lábios e colocou-a em seu peito novamente.

-Você parece apreciar isto?

-Não deveria? - sua voz soou brava. Brava e desafiadora.

-Oh, eu estou contente por você apreciar. - ele disse sincero - Mas fiquei surpreso.

Voltou a acariciar seu mamilo com o polegar. Ainda tenso, ainda firme. Ainda saboroso para chupar. Ela não protestou e assumiu que estivesse perdoado. Seus lábios tiveram melhor uso do que ficar conversando. Curvou a cabeça procurando sua boca, tocou sua clavícula, deslizando mais abaixo. Ela segurou a respiração, esperando. Lambe-lhe a curva do seio e finalmente, sugou seu mamilo.

Ela ofegou e segurou sua cabeça, seus dedos em seu cabelo. Amamentou-se nela intensamente, forte; tentando tomar todo o seu peito em sua boca. Ela impacientemente torceu-se, erguendo seus quadris contra ele, fogo correndo em seu sangue. Pequenos gritos vieram de sua garganta, barulhos descarados, urgentes. Sabia do que ela precisava, e logo o daria. Mas primeiro ele a torturaria só mais um pouco.

Moveu-se para o outro pequeno seio e lambeu... só lambendo... achando o mamilo macio, amando como ela ergueu-se contra ele, buscando mais, com um pequeno gemido de frustração. Ela o queria. Verdadeiramente o queria. Agradecia aos céus pela escuridão, porque na luz, ela olharia-o com horror. Na escuridão, existia somente o toque de suas mãos, sua boca.

Beliscou o bico de seu peito e ela gritou surpresa. Ele sorriu e levou a sua boca, chupando até o sentir duro em sua boca. Ela choramingou. As mãos que estavam em seus cabelos foram ao seu pescoço. Então a sentiu abrir suas ceroulas, e suas mãos foram espalmadas em seu peito. Seus dedos penteavam os cabelos do peito.

-Você é quente. - ela disse. - E. tanto cabelo.

Até na cama tagarelava. Arrastou sua boca aos peitos tenros e foi a sua boca, enchendo-a com sua língua, ela retribuiu, sugando sua língua. O beijo de uma mulher que o queria, como tinha procurado. Acariciou seu corpo, e encontrou a curva de seu traseiro, sua mão afagou. Não protestou, nem mesmo quando levantou a bainha de sua camisola até suas coxas... nem quando sentiu os cachos de sua vagina.

Estava peluda, muito peluda. Se pudesse ver a cor deste arbusto selvagem. A imaginação preencheu as lacunas deixadas pela escuridão. Talvez castanho-claro como suas sobrancelhas. Sim.

Mas quando seus dedos tocaram entre suas pernas, ficou rígida. Arrastou a boca de seus peitos e foi para o seu pescoço.

-Deixe-me tocá-la - pleiteou - Não possuirei você, lhe juro isto.

Suas coxas tremiam, sentiu sua mão contra sua vagina, mais relaxada. Suficiente para ele poder esfregar em círculos o seu broto escondido. Clitóris. Mas não o tocava diretamente, não ainda, não até...

Ela gemeu. Sim, ela gemeu. Então ele separou seus lábios com os dedos, abrindo ela, buscando mais fundo, até que as pontas dos dedos foram direto ao seu minúsculo broto, tocando em círculos lentamente. Seus quadris ergueram um pouco, e ela moveu mostrando a ele o ritmo que gostava a pressão que precisava.

Sua mão calosa e áspera podia sentir a maciez da pele de sua vagina, seu sensível clitóris, podia o sentir molhando escoando de sua carne. Agradecia a Deus por saber como lhe dar prazer e ela estar disposta a o deixar. Ela abriu suas pernas um pouco mais, dando ele um maior acesso a sua vagina. Confiava nele.

Penetrou um dedo em sua vagina virgem abrindo. Como era pequena e apertada! Estava tão molhada, fluindo. Espalhou seus líquidos acima de seu broto.

-Eu estou molhada - ofegou surpresa - Por que eu estou tão molhada?

Existia algum jeito dela ficar muda?

Tudo o que podia pensar era na sua vagina molhada, no seu calor e o qual apertado estaria quando o seu pênis a penetrasse, e ela fazia perguntas. Clareando sua garganta para falar:

-Seu corpo está se preparando para juntar-se ao meu. - Preparando-se com uma vingança, pensou ele.

Ela endureceu.

-Você prometeu,

-Psiu, silêncio. Seu corpo pode estar se preparando, mas eu sei que você ainda não está preparada.

Manteve tocando-a lentamente, massageando, circulando. Suas coxas relaxaram.

-Obrigado.

-Quando você estiver pronta... - ele parou. Não, ele não daria uma chance para demorar mais. - no domingo... Dia dos Namorados, quando eu possuir você completamente, esta umidade aliviará a penetração.

Impossível resistir, a tentação era muito forte. Desligou seu dedo no fundo de sua entrada, e quase perdeu o controle quando ela se fechou nele. Cerrou os dentes. Esta era sua noite de prazer, e ele iria dar prazer a ela. A paciência de agora o recompensaria mais tarde. No domingo, ela estaria ávida para ele. Retirou seu dedo, mas continuou circulando, um pouco mais duro e um pouco mais rápido.

Sua respiração ofegante ficou mais rápida, seus quadris se moviam de encontro aos seus dedos. Ele a puxou e tomando o seu peito amamentando. Ela gemeu, contorceu-se debaixo dele, urgente, seu clitóris duro. E de repente seus quadris congelaram, sua respiração falhou, mas ele manteve tocando. Ela deu um pequeno grito e então seu corpo convulsionou em suas mãos. Até seus lábios contra o seu peito, sentiu quando se lançou ao clímax.

Ele teria dado qualquer coisa, qualquer coisa para ver o seu rosto naquele momento. Mas se pudesse vê-lo, ela também poderia ver o seu. E então, nunca teria permitido tocar sua doce vagina.

Quando ela se acalmou, ele parou de acariciá-la, ela colocou seu rosto em seu peito, aninhando-se contra ele. Ele sentiu seus suspiros, sentindo seus dedos se apertarem em seu

tórax. Trazendo a mão de sua vagina inalou profundamente, no escuro ela não podia ver o que fez. Com o seu antebraço atrás de sua cabeça, estava simplesmente segurando-a. Lambeu seus dedos, saboreando seu suco almiscarado. Um suco almiscarado, maravilhoso. Em algum dia ele iria colocar sua língua em sua vagina. Ficaria apaixonada por isto. Ela gostaria. Ela adoraria.

Deus, seu pênis estava dolorosamente duro. Com sua mão livre, furtivamente como a se tocar, por sobre suas roupas. Quando ela adormecesse, ele se aliviaria facilmente.

Ela mexeu-se em pouco contra o seu peito.

- O que... qual é a palavra para o que você fez em mim? - ela não sabia o que significava acariciar as suas doces partes.

Deveria estar falando do clímax.

-Você veio.

-O que?

-Você veio.

-Como... eu vim no barco? Eu vim da Itália?

-Sim. As mesmas palavras podem significar coisas diferentes.

-Eu entendo.

Sentiu o fôlego de suas palavras contra o seu peito.

-Você pode... posso tocar você e... você pode vir?

Louvado seja o santo que o abençoou esta noite. Ele tomou sua mão, que estava em seu peito, e apertou contra o seu membro, mostrou como esfregar por sobre sua roupa. E ele ergueu seus quadris contra seus movimentos, despudorado, da mesma maneira que ela ergue-se contra sua mão momentos atrás.

Ela beijou seu pescoço, então seu queixo, e indo mais alto sua boca. Ele mal podia respirar da maravilha que era ser tocado. Beijou-a profundamente, só parando quando sentiu que ela tirava sua mão de seu pênis. Gemeu contrariado. Entretanto, sentiu que ela puxava suas roupas, e colocava sua mão contra a sua pele quente, dura. Ele pegou sua mão e envolveu com seus dedos delgados no seu membro, ensinando-a a bombeá-lo com rapidez.

Seu braço livre puxou-a para mais perto, e acariciou seu traseiro. Se ao menos ele estivesse dentro dela, profundamente dentro dela, bombearia enquanto suas mãos estivessem em seu redondo e suave traseiro...

Ele gemeu e incentivou sua mão ir mais rápido e apertado, mais rápido... e seus quadris se levantaram à medida que ele veio... jorrando sua semente quente em sua barriga. Depois que sua respiração voltou, ele levou sua mão aos lábios e beijou seus dedos.

Devia agradecê-la, dizer o quanto o agradou, mas... ele não poderia verbalizar. Ela falava muito. Acabou puxando seu corpo magro apertando contra o seu e saboreando a alegria da libertação. Dormiria uma hora ou duas.

Mas primeiro ele tinha que limpar a sua semente. De alguma forma, os braços e pernas o estavam prendendo tão firmemente, como quando a segurava. Soltou-se e saiu da cama, com cuidado aproximou-se da pia. Limpou seu estômago com um pedaço de pano, e lançou isto para o chão. Voltou para cama e deslizou debaixo das cobertas.

-O que você faz? - ela perguntou.

Claro que ela queria saber. Era uma menina muito curiosa.

- Eu estou limpando minha semente.
- Semente? Está é uma palavra inglesa?
- Sim. - puxando-a contra ele.
- Semente. Como uma planta?
- Sim.

Ela se reorganizou, saindo da cama, afinal nenhuma dúvida a faria descansar sua cabeça no travesseiro.

- Eu entendo. É chamado semente, porque a semente do homem cresce um bebê. Ele sentiu um movimento abaixo do estômago e acariciou-se suavemente.

-Somente se for plantado onde possa germinar.

- Não é pecado derramar sua semente onde não possa germinar?

Ele nunca voltaria a dormir, com tantas perguntas.

- Sim. Mas seria um pecado maior se eu a possuísse contra a sua vontade.

Ela bocejou.

- É correto eu pedir as palavras para as coisas de acasalamento?

-Sim. Mas não escreva estas palavras no quadro - ele disse - São adequadas somente entre marido e esposa.

- Ou entre... amantes. - ela usou a palavra italiana.

Ainda não eram realmente amantes. Não até o Dia dos Namorados. Ele não podia pensar em uma resposta.

-Qual é a palavra inglesa para minhas... intimidades? - ela perguntou, novamente substituindo pelo italiano.

Ele listou todas as palavras em sua cabeça, palavras cruas ou ridículas para compartilhar com uma mulher.

- Seu "*pussy*" ¹ - disse afinal

-Como um gato?

- Sim - bocejando.

¹ Em inglês *pussy* é utilizado para bichano, gato, gatinho, vulva e vagina. Mantive o texto da autora.

- Estranho. Pergunto-me por que... esta palavra?

Ele sorriu em sua vacilação ao dizer a palavra. Uma palavra completamente inocente, exceto agora que ela soube que poderia ter outro significado. Ele nunca teria ousado responder-lhe na luz do dia. Mas na escuridão ousaria qualquer coisa.

- Talvez porque todos os tipos de *pussy* são bons para acariciar.

Ela ofegou e deu uma risadinha.

- Você é um homem mau.

Ela não tinha idéia, Não ainda.

- E você dirá a mim a palavra para suas... partes íntimas?

Ele só sabia uma palavra em inglês.

-Meu *cock* ². Como um galo - respondeu, antes que ela pudesse perguntar. - Eu não tenho nenhuma idéia por que.

- Um galo também é chamado de galo?

-Sim.

Ela agitou a cabeça.

-Idioma louco.

-Todos os idiomas eram. Em italiano, nós dizemos *Fresco de Al*, que podia significar fora de ou prisão. Significados opostos.

-Isto é verdade. - ela alinhou-se a ele com um bocejo.

Francesca nunca havia relaxado contra ele. Pela cruz, ele não faria os mesmos erros com Mariana. Ele a levaria suavemente, suavemente. Faria a excitaria até ficar molhada, com seus fluídos. Com água na boca... ele abriria com seus dedos, cuidadosamente, estirando sua carne virgem... e quando o seu pênis a penetrasse, ela estaria pronta. Não sentiria nenhuma dor. Ele a foderia. E se continuasse pensando nisto, estaria duro novamente em alguns momentos. Beijou-lhe o topo de sua cabeça.

-É quase de amanhã. Tenho sono.

Ela assentiu com a cabeça, bocejando novamente.

-Foi tão bom quando você... acariciou-me.

Bom? Ele teria que ensinar mais palavras. Como maravilhoso, incrível, feliz.

-*Domani, si vuoi.* - parou, e trocando para o inglês. - Amanhã à noite, se você desejar, eu te acariciarei novamente.

-Eu desejo. - ela se mexeu um pouco, e ele sentiu aproximar-se mais intimamente. Sua mão veio parar em seus quadris.

-E eu acariciarei seu membro. E nós viremos.

Seu pênis despertou com as palavras. Sua voz sonolenta, com prazer sexual.

² Cock - em inglês galo, mandão, o chefe. No português contraímos para pinto. Por ser uma palavra vulgar, na tradução optamos por usar: pênis ou membro.

Se estivesse mais acordada, ele teria tomado sua mão e a colocado direto em seu membro.

Sim, esta magra, jovem mulher inocente poderia esquentar sua cama muito bem, realmente. Ainda que não tivesse forças para administrar a roupa a lavar. Mariana faria outras coisas muito bem.

Francesca fazia outras coisas bem, menos isto. Mas havia sido culpa sua.

Mariana acomodou-se afinal. Sua respiração lenta e suave. Talvez tivesse dormido.

Quanto tempo para amanhecer? Uma hora, duas no máximo. Bocejou, tinha que dormir.

-Eu me sinto tão diferente quando você me toca - ela murmurou.

Seu cérebro estava metade adormecido, e ele levou um longo tempo para entender suas palavras. Sentou-se rapidamente na cama, agora totalmente acordado.

-Quem foi o outro que te tocou? - exigiu.

Nenhuma resposta. Sua respiração pesada. Ela dormiu. Jogando o cobertor ao lado, deslizou para fora da cama. Já não conseguiria dormir mais. Imaginava outro homem tocando Mariana entre suas pernas.

CAPITULO 4

Mariana acordou em um casulo de calor. Quanto tempo fazia que não acordava no calor? Em lençóis macios, limpos e quentes?

Espreguiçou-se, e estendendo um braço na cama para achar John. Nada. Nada além do vazio, e a rigidez em seus braços a lembrando a razão dos lençóis macios e limpos. John deve ter ido.

John. Seu amante. Seu amante.

Sentiu um calor subir ao seu rosto e sorriu. Seus lábios inchados e uma dor deliciosa. Seus beijos tinham sido excitantes e vigorosos. Mas suas mãos... olhando-as eram assustadoras, ásperas e calosas, mas surpreendentemente gentis. Mãos surpreendentes. Mãos que sabiam tocar o seu corpo até na escuridão.

E quando ele tinha tomando sua mão, e mostrado como o tocar, como fazer, ele gemeu e tremeu, derramando sua semente - como o fazer vir, oh, isso tinha sido até melhor. Então ele tinha muito prazer com ela. Pela primeira vez, conseguiu agradá-lo.

Ela mal podia esperar pelo Dia dos Namorados. Estariam casados. E então ele a penetraria com seu membro. Só o tinha feito com o dedo. Seria melhor. Maior. Muito maior, do que ela tinha sentindo ontem à noite. E estaria tão molhada e não a machucaria.

Contorceu-se, apertando suas coxas para aliviar a tensão. Que mulher devassa havia se tornado. Se ele estivesse na cama com ela agora, ela seria tentada a deixá-lo fazer um exame nela, com anel ou não. Onde estaria agora?

Ela virou-se e abriu seus olhos. Luz solar brilhante e fluída entrava pela janela. A roupa lavada recolhida, e John sentado à mesa, bebendo em uma xícara pesada, fumegante. Parecia cansado, suas sobrancelhas espessas reunidas em uma carranca.

Ela sentou e sorriu para ele.

—Bom dia.

Não a olhou, mas movimentou a cabeça uma vez. Sua cadeira arranhou o chão à medida que ele levantou. De costas para ela, caminhou até o fogão e colocou uma frigideira em cima do queimador.

Manteiga chiando na panela, ouviu um ovo ser quebrado, o estalar e o barulho da fritura. O cheiro da manteiga derretida encheu o ar e deu-lhe água na boca.

Deslizou para o chão frio. Ele fez café, dobrou a roupa, esvaziou a tina movendo-a a um canto do quarto, tudo isto sem a despertar.

Aproximou-se atrás dele e olhando em volta, disse:

—Eu quero fazer o café da manhã.

Ele quebrou mais ovos na panela.

—Eu gosto de cozinhar. - ele havia tido isto ontem, também.

Será que não queria que fosse útil?

—Meus braços estão bons. Eu posso fazer o leite... quero dizer, eu posso ordenhar a vaca, e conseguir os ovos. E alimentar as galinhas.

Ele lançou presunto cortado na frigideira.

—Eu já fiz tudo.

Claro que sim. Existia uma cesta com ovos próximo ao seu cotovelo. Mas por que não a olhava? Estava desapontado com ela novamente? Talvez por não ter acordado mais cedo? Talvez ele fosse mal humorado de manhã.

Ela colocou pratos e garfos na mesa, adicionou o pão restante, e o porta manteiga. De costas para ela, ele obviamente não queria nenhuma ajuda com a arte culinária. Não pareceu interessado nela, tampouco. Onde estava o amante terno de ontem à noite? O homem que a segurou até dormir? Ela esperava um beijo de bom dia, pelo menos.

—Hoje, eu farei... eu farei pão.

Olhou-a de relance e voltou sua atenção para os ovos.

—Não. Descanse seus braços hoje. - sua voz soava severa.

Aborrecida. Talvez ele estivesse bravo que ela não ia poder terminar de lavar a roupa.

—Muito bem. Eu descansarei. Eu fazer as roupas de minha irmã.

—Você quer dizer costura. - ele disse com voz aguda.

—Sim. - Mais tarde olharia a palavra, tinha certeza que poderia usá-la corretamente.

—Bom. Suas roupas são terríveis.

Outra palavra que não sabia, mas não tinha necessidade de procurá-la, pois sentia o desprezo em sua voz.

Com um pano enrolado no cabo da frigideira de ferro, ele trouxe os ovos para a mesa. Permaneceu perto dela, usando um garfo colocou os ovos com presunto em seu prato. Ela queria tocá-lo, colocar seus braços em suas costas, debruçar sua cabeça contra o seu lado. Só para tocá-lo, de algum modo, por menor que fosse. Mas não ousou, não com ele agindo tão friamente. Tão frio quanto esteve quando ela chegou.

Talvez o que eles fizeram à noite não foi suficiente para manter ele a querendo.

Talvez sua mão não fosse suficiente para satisfazê-lo. Talvez ele ainda não a quisesse como esposa.

Ele quer você.

As palavras a sobressaltaram. John não disse nada. Não a olhou. Circulou a mesa e foi para o seu lugar. Obviamente não tinha ouvido nada.

Ela olhou seu prato. Por que, ele pôs quase metade dos ovos mexidos no seu prato?

—Eu não posso comer tanto.

Ele a ignorou e começou a comer. Diretamente na frigideira, como se não tivesse colocado um prato para ele.

Muito bem. Ela o podia ignorar também. Os ovos estavam deliciosos, fofo, quente e o presunto levemente salgado. Realmente não precisava dela para cozinhar. Mas não iria elogiá-lo. Não tinha dúvidas que seria rude se ela o fizesse.

Ele levantou-se e foi até a cafeteira, despejou mais café em sua xícara. Ela pegou o seu olhar quando terminou.

—Quer? - perguntou a contragosto.

Ela balançou a cabeça. Não precisava que fizesse qualquer favor. E apesar do que o espírito disse, obviamente ele não a queria. Ou não agiria tão friamente como estava fazendo.

Assim que ele se sentou, ela levantou e conseguiu água da bomba, enchendo um copo e voltando à mesa.

Comeram em silêncio. Ele não a olhava, nem uma vez. Embora estivesse com fome, tinha que forçar a comida, pois sua garganta estava apertada. O que tinha feito? No que ela falhou em fazer?

Ela cortou uma fatia de pão, passou manteiga, e não lhe ofereceu. Ele podia pegar. Deu uma mordida apetitosa, caindo migalhas no seu prato.

Sua cadeira arrastou quando ele se levantou. Não olhou para ele, mas em um quarto tão pequeno, não podia deixar de ver que ele ia para a porta e colocava seu casaco.

Estava saindo. Sem uma palavra. Sem um beijo. E ela não podia agüentar vê-lo sair.

—Aonde você vai?

—Para a cidade - seu tom não convidava a fazer nenhuma pergunta adicional.

Ela deu mais três colheradas nos ovos antes de continuar.

—Quando você *fizer retorno*? - Oh, ela disse tão errado a frase, agora ele a corrigiria, naquele modo superior.

—Não até a ceia - ele não se aborreceu em corrigi-la.

Talvez ele tenha achado que isto não importava. Que ela não estaria ali o tempo suficiente para aprender inglês.

Ele deve pretender almoçar na cidade. Bondade, ele a deixaria sozinha todos os dias. Com nada para fazer, nada mais que suas roupas. Para costurar e ser perseguida por um espírito que falava bobagens.

—Não entre no celeiro. - disse de repente.

—Por que não? - algo estava errado, ele parecia aborrecido.

—O cavalo tem cólica. Se você a assustar ela pode ficar pior.

—Cólica?

—O cavalo está doente. - ele soou rude, impaciente, puxou o chapéu. — Estou indo obter remédios para o cavalo.

"Remédios". Ela não pediria para soletrar isto.

—Eu posso ajudar?

—O que você poderia fazer? Fique dentro de casa e descanse seus braços. - atirou o cachecol ao redor de seu pescoço.

Não o ajudaria hoje. Podia congelar que ela não se importaria. Mas...

—Como você irá à cidade? É longa a caminhada para a cidade e vice-versa. Mas de um dia...

—Eu pedirei um cavalo de Kathleen emprestado.

Ele partiu em uma rajada de vento frio, antes que ela pudesse dizer adeus. Oh, homem grande e estúpido. Ela bateu a frigideira suja na pia. Não teve a decência de comer em um prato. E como se atreve a mandá-la descansar depois de sair e deixar todos estes pratos sujos na mesa? Pensou que ela podia lavá-los sem usar seus braços?

Esfregou a panela mais ou menos, sentindo doloridos os seus braços. Pelo menos o trabalho aliviava a frustração. O que ele queria dela? Não era sua culpa que Francesca se foi.

"Quer você".

Ela balançou sua cabeça.

"Sim."

Como se lhe importasse o que um fantasma disesse. Bateu os pratos na pia, mas nada quebrou. Ainda bem. John não gostaria se tivesse que gastar dinheiro, se ela os quebrasse, seu humor ficaria pior.

Homem terrível. Ela não fez nada, nada, para ele ficar bravo. Tentava entender. Tinha limpado para ele. Lavado sua roupa. Deixou que lhe tocasse, de maneira que nenhum homem ousou. Tinha permitido tocá-la da forma que somente um marido faria.

E o tocou. Fez ele vir, também. Mas ainda assim ele não a queria. Talvez quisesse mais que sua mão. Talvez estivesse irritado por ela não deixá-lo ficar entre suas pernas. Não até que eles fossem casados. Mas ele devia entender por que insistiu nisso.

Ele devia estar contente que ela deixou ele a acariciar, e o tocou em retorno.

Será que nunca o conseguiria agradá-lo? Fazê-lo sorrir?

Não se importaria que ele sorrisse, o grande burro idiota. Tudo o que queria era uma casa. Queria uma casa aqui com ele. E ela seria feliz. Ele que ficasse bravo se quisesse.

Acendeu um pequeno fogo, rapidamente pôs um vestido para o dia, estremeceu com o ar frio matutino. Dobrou a camisola da Francesca, colocando-a debaixo de um travesseiro na cama.

Francesca. Será que era realmente o espírito de sua irmã que falava com ela? Olhou o quarto pequeno, mas nada estava diferente.

—Francesca?

Nada. Oh, o quão tola era, conversando com o vazio! E a voz não tinha qualquer sentido. Primeiro dizendo que devia partir, depois que deixasse John a tocar... e agora tentando convencê-la que John a queria, quando ela agia de forma oposta.

Ajoelhando em frente ao baú que continha as roupas de sua irmã, abriu lentamente a tampa. O conteúdo lembrou-lhe tanto Francesca. Os vestidos de cores escuras, sombrio. Poderia ficar muito bem em Francesca, mas eles fariam com que ficasse pálida, com aparência doentia. Estavam em bom estado e as cores escuras não mostrariam a sujeira.

Com certeza, Francesca tinha sido prática desta maneira. Retirou um vestido mais leve, de sarja de algodão, Borgonha, com um decote alto e mangas longas, levou-o para perto do pequeno espelho que ficava pendurado próximo a pia. Sim, ela ficaria pálida com esta cor, mas era o melhor do lote, apropriado para o inverno. Tinha necessidade de trabalhar rápido neste vestido, ficaria respeitável para o casamento. Ao menos o vestido era quase vermelho. Uma boa cor para um casamento no Dia dos Namorados. A cor do amor. Girou no espelho. Não tinha por que se enganar. Não existiria amor para ela este ano. Nenhum amor, somente sexo.

Arrastando uma cadeira para a janela, onde a luz era mais forte, e sentada com a caixa de costura e o vestido de Francesca. Não, sua caixa de costura.

Alterando o vestido de sua irmã mais velha para que se ajustasse nela, não era uma coisa nova. Teria que alterar o corpete, ajustar a largura da saia ao longo das costuras laterais, e fazer uma bainha menor. Então tentaria alterar a altura da cintura para adaptá-la a sua, pequena e acinturada proporções. Fazer um vestido novo com um pano inteiro era muito mais fácil, mas ela nunca teria o luxo de ter roupas novas.

Uma brisa gentil mexeu seus cabelos, e curiosamente de morno o quarto ficou frio. Deve ter sido uma corrente de ar no fogo. A sensação era extremamente reconfortante, como a escova de sua mãe quando estava doente.

Ela girou o vestido ao avesso e começou a costurar os pontos minúsculos ao longo dos lados do corpete, ajustando o tecido para os seus seios menores. Apararia o excesso de pano depois que as novas costuras estivessem prontas. Ela tinha de longe menos seio que Francesca, e o excesso de tecido seria desnecessário.

Não, nunca teria o corpete cheio de Francesca. Talvez nunca preenchesse o vazio deixado pela Francesca quando partiu da vida do John. Talvez ele estivesse ressentisse para tentar? Por estar vivo, enquanto Francesca estava morta? Se ele ainda amasse sua irmão... era uma mulher indesejada, tentando tomar o seu lugar... faria qualquer homem ficar irritado.

Talvez quando ele tocou Mariana na noite, quis que fosse Francesca.

Mas ele tinha sido tão... ávido. Talvez agora, na luz do dia, ele sentiu-se culpado e ausente para outra mulher. Ela teria que ser corajosa e perguntar. Perguntar por que ele estava irritado. Ela não poderia adivinhar. Olharia as palavras inglesas e perguntaria a ele corretamente.

Estariam casados até a morte. Se quisesse que fosse um bom marido, teria que ser uma boa esposa. Faria qualquer coisa que ele lhe pedisse.

Talvez nunca pudesse tomar o lugar de Francesca na vida de John. Ou em seu coração. Mas ela tentaria. Ela tentaria.

Já era tarde, o sol de pondo, quando John entrou no celeiro. Verificou o cavalo doente assim que ele desmontou. Sua barriga estava ainda inchada, mas ela não tentou morder-lhe quando a tocou. Está melhorando. Talvez não fosse cólica afinal. Mas racionou a água de qualquer maneira, por via das dúvidas, e deixou feno fresco. Então ele cuidou do cavalo de Kathleen, limpando as ferraduras.

Estava frio, e manipular os pedaços de ferro e fivelas da sela gelada, não permitia usar luvas enquanto o fazia. Kathleen disse-lhe que ficasse com o animal emprestado por alguns dias, até que seu cavalo estivesse bom. Ao menos poderia cuidar adequadamente das ferraduras.

Ficou na cidade mais tempo do que gostaria, tinha certeza que o pastor voltaria no domingo, prometendo que ele teria um casamento para fazer depois do culto. Mariana se importaria de não ter um padre católico romano? Inferno, ele não se importaria. Seria um casamento legal, e isso era tudo o que importava. Uma vez que eles estivessem casados, ela não teria razão para não deixá-lo fodê-la.

Sua mandíbula se enrijeceu. Como ela podia sorrir a ele tão brilhantemente esta manhã, tão inocente, como se nunca teria outro homem com as mãos em suas calcinhas? Ela pode ter amado outro homem. Inferno. Talvez fosse por isso que ela não quis a rotina de casado.

Pendurou a cela e digiriu-se à casa. Não tinha por que ficar mais fora. Esta era sua casa, e nenhuma pequena menina fraca iria fazê-lo parecer desconfortável.

Isto.

A última coisa que ele esperava ouvir quando chegou a sua varanda eram risadas. Dela e de um homem.

Empurrou a porta e entrou de súbito.

Ela estava sentada à mesa em frente ao jovem Bill McNeill, uma luz iluminava entre eles, uma escuridão.

O vestido Borgonha estendido em seu colo, agulha e linha em sua mão. Seu riso alarmado em silêncio e ambos olharam para ele. Bill levantou e estendeu sua mão.

—Oi, John. Minha mãe mandou-me trazer um pão recém assado e conserva de pêssego.

Não tinha dúvidas que a idéia havia sido do menino. Uma desculpa para ver Mariana. Ele apertou sua mão e virou para pendurar seu casaco.

—Diga a sua mãe que eu agradeço.

—Claro. Isto não a aborrece. Ela sempre assa pão demais, e você sabe que sou aficcionado por pêssegos.

A cabeça de Mariana levantou do vestido que ela estaca costurando.

—Sobre o que?

Bill riu, sentindo-se confortável como se fosse um velho amigo, mesmo ela sendo inglesa.

—Muito aficcionado. - ele pegou o quadro e escreveu a palavra.

—Quer dizer que você gosta muito.

John juraria ver uma criança em Mariana que nem piscava. Como poderia dizer-lhe que era aficcionado por ela. Suas mãos fecharam-se os punhos. A ruga de suas sobrancelhas cresceu.

—Você quis dizer que você teve muito prazer em dar os pêssegos. Mas você gosta deles? Você é demais aficcionado neles?

—Eu não disse. - primeiro. - Eu não sou demais aficcionado. Isto significaria que eu não gosto muito deles.

Ela sorriu suavemente.

—Ah, obrigado por explicar.

Bill estava perto de sua própria idade - provavelmente fosse somente uns anos mais jovem que ela. Não tinha dúvidas que ela preferiria estar casada com alguém mais jovem, bonito, capaz de conversar e que flerte com ela facilmente. Um homem que ela quiereria foder na Luz. Ao inferno que ela iria. Ele mataria o menino primeiro, com suas próprias mãos.

Pelos santos, o que estava errado com ele, pensando em estrangular esta criança só porque estava rindo com Mariana? E ela seria a pessoa que provavelmente começou isto. Não era segredo que Bill a achava um doce. E não podia culpar a jovem que Mariana era, e paquerar.

O quarto ficou em silêncio novamente com exceção de uma goteira que caia lentamente da bomba. Sua presença tinha interrompido a pequena e feliz conversa.

Bom.

Ele foi para a pia e sacudiu a bomba, ajustando até que parou de gotejar, somente para ter algo a fazer. Uma panela coberta chiava no fogão e ele sentiu o cheiro de cebolas cozinhando. Ele havia dito para a pequena tola descansar. E ele já escutou uma palavra do que ele dizia?

—É melhor eu ir indo. - disse Bill afinal. - Está ficando escuro.

Escuro. Quando anoitecesse, na escuridão ele poderia ensinar a Mariana mais truques na cama. Truques com sua boca e língua. Os truques que uma jovem menina inocente nem podia imaginar. Truques que traria seu lado selvagem fazê-la gemer e gritar. Os truques que a deixariam virgem de fato, senão em espírito.

Talvez ela já os soubesse.

Bill estava colocando seu casaco.

—Boa noite, Bill. - John disse.

—Eu fiquei satisfeita que você veio. - Mariana adicionou.

John olhou-a e levantou uma sobrancelha. Seu rosto ficou vermelho. Era isto que acontecia com palavras sujas. Agora ela não poderia nem usá-las em um modo inocente.

—Tenha uma boa noite. - Bill disse, fechando a porta atrás dele.

John quase bufou. Sua idéia de uma boa noite seria desnudando sua esposa - quase esposa. Nua, nua e descobrindo somente o quão experiente ela era. Desperdiçou o dia todo na cidade, ponderando coisas, e ele não tinha chegado a nenhuma conclusão, não sábio o que fazer. Ele podia perguntar sinceramente a ela: quantos homens? Que favores você prestou a eles? Mas será que poderia acreditar nas respostas? Provavelmente mentisse, o afastaria e iria embora.

Ela levantou-se e dobrou o vestido que estava costurando, então colocou isto no baú de roupas de Francesca. Passou por ele e entrou na cozinha, pegou uma tigela, e colocou uma comida saborosa, que cheirava muito bem. Sentou-se e começou a comer. Depois de alguns minutos, levantou fatiou o pão.

Era como se ele não estivesse ali, em pé, próximo a ela. Sentou-se e continuou a comer.

Sem uma palavra.

Ah... agora ela o estava ignorando. Irritada com ele. Se eles não conversassem ele não teria que se preocupar sobre que diabo dizer a ela.

A comida cheirava bem, e estava com fome. Ele mexeu a mistura, parecia uma sopa com feijões, repolho, presunto, um pouco de cevada misturada para engrossar. Pegou uma tigela e se sentou em frente a ela. Tomou uma colherada com cautela. Não estava ruim. Não estava ruim mesmo. Pelo menos era uma cozinheira decente. Mas não devia ter feito isto hoje. Inferno, provavelmente estava quieta e fraca, com febre por ter usado seus braços.

—Eu disse que você descansasse hoje. Você não capaz de fazer o menor trabalho aqui se você cuidar de você.

Seu queixo subiu naquele modo teimoso seu, já tão familiar. Um argumento estava vindo.

—Eu disse para você esta manhã que meus braços estão melhores. E cozinhar é uma tarefa fácil.

—Não tão fácil. Ontem à noite você não podia pendurar a roupa lavada.

Ontem à noite. Ele não devia ter mencionado isto. Seu banho, seu corpo nu contra o seu, sua língua tremula em sua boca. Sua vagina que gotejava em seus dedos. Sua mão rodeando o seu pênis. Somente ontem à noite.

—É por isto que você está irritado? - ela perguntou.

—O que?

Oh, ela queria saber se estava irritado por causa da roupa lavada. E pelo seu tom ela iria brigar com ele se disesse sim.

—Eu não estou irritado.

Ela terminou sua ceia em silêncio, comendo suas tigelas do ensopado e três fatias de pão. Com um apetite assim, como ela poderia ser tão fraca? Quando terminou, continuou sentada, esperando, como uma estátua, até que ele terminasse. Repetiu uma vez, repetiu outra, desprezando o resto que ficou na panela. Até comeu duas fatias de pão, só para fazê-la esperar um pouco mais. Ele conhecia aquele olhar de uma mulher desejando conversar. E, além disso, estava com fome. Tinha almoçado na taverna e a comida era terrível. Comeu a última colherada e afastou a tigela.

Não queria adiar mais isto. Olhou-a diretamente através da mesa. E pegou-a olhando para ele com uma expressão estranha, triste em seu rosto. Estaria desejando que fosse outro homem?

Ela desviou o olhar, levantou-se e levou as tigelas para pia. Ouviu o barulho de água fresca, o esfregar das tigelas e panela, e o enxágüe deles. Ficou sentado lá, sem nada para dizer.

—John. - ela falou atrás dele, voltou-se. - Por que você está irritado comigo? - perguntou calmamente.

—Eu não estou irritado.

Ele ouviu seu suspiro suave.

—Se vamos nos casar, devemos ser... sinceros.

Este era o problema - ele não estava em todo certo sobre a sinceridade dela. Ele procurando pensar que era o único homem que já a tocara. Embora soubesse que não era verdade. Mas ele não podia continuar lidando com isto. Seria mais fácil dizer com ela em suas costas, onde não poderia ver o seu rosto.

—Eu estou irritado com você porque deixou outro homem tocá-la.

—O que?

Não tinha entendido o seu inglês?

—Você deixou outro homem tocar em sua vagina. Fez com que você venha.

Ela ofegou.

—Eu não fiz!

Ele deu um salto e girou para enfrentá-la.

—Não minta para mim, Mariana. Você está me pedindo sinceridade.

Ela corou, suas bochechas pálidas ficaram brilhantes. Olhou para a esquerda, direita e para o chão. Todos os lugares, menos para ele.

—Ninguém mais a não ser você fez isto.

—Não minta para mim! - quis agarrá-la pelos braços e sacudi-la, ao invés disse colocou a mão em seu cabelo. - Você disse para mim, ontem à noite, que parecia diferente quando eu toco você. Diferente como? Diferente de que maldita mão?

Um cavalo relinchou no celeiro. Mãe de Deus, ele estava quase gritando. Seu rosto estava vermelho. Ela trouxe suas mãos ao alto, cobrindo os olhos, seu rosto corado.

—Diferente... diferente da minha mão. - ela murmurou por detrás de sua mão.

Ah, ela se afagou. Nenhum homem mais sentiu aquela tenra vagina. Iria sempre fodê-la.

—Bom. - ele disse ferozmente.

Ela tirou as mãos de seu rosto, e torcendo na frente da sua cintura.

—Você não pensa mal de mim?

Ele negou com a cabeça e tentou sorrir a ela. Mas o pensamento dela com aqueles longos dedos se afagando, tinha colocado seu pênis duro em suas calças.

Ela deu-lhe um pequeno sorriso em retorno.

—John, você e... você é... - olhou ao redor procurando seus livros que estavam em uma estante estreita, achando a palavra. - Você é ciumento?

—Não. Eu estava irritado. É natural para um homem querer uma esposa inocente.

Ela fechou a cara.

—Eu não sou inocente agora. Depois de ontem à noite.

Oh, não. Ela não estava esperando que ele dormisse no chão. Não depois de tê-la em sua cama. Ficaria louco.

—Você vai ser minha esposa. Faremos qualquer coisa juntos, e esta nosso casamento está perto e certo.

Ela procurou ar, como se ganhasse segurança na respiração.

—Então você ainda deseja... casar?

Depois que ela gastou toda à noite com ele, e os McNeils e todo mundo da cidade já sabia isto, ele não tinha nenhuma escolha.

—Sim.

—Não irritado? Você não está mais irritado? - ela pareceu preocupada. Não sabia que ele só estaria irritado se houvesse outro homem?

—Não.

Ela deu-lhe um meio sorriso.

—Quando eu deixar você irritado... diz-me por quê?

—Diga a mim por que. - ele corrigiu. Não tinha vontade de responder. O que ela lhe perguntou não iria acontecer. Quase ficou louco e falou, mas a sensação morreu em sua boca. O silêncio era melhor.

Ela deu um passo em sua direção e estendeu sua mão para tocá-lo. Ele retrocedeu, ficando de costas para ela. Ele não podia tocá-la com a luz iluminando. Não queria suportar isto, ainda não. Queria que... queria vê-la, ver seu corpo, sem que ela o visse. Como ontem à noite quando tomou banho.

—Mostra prá mim. - ele disse. - Mostra prá mim como você se toca.

CAPITULO 6

—O que? - falou chocada, não confusa. Ela o entendia.

Pegou a luminária e diminuiu a luz, somente o suficiente para que não o visse claramente. Então ele voltou-se. O problema de diminuir a luz é que ele também não podia ver bem.

—Mostre a mim. Eu quero ver você se tocar.

Não poderia ver claramente, mas podia a ouvir, respirando forte.

—Eu irei... seja que... eu sentirei. - andou até a mesa e pegou o dicionário.

Teria que aumentar a maldita luz para ler isto.

—Diz em italiano.

—Eu ficarei muito envergonhada. - já estava muito envergonhada, não olhava para lugar nenhum.

—Finja que eu não estou aqui.

—Fingir que você não está aqui? - negou com sua cabeça. - Isso será difícil. - ela disse, a segunda parte em inglês, mostrando que já tinha aprendido.

Se ela não fizesse isto para ele, ele não poderia culpá-la. Era uma coisa tão pessoa. Mas queria ver isto. Desesperadamente queria ver isto.

—Finja que você está sozinha em sua cama, sem ninguém, e nada além do tempo. Tempo para dar prazer a si mesma.

Na penumbra, ele podia vê-la mordendo seu lábio.

—Você faria o mesmo?

Se ela soubesse o quão duro seu pênis estava, não se preocuparia em perguntar.

—Sim.

Ela sentou-se e curvando-se desamarrou seus sapatos. Lentamente. Os deixou debaixo da mesa, levantou-se e foi para cama. Estava de costas para ele, foi tirando seu vestido, dobrando e deixando em cima do baú onde estavam as roupas da irmã.

Vire. Vire. Ela não virou. Estaria na cama com isto, somente com suas calcinhas? Chegar na fenda entre suas pernas para acariciar sua vagina? Ele a queria nua. Mas ela deslizou uma enorme camisola, feia e cinza por cima de sua cabeça e tirou as calcinhas debaixo da espessa flanela, nem mesmo deixando ver-lhe seus tornozelos quando tirou a meia-calça. Ela devia ter uma camisola justa. Uma camisola branca e virginal, pequena e suave, feita de algodão, com uma fila longa de botões dianteiros, que ele poderia abri-los para chegar aos seus seios. Algo pronto para deixá-la nua em sua noite de casamento. Não este saco de flanela repugnante que Francesca vestiu.

Ela não o olhou quando se deitou na cama, longe dele. Ele caminhou quieto para o outro lado da cama, assim poderia vê-la.

Fechou seus olhos. Sua mão tocou seus peitos por cima da camisola. Sua boca abriu para respirar. Acelerou. O que estaria pensando sobre isto? Pensava nas coisas que eles fizeram na noite?

Ela rolou sobre seu estômago, colocando as mãos debaixo dos seus quadris, puxou a camisola até as coxas. Seu traseiro levantado dando lugar a suas mãos.

Ele caminhou para o pé da cama, assistindo seu movimento de traseiro em um ritmo rápido. Suas longas pernas magras estavam apertadas na coxa, mas a bainha da maldita camisola estava presa na parte inferior traseira. Ele não podia ver sua vagina, não podia vê-la trabalhando seus dedos.

Seu olhar fixou naquele traseiro balançando. Imaginou ser ele debaixo dela, fudendo com ela, com ele no seu traseiro, neste mesmo ritmo. Não, ele imaginava-se ajoelhado entre aquelas pernas magras, erguendo a camisola e lambendo sua pele suave e sensível. Ele se imaginou beijando seu traseiro, espalmando suas bochechas largas. Lambendo com urgência sua língua para o seu orifício. Seu pênis latejou no pensamento perverso.

Estava na cama antes que percebesse, ajoelhou-se entre suas pernas e agarrou a bainha da camisola. Ela parou, surpreendida, mas não protestou.

—Não pare. - ele disse

Puxou sua camisola, descobrindo seu bonito traseiro. Sua pele cremosa formigava e estava rosa na luz da luminária. Ele podia ver as pontas de seus dedos, roçando entre suas pernas, rápido, muito mais rápido do que ele a tinha esfregando ontem. Seu movimento era a coisa mais tentadora que já tinha visto. Ele a quis.

No momento, seu traseiro estava de costa para ele. Tão perto dele agora... Nado poderio o ter parado. Ele colocou sua boca ao lado de seu traseiro em um beijo. Ela ofegou, mas manteve afagando seu clitóris. Deus, sua pele era mais suave do que qualquer coisa que já havia sentido contra seus lábios.

Sua mão deslizou por seus quadris, até suas coxas, sentindo toda a contração de prazer que ela se dava. Ele lambeu novamente, lambeu, beliscou e beijou, achando o caminho de sua prega. Ela não hesitou, não diminuiu a velocidade. Então ele deslizou sua língua naquela racha tentadora, lambendo abaixo indo em direção a sua vagina e voltando para trás. Delicioso. Melhor do que havia imaginado. A tentação estava muito perto de sua boca. Somente um santo para resistir, e Deus sabia que ele não era nenhum santo. Colocou a ponta de sua língua na prega e empurrou contra os músculos apertados, querendo chegar do lado de dentro. Ela guinchou, empurrando de volta contra o seu rosto, e seu corpo inteiro balançou, agitando-se quando ela gozou. Acompanhou as ondas com ela, golpeando seu traseiro doce com sua língua durante todos os seus espasmos, como ela gritou e empurrou para sua boca.

Quando ela se acalmou, quieta, ele a segurou por um momento longo. Seu pênis dolorosamente duro, sua boca ainda apertada na bochecha redonda de seu traseiro. Ela achava que ele estivesse lhe fazendo mal?

Ela gostava disto, tinha deixado claro. Ninguém deve ter dito que o ato era sujo ou pecador. Graças a Deus!

Quando ela começou a girar, ele levantou e apagou a luz. Ele apreciava seu rubor, não queria que ela lhe visse. A lua não estava brilhante hoje à noite, mas faria, mesmo ficando atrás dela de qualquer maneira.

—John? O que você faz?

—O que você está fazendo. - ele corrigiu automaticamente, tirando sua camisa. - Eu estou me despindo.

—Oh!

Ele adoraria segurar seu corpo nu contra o seu quando ele gozasse.

—Por que você não se despe, também?

Ela não respondeu. Talvez estivesse muito nervosa ainda. Ele tirou toda a roupa, inclusive sua cueca. Pelo menos ele podia sentir sua camisola contra o seu corpo nu. Uma mão alcançou o seu ombro nu. Ah, Deus o abençoava. Ele deslizou para debaixo das cobertas e a puxou contra seu corpo, suas costas em seu peito. Ela contraiu a respiração. Ele a soltou.

—O que está errado?

—Nada. Eu gosto desta... pele contra pele.

Então continuou. Sentiu-a fria contra ele, mas ele iria esquentá-la logo. Beijou-lhe atrás de sua cabeça. Seu cabelo solto e longo.

—Você gostou... de assistir-me? - ela perguntou.

Ela não poderia saber? Seu pênis estava pulsando e duro contra o seu traseiro nu. Ele a cutucou com ele.

—Sim.

Seu pênis furioso junto à prega de seu traseiro. O traseiro que ele lambeu. Em pensamento ele empurrava suavemente contra ela. Ela ainda estava molhada com sua saliva. Seu pênis deslizou facilmente junto a ela, na pele escorregadia. Fechou sua mão em seu seio, acariciando seu mamilo. Esses bicos grandes em mamilos tão pequenos. Grandes e duros. De desejo ou de frio? Ele suavemente apertou aqueles grandes mamilos e ela deu um suave e pequeno gemido. Ah, estavam duros de desejo.

Empurrou novamente, fixando um ritmo como se estivesse se enterrando dentro dela. Raspando seu pênis, fricção inebriante. Esfregou seu rosto contra o seu cabelo, movendo-o de lado e deixando seu pescoço exposto.

Ela se encostou mais.

—Faça o que você quiser... - suas palavras roucas, quase não saindo de sua garganta. - Você quer que eu toque seu pênis?

Ouvir as palavras sujas de sua boca inocente quase o fez gozar.

—Não. - ele ofegou. - Não, eu virei assim, fingindo que eu estou dentro de você.

Embora... Ele parou de se mover, outro desejo perverteu sua mente. Ele sabia o caminho a levá-la, sem dar-lhe uma criança. Um modo que deixaria sua virgindade intacta.

—Existe um modo, Mariana. Um modo que eu possa estar dentro de você, mas deixá-la virgem.

—Machucará?

—Eu não sei. Mas você me dirá se acontecer.

Ele segurou seu pênis em uma mão, buscando sua abertura e cutucou sua entrada, em suas costas, com a ponta.

Ela ofegou.

—Lá?

Ele nunca ousaria tentar isto antes. Mas agora, com este traseiro firme e redondo de Mariana em sua clemência, com seu pênis que cutucava contra o seu buraco traseiro, molhado de sua boca... pelos santos. Ele não queria mais nada.

—Sim, aqui. - mas ele não podia a tomar deste modo se ela não quisesse isto.

- Tudo bem?

—Você... você quer?

Sua mão moveu para seu quadril e puxou suas costas contra ele, apertando seu pênis um pouco mais para o seu calor.

—Sim. Mas só se você quiser.

Inferno. Não havia modo de ela querer isto. Ele faria o que ela quisesse. Ele se retirou um pouco, roçando seu membro contra o buraco bem lento. Seu pênis soltou um pouco de líquido pré-seminal contra ela, fazendo seu traseiro ficar até mais lubrificado. E mais tentador.

—Você gostou quando eu a beijei lá. Não é?

Ela assentiu com a cabeça. Ele roçou o lóbulo da orelha com a ponta de sua língua, lembrando-a.

- Talvez você goste disto, também.
 - Você prometeu que... eu ainda estarei virgem?
 - Eu prometo.
- Ela respirou profundamente.
- Muito bem.

Abençoada seja. Ele tomou seu pênis em uma mão, envolvendo seus dedos ao redor dele todo, menos a cabeça. Para evitar empurrar em seu buraco muito apertado, profundamente. Apertou somente um pouco, somente colocando a cabeça de seu pênis nela, e sentiu seus sensíveis músculos tensos. Ela pinçou seu membro tão duro que ele estremeceu e sentiu o suor em sua sobrancelha. Maldição, seu traseiro era muito apertado. Ela se contorceu, mas não se afastou.

- Oh, parece mais ou menos estranho.
- Parece incrivelmente bom para ele. Quente, proibido, ousado.
- Ruim? Eu estou machucando você?
 - Não... não,
- Ele tocou seu quadril com sua mão, acariciando-a.
- Diga a mim se você quiser que eu pare.
 - Diga a mim... como fazer você vir.

Deus. Aqui estava ele, metade enterrado em seu traseiro virgem e delicioso, e tudo o que ela podia pensar era dar-lhe prazer.

- Relaxe.
- O que quer dizer?

—Só deixe que aconteça. - ele sussurrou em italiano, para que assim entendesse. - Confie em mim.

Suas costas aliviadas, relaxando contra ele, mas quando ele penetrou um pouco mais, ela fez um pequeno ruído. Não era bem uma choradeira.

—Empurre. - ela balançou sua cabeça, seu cabelo fazendo cócegas em seu nariz, quando se mexeu. Ela abriu-se mais, permitindo que seu pênis deslizesse um pouco mais. Seus dedos apertavam sua mão. Ela ofegou. Ele gemeu.

Ah, Deus. Ela era apertada, tão apertada, ardente e quente. Ele descansou contra ela, não empurrando, deixando se acostumar com ele, a tê-lo dentro dela. Levou sua mão a seus peitos novamente, apertou seus duros mamilos. Sua boca no lóbulo da orelha, a lambendo. Quando ela sentiu sua respiração em sua orelha, ela empurrou, aconchegando seu traseiro contra suas bolas.

Não podia esperar mais. Movimentou contra ela com estocadas gentis e rasas. Dedilhando seus seios, enquanto se movia dentro e fora. Seu traseiro agarrou seu pênis com um punho confortável, profundo. Ele podia ter gozado rápido, mas ela merecia alguma porção do prazer que ele sentia.

Alisou seu estômago, indo para tocar o seu clitóris, mas seus próprios dedos já estavam lá, antes dele. Ela tirou sua mão com um pequeno grito envergonhado.

- Não pare. - ele ofegou. - Mostre-me o que você precisa.

Ela pôs seus dedos trêmulos acima de seus, mostrando a ele os golpes rápidos que gostava. Seus quadris acelerados combinando seu passo, movendo com o mesmo ritmo,

forçando seu pênis ir mais fundo em seu aquecido buraco. Sentindo seu prazer enquanto ele fodia seu traseiro, era demais para ele. Nunca em seus sonhos mais selvagens imaginou que uma mulher deixaria um homem como ele fazer isto com ela. E apreciar.

Ouvia sua respiração profunda, sentia os dedos dela ainda, e sabia que ela estava perto, muito perto. Ele empurrou um pouco mais duro, um pouco mais rápido, mantendo o movimento de seus dedos, e quando ela estremeceu e clamou, ele deixou-se ir, explodindo dentro de seu magnífico traseiro, gemendo como um animal selvagem.

Enquanto sua respiração voltava ao normal, aninhou contra seu pescoço pela cortina de seu cabelo. Ela voltou-se e acariciou sua bochecha. Sua bochecha cicatrizada. Agradecia a Deus por ela não poder vê-lo. Puxou-a mais perto, empurrando um pouco no processo. Seu flácido pênis feliz deslizou-se fora das profundidades quentes de seu corpo.

—Como você chama... o que nós fizemos?

—Eu não sei. - e ele certamente não podia perguntar a ninguém.

—Depois que nós casarmos, você irá dentro da minha vagina.

Depois que eles estivessem casados, nada o pararia.

—Sim.

—Parecerá... o mesmo? - ela soou um pouco desapontada.

Ou talvez ele a tivesse desapontado. Tanto como amou ir bem fundo em seu traseiro, ele queria sua vagina, mil vezes mais. Sua vagina estaria mais molhada e mais suave. E ele poderia empurrar nela mais duro. Mas não a primeira vez - a primeira vez, ele seria gentil.

—Não. Sentir-se-á melhor.

E iria. Ele esteve excitado em tomá-la deste modo, mas tinha sido um substituto. O que ele realmente procurava. Ele queria fodê-la. Montar ela cara a cara - embora não veria seu rosto na escuridão. Para plantar sua semente em seu útero, ter crianças. Se ela fosse suficiente forte para agüentar.

Mariana despertou com os sons de água correndo no quarto vagamente iluminado. Ele rolou e viu John próximo ao fogão, esvaziando um balde de água na pia.

—John? O que você faz? - não, isto não estava certo. - O que você está fazendo?

Ele olhou por cima do ombro. A luminária estava baixa e ela não podia ver-lhe o rosto. Mas ela podia ver que estava nu.

—Esvaziando a tina.

Ela semicerrou os olhos, mas a luz era muito baixa para ver seu pênis.

—Você lavou você mesmo?

—Sim.

O céu estava escuro lá fora. Ela deve ter dormindo por uma hora, mais ou menos. Quando ela sentou na cama, um puxão em sua parte inferior a fez dar um pequeno grito de dor. Sentia-se dolorida. E estirada lá atrás.

—O que está errado - ele perguntou.

Ela não podia nunca explicar, por que ela era esperta. Não em qualquer idioma.

—Nada.

—Seus braços ainda doem?

Ela quis dizer que sim, somente para evitar o embaraço. Mas ela mesma pediu honestidade dele. Não poderia devolver com uma mentira.

—Não, meus braços não.

Ele não disse nada por um longo tempo.

—Desculpe - murmurou. - Não queria te ferir. Eu... procurei.

E ela ainda o quis, ainda que fosse muito dolorido levá-lo, em seu direito, agora ao seu traseiro. Ele a fez se sentir tão bem, até quando a machucou um pouco. Ela amou sentir o movimento de seu grande pênis nela, ouvir o amado grunhido e gemido, amara o modo que ele a segurou firmemente contra seu peito largo e quente. O sentimento de ser amada como ele a quis, precisando dela. E quando ele veio dentro dela, e fez ela vir, também se sentiu muito, muito especial. Gostara.

Ele não podia estar pensando em qualquer outra mulher. Como ele não podia estar pensando em sua irmã.

Ele não estava.

Oh, não. Não agora, não quando ela se sentia vulnerável e insegura. Embora a voz fosse tranquilizadora por uma vez, ainda, a deixava nervosa.

—John?

—Sim?

—Você ouviu isto? - não teve as palavras em inglês.

Ele não se moveu por um longo momento, escutando. Estava tão frio lá fora que até os animais estavam quietos. Tudo quieto.

—Ouvir o que?

Ela tragou. Pensaria que estava louca?

—Eu pensei que tinha ouvido uma voz.

—Eu não ouvi nada.

Pelo menos ele a respondeu em italiano, sem a corrigir daquele seu modo impaciente.

—Eu devo ter imaginado isto.

Ele apagou a luminária e veio para cama. Ela sentiu o colchão afundar e aproximar-se dela.

—Eu ensinarei você às palavras inglesas amanhã.

Talvez ele soubesse ler a mente. Ela sorriu na escuridão e moveu-se para que ela pudesse descansar seu braço sobre o peito enorme. Quando sua mão vagava através de seu estômago, ela tensionou um pouco. Não queria se afastar dele. Como ela podia dizer-lhe que estava muito dolorida para tomar o seu pênis dentro dela novamente?

—Talvez... amanhã... - ela começou.

—Silencie.

Ele puxou seu quadril até que ela estivesse deitada próxima a ele. Sua boca desceu na sua, aberta e molhada, e ela arqueou até apertar seus lábios contra os dele, mais firmemente. Ela amou o modo que ele a beijou, o modo como chupou seus lábios, como estocava sua língua dentro e roçava contra a carne interna de sua boca. Ele cheirava a limpo, como a loja que comprou o sabão, e tinha se barbeou.

Quando ele puxou o cobertor, agarrando seus seios, ela tentou parar. Entretanto ela amava seus beijos, mas não estava pronta para mais.

—Não machucará Mariana. Eu prometo. Não machucará mesmo.

Não lhe deu razão para não confiar. Relaxou. Beijou-a novamente, e sua mão fechou em seus peitos, sua mão áspera que sentiu insuportavelmente gentil. Ele podia a machucar com esta mão forte e grande, mas ele afagava muito cuidadosamente, roçava os dedos no mamilo como se quisesse marcá-la. Seu beijo, seu toque, fez um formigamento entre suas pernas, fazendo-a contorcer. Então sua boca aberta foi ao seu peito, e ele chupou bem forte. Ela gemeu e enfiou os dedos em sua cabeça. Seu cabelo espesso, felpudo e molhado enredado em seus dedos, mas não se importou, ela só o sentia lá. Continuou lambendo e chupando e - Oh. - mordeu seu mamilo! Uma mordida suave, o suficiente para sentir as pontas de seus dentes. Sua língua sorvendo dela, acalmando seu arranhar.

Mas ela precisava de mais, bem mais.

—Por favor. - ela sussurrou.

—Por favor, o que? - sua voz resmungou contra o seu peito sensível.

—Toque. - ela disse, arquejando. - Toque-me.

Sua mão alisou seu quadril até o seu seio.

—Onde?

Oh, ele a faria esperar para sempre?

—Sabe.

—Diga isto, Mariana.

—Vagina.

—Sim. - ele sussurrou. - Sim, eu tocarei em sua vagina.

Seus dedos estavam entre suas pernas então, tocando, afagando, roçando, espalhando nela uma umidade por toda parte, enquanto sua boca chupava seus mamilos.

Ele moveu mais abaixo e beijou seu estômago. O calor molhado encheu seu umbigo. E então ele foi para longe dela, puxou a cabeça de suas mãos e foi para a outra extremidade da cama. Agarrou suas coxas e arrastou para baixo, colocou-se ajoelhado em seus pés, na extremidade do colchão.

Ela ia perguntar-lhe o que estava fazendo, mas antes que o fizesse a sua cabeça estava entre suas pernas, sua boca quente em sua intimidade, lambendo, lambendo, lambendo, até que sua vagina estremeceu com uma necessidade urgente. Suas coxas agitaram-se de todo golpe de sua língua. Nada mais existiu. Sua respiração ofegante, sua língua bebendo dela, seu corpo Trêmulo. Sua língua foi dentro dela, bem fundo, ziguezagueando. Oh, que bem!

Mas ele tirou, e antes que ela protestasse, um dedo quente e grande estava lá, empurrando nela. E de novo. E sua boca achou um lugar maravilhoso, o lugar mais sensível, e se amamentava.

Ela tentou agarrar os cobertores à medida que gemeu, e ofegando, e veio forte, muito forte, sua boca a chupando.

Antes que sua respiração normalizasse, antes que se lembrasse onde estava, ele veio à cima, ao seu lado, e a abraçou colocando seus braços ao redor dela, Abraçando suas costas. Sua cabeça em seu peito. Ela esfregou suas bochechas contra ele. Seu peito cabeludo, sua respiração ofegando.

—Eu disse a você. - sussurrou, tão sem fôlego quanto ela. - Eu disse a você que não iria machucá-la.

Ela aninhou seu rosto contra seu peito e ele sentiu pequenos suspiros de ar morno em sua pele. Lutava para respirar normalmente.

—Ohm John... John...

Nenhuma mulher já havia dito seu nome desta forma. Arfando, rouca, cheia de sensualidade e satisfeita. Era certo que o agradou.

Ela não estava acabada.

—Eu nunca... que era... você...

Ele sorriu e apertou seu braço ao seu redor.

—Sim. - ele disse. - como se suas palavras soltas fizessem sentido. Ele puxou as cobertas acima do corpo trêmulo. Pouco disposto a arrumá-los direito. Uma mão longa descansava em sua clavícula. Dedos delicados na curva de seu pescoço.

E limpando sua garganta, disse-lhe:

—Eu posso tocar em você? Seu pênis?

O que ele fez para merecer uma mulher tão generosa e apaixonada? Ele pegou sua mão, beijou sua palma.

—Sim.

Sua mão estava em seu peito.

—Você pode ir dentro de mim como antes. Se você desejar.

Incrivelmente generosa. Embora a tivesse machucado, embora ela ainda estivesse dolorida em seu traseiro tenro, ela o levaria lá novamente.

Tentadora, tão tentadora. Mas ela não era alguma das prostitutas para ser montada brutalmente. Fodê-la no traseiro novamente doeria, e poderia fazê-la relutante para brincar na cama amanhã.

—Só me toque. Faça-me vir com sua mão.

Sua mão vagou por seu peito novamente, até seu estômago.

—Você é... tanto cabelo.

—Cabeludo.

—Como um urso. - ela disse, roçando sua mão contra seu peito peludo.

Seu sedoso cabelo examinava seu estômago, moveu mais abaixo, mais abaixo. E então com as pontas dos dedos acariciou seu pênis, e ele sentiu o calor molhado de sua língua, lambendo sua lança. Com seus olhos fechados tensionou e, ele agarrou os lençóis da cama para não agarrar sua cabeça e empurrar sua boca contra ele.

—É bom? - ela perguntou.

—Chupe-me.

—O que?

Ele gemeu. Como ela podia saber que ele pensava cada vez mais com isto?

—Tome em sua boca, e chupe... ohm inferno. - ele não podia pensar claramente, o suficiente para explicar isto, nem mesmo em italiano.

Ele pegou suas mãos, e a puxaram acima, assim ele podia chupar um de seus dedos em sua boca. - Assim. - ele disse, chupando, lambendo, chupando novamente.

Descendo novamente por seu peito, uma mão esbelta achou o seu pênis e então ele sentiu sua boca. Abriu-a e o tomou, chupando. Ah, céu.

Ela suavemente chupou, muito ligeiro, mas sua língua movimentou contra seu pênis como um veludo. Ele tocou seu cabelo, suavemente e pegou sua cabeça, mostrando como mover, como ele com sua boca dentro e fora novamente. Ela avidamente o chupou, e alisou seus cabelos púbicos, criando uma febre que foi diretamente a sua lança. Suas costas curvaram, seu cérebro parou, sua respiração ofegou. Gemidos saíam de sua garganta. Antes que pudesse dizer que ela parasse, puxou forte, e ele gozou fundo, bem no fundo do calor de sua boca.

Ele esperou que ela fechasse a boca, cuspissem, saltasse longe dele. Mas ela o segurou dentro de sua boca, até que a última onda de prazer passou. E quando ela tirou seu pênis, ela deu-lhe em sua lança flácida um suave beijo, antes de vir para estar ao lado dele. Seus dedos enroscaram no cabelo de seu peito.

—Foi bom? - como ela perguntou isto?

—*Último. Meraviglioso, Magnífico.*

Ela riu. Deus, ele a fez rir.

—Em inglês? O Melhor. Maravilhoso. Soberbo.

—Mmm.

Ele tomaria aquele som como concordando.

—Amanhã, - ela disse. - Você soletrará estas palavras. Então eu aprenderei - ela corrigiu.
- Eu aprenderei.

Ela curvou seus lábios para a sua orelha. - Eu aprenderei o que dizer quando da próxima vez você me fizer vir - ela sussurrou.

Ele estava tão cansando que não podia responder. Acabou puxando-a para um contato mais íntimo e suspirando contra o topo de sua cabeça.

CAPITULO 6

As galinhas se agitavam em torno da gaiola e cacarejavam de modo selvagem, correndo para a alimentação. Dois pássaros passaram voando acima das cabeças, aterrissando no meio da bandeja de alimentação, e caíram grãos no chão. Mariana riu. Galinhas tolas.

Esta manhã, por qualquer coisa podia ouvir sua risada. Ela despertou na frente de John, pôs o vestido escuro e foi para fora da casa pegar os ovos e ordenhar a vaca. Hoje ele veria que podia ser útil fora da cama. Andou quietamente na varanda e abriu a porta com cuidado, John ainda estava na cama. As cobertas puxadas acima de sua cabeça. Ela ajeitou o balde de leite e a cesta de olhos suavemente, assim ele não despertaria.

Ela pôs água para ferver e fazer café, então sentou à mesa, a linha de costura, sua agulha e o vestido que estava com a metade feita. Poderia terminá-lo hoje, a menos que John a mantivesse ocupada.

Ela gemeu. Oh, ela esperava que ele a mantivesse muito ocupada.

Talvez gastassem o dia inteiro juntos. Conversando, rindo, beijando. Mais que beijando. Talvez a levasse para a cama durante o dia... quando ele a podia ver. Se ele a visse, seu rosto, seu corpo, ele não poderia pensar sobre qualquer outra.

Talvez Francesca a deixaria em paz, então. Se a amasse como amou a sua irmã. Não queria que seu fantasma assombrasse seu casamento.

Ela levantou-se e adicionou café na água fervente. Um barulho vindo da cama chamou sua atenção. John livrou-se dos cobertores e rolava sobre suas costas, mas não tinha despertado. Ele deitado com seu peito nu, sua boca aberta, respiração profunda. O cabelo selvagem, levantando em todas as direções, fazendo seu sorriso, mas a visão de seu peito nu, tinha feito seu sorriso enfraquecer. Ele tinha muito cabelo no torso largo como ela imaginou, um negro espesso.

Ele pareceu tão forte, masculino, totalmente diferente de qualquer homem que ela já tinha conhecido. Ela lembrava como tão sólido seu peito cabeludo havia sentido contra suas costas nuas. Como seria isto, sentir contra seus peitos, acima dela, quando ele deitasse em cima dela para tomar sua virgindade? Ficou com a boca seca, e ela teve que se encostar contra a pia.

Uma mulher mais corajosa que ela se juntaria a ele naquela cama e o despertaria com beijos. Ela seria corajosa, se ela achasse que ele realmente a queria. Ele cobiou ardentemente seu corpo na escuridão, mas ele realmente a quis, Mariana? Ou era ela somente uma pobre e pequena substituta, para esta mulher que ele realmente procurava?

Ela suspirou e sentou-se novamente, tomando o vestido em seu colo. Era muito cedo para que ele esquecesse Francesca. Só seis meses, ele compartilhava aquela cama com Francesca. Feito aquelas coisas maravilhosas com Francesca. Não seria nenhuma surpresa se seu espírito estivesse ao redor dele. Mas vida era para a viva, como sua mãe sempre disse, e seu compromisso era para estar aqui com John.

Ela pôs uma fita estreita em torno de uma das mangas, levantando a bainha, e amarrada fora da linha. Isto era seu vestido agora. E John seria seu marido.

—Bom dia. - sua voz profunda a fez ela saltar. Ela olhou à cima o viu de cuecas longas. Seus ombros, e sua camisa fechada sobre o seu peito grande cabeludo. Embora ele não estivesse olhando para ela, ela deu-lhe um grande sorriso.

—Bom dia. Você quer café?

—Sim.

Ela levantou e despejou no coador, trazendo para ele. Ele tomou um gole e fixou sobre algo na cômoda. E ela não pode resistir. Debruçou-se intimamente para ele e tocou seu rosto para um beijo. Ele voltou-se a ela rapidamente, olhando para ela cautelosamente. Ele não a quis beijar. Depois de tudo o que eles fizeram na noite. Seu peito queimou com a dor de sua rejeição. Chocada, magoada, ela virou e foi embora antes dele que visse as lágrimas caindo de seus olhos. Ela foi para a pia, e apertou as mãos, quebrou uns ovos em uma tigela.

—Eu não sou... muito sociável de manhã. - ele disse.

Ele mentia. Sua voz soava cuidadosa, defensiva, como se fosse verdade. Ela teve irmãos suficientes para reconhecer aquele tom. Ela podia mentir, também. Ela balançou a cabeça sem olhá-lo.

—Não é um problema.

Ela colocou a frigideira em um queimador e começou a fritar alguma das salsichas que achou no frio porão.

—O que você fará hoje?

—Eu tenho que ir a cidade.

Ela olhou para ele.

—Novamente? O cavalo está mais doente?

Suas calças estavam colocadas, e ele se sentou na extremidade da cama, atando uma de suas botas.

—O cavalo está melhor. - ele atou a segunda borá. - Mas eu... esqueci algumas coisas.

Novamente ele mentiu. Ela virou a salsicha. Em um minuto, ela poderia fazer os ovos. A salsicha tomou muito mais tempo, e ela quis que tudo estivesse acabado. Então ele veria que ela podia cozinhar, também.

—Eu terei que devolver o cavalo de Kathleen quando voltar, em sua casa. - ele disse. - Provavelmente só voltarei para a ceia.

Então ele ficaria fora o dia todo, novamente. Bem, ela acharia algo para mantê-la ocupada. Terminaria o vestido - seu vestido de noiva - e talvez limpasse o porão frio de armazenagem. E seria cuidadosa para não machucar os seus braços. Mostraria que ela era uma mulher fraca. Ele veria. Ela pegou um garfo, e ouviu a cama ranger, ele estava se levantando, mas permanecia no mesmo lugar.

—Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça. Obviamente ela era a única que ouvia o espírito de Francesca. Pelo menos ela não teria nada a temer. Intuição, espíritos, segunda visão - nada a podia prejudicar. Ela pegou o garfo limpo e mexeu a panela de ovos quentes, misturando eles com as salsichas.

Ele sentou-se a mesa.

—A salsicha cheira bem.

—Sim.

—Eu estou pensando em ter alguns porcos. Venderia a carne para conseguir um pouco de dinheiro extra. Mas não estou certo que podia dar um bom lucro.

—Porcos para alimentação e... - ela não sabia a palavra inglesa, e tomaria um tempo para olhar nos livros, a salsicha queimaria. - Muito dinheiro. - ela improvisou.

—Caro. Sim, é. - suspirou. - Eu realmente gostaria de ter outras atividades extras, mas...

—Não tem dinheiro?

Ele não respondeu. Quando ela o olhou, estava a olhando fixamente de modo estranho. Talvez não devesse ter tido isto. Seu pai ficava bravo quando uma mulher conversava sobre dinheiro e negócios.

—Não o suficiente para arriscar. - ele disse. - Eu iria comprar alguns acres de Kathleen, mas agora eu não tenho o dinheiro.

Não parecia irritado quando ela mencionou o dinheiro. Não por isto.

—Talvez você pode... como você diz isto? - ela mexeu os ovos, então foi rapidamente pegar os dicionários, apressando-se em voltar para o fogão. Com uma mão ela virou as páginas. - Alugar a terra.

Ele negou com sua cabeça.

—Eu pensei sobre isto. Mas se a colheita for ruim, eu não terei como pagar o aluguel. Eu poderia perder dinheiro. E se nós tivermos duas estações ruins seguidas...

—Você podia... - ela hesitou. Será que não se importaria de receber idéias de uma mulher? - Você podia dar a Kathleen algum dinheiro das colheitas. Quando a colheita for

boa, ambos fariam dinheiro. Quando a colheita for ruim, ninguém ganha. Você daria uma... parte?

—Uma porcentagem.

Ela levou os pratos e garfos à mesa, então o serviu da panela. Hoje ele comeria no prato. Sentou-se em frente a ele e se serviu.

—Uma porcentagem. - ele repetiu, mexendo sua comida. - Isto é uma boa idéia.

Nunca, em toda a sua vida, um homem havia dito que ela teve uma boa idéia. Que ela era bonita sim. Que era engraçada. Que era uma boa costureira. Mas nunca que era inteligente. Francesca teve sorte, para ter um homem que gostasse disto. Um homem que escutaria uma mulher. Um homem que compartilharia suas decisões com ela. Um homem que podia pedir, por favor, na cama. Ela sabia que muitos homens não escutavam suas mulheres, somente buscavam seu próprio prazer. E ele lhe deu tanto prazer.

Quando lembrou sobre o modo que ele a tomou por trás, seu coração acelerou. Existiu dor, sim, mas prazer também. Foi assombroso.

Um prazer incomum, que nunca imaginava existir. Ela teve que tocar suas partes íntimas para aliviar a dor. Quanto melhor seria, ter-lhe completamente? Ter seu grande peito cabeludo sobre ela? Movendo seu grande pênis em sua vagina? John disse que seria muito melhor. Isto parecia dificilmente possível.

Deixou o seu garfo e tomou um gole de água. Se o que ele lhe deu até agora era somente o início, ela era uma boba para esperar até o Dia dos Namorados.

John chegou em casa depois do pôr-do-sol, andando por um vento frio que castigava, pensando sobre nada além de Mariana. Ele pensou na pequena o dia todo. Lembrou de seu movimento na cozinha de manhã, preparando o seu café da manhã, conversando com ele, de alguma maneira parecia tão certo. Ela estar ali com ele. E quando mencionou o dinheiro, o pensamento o atingiu que ele não a mandaria de volta para a Itália nem por todas as liras.

Não fazia sentido. Nenhum sentido mesmo. Mas de alguma maneira ela tinha uma confiança em seu modo de vida, em sua cama. Só de lembrar-se de seu corpo quente próximo ao seu foi o suficiente para o seu pênis criar vida. Sim, ela era magra, muito magra para agradá-lo. Mas o seu pênis não pareceu se importar.

Ela quis beijá-lo de manhã. Ela realmente queria beijar o seu rosto feio à luz do dia. E ele ficou tão chocado, tão surpreso que saltou como um coelho assustado. Talvez hoje à noite, talvez... talvez ele visse se ainda quisesse beijá-lo na luz. Apenas o pensamento de olhar para o seu corpo nu enquanto ela a tocava o deixava louco. Ele adoraria cada parte de sua carne com suas mãos, passaria por suas pernas longas e exploraria cada recanto e fenda de sua vagina... assistiria seu rosto se transformando, seu desejo crescendo a cada dedo empurrando dentro dela, um de cada vez, até que implorasse que a fizesse gozar. Então ele colocaria a língua em sua racha, fazendo-a gritar de prazer.

Ele se sentaria nu em uma cadeira, enquanto ela se ajoelhava a seus pés, sorrindo para ele docemente, um momento antes dela abaixar seu rosto para entre suas pernas... lambendo seu pênis, chupando ele forte, seu cabelo loiro balançando. Ela colocaria suas mãos entre suas coxas, afagaria seu clitóris e gemeria com seu pênis na boca.

Oh, sim. Então ele a colocaria na cama e lamperia seu orifício traseiro até que ela gritasse com prazer... e ele a ergueria pelos os seus joelhos e a foderia no traseiro,

assistindo como seu pênis movia-se dentro e fora nos lugares proibidos de seu corpo. Suas bolas iriam beijar sua quente e molhada vagina, em cada estocada... e ela gemeria nos travesseiros, clamando seu nome, pedindo mais. E quando estivesse perto, bem perto, ele a viraria e a foderia de modo mais adequado. Ela agarraria seus cabelos e envolveria suas pernas longas ao redor de seus quadris, segurando ele.

As imagens vieram muito rápidas para ele classificar. Ele a imaginava em cem posições diferentes, posições perversas, e teve que parar no celeiro para ajustar seu pênis duro debaixo das calças compridas.

Ele colocou o pacote que levava em um canto, atrás da pilha de feno, onde ela provavelmente não acharia. Então andou a passos largos para a varada e abriu a porta. Ela estava sentada à mesa, costurando o vestido escuro que era da sua irmã. Ele acenou com a cabeça e tirou o casaco.

—Seu cabelo. - ela disse. - Está... mais curto.

—Eu imaginei que deveria estar com um corte de cabelo decente antes de nós casarmos. Ela empurrou a cadeira, levantando-se.

—Você quer comer? Ceiar?

Ela pareceu tão aberta, tão ávida em agradá-lo. Ele não queria nada além de agradá-la em retorno. Com a luminária ao longe, seus cabelos loiros brilhavam.

—Mais tarde.

Pela primeira vez, ela não disse nada. Debruçou-se e apagou a luminária. Droga. Então ela veio para ele na escuridão, diretamente aos seus braços e deu-lhe um beijo.

Ele não teve forças para acender a luminária, não quis saber se ela pudesse ver-lhe o rosto bestial. Não se importava. Tudo o que importava era isto, seus lábios suaves, seu corpo quente contra ele, suas mãos afagando seus cabelos.

Ele tirava suas roupas à medida que eles se beijavam, e ela tirava sua camisa fora das suas calças, sua cueca. Seus brancos a levaram para sua cama e tirou seu vestido puído, e suas calcinhas. Ela apoiou-se nele para tirar os sapatos. Ele curvou-se e beijou seu pescoço, suavemente, e ela apertou sés peitos no seu peito. Estava faminta. Tão faminta quanto ele estava.

—Eu falhei com você. - ela disse.

Falhou com ele? Ou, falhou isto, a paixão que sentia, o prazer que deu a ela?

Inferno, ele não se importou. Ele estava aqui, ela nua em seus braços e tudo o que ele queria era se divertir nela, no seu doce corpo cheiroso.

Ele a puxou para a cama, empurrando ela e ajoelhando em cima dela, amamentando-se de seus peitos. Sua mão ávida não podia esperar, alcançando entre suas coxas sentindo sua vagina escorregadia, sua racha molhada. Ela gemeu, o som mais doce que ele já ouvira, e movimentou seus quadris. Ele diminuiu a velocidade e o ritmo de seus dedos, somente roçando. Ela choramingou.

—O que? - ele perguntou, querendo ouvi-la implorar. Querendo ouvi-la admitir do que precisava. - O que você precisa?

—Mais. - ela sussurrou. - Rápido.

Ele acariciou seu clitóris e ela ofegou.

—Eu gosto de sua mão. - ela disse.

Sua vaidade cresceu. Sua vaidade e seu pênis.

—Bom.

—Eu gosto de sua boca, também.

Ele sufocou uma risada. Pelos santos, ela era exigente. Mas ele era mais que feliz em satisfazê-la. Ele ajoelhou-se entre suas pernas e com seus dedos acariciou seus cabelos púbicos, encontrando o caminho para sua carne interna. Suas mãos deslizaram para seu traseiro, segurando-a ainda quando curvou a cabeça. Sua língua separou suas dobras, lambendo, saboreando seu suco penetrante, brincando com seu clitóris. Ela choramingou, um pequeno e frustrado apelo, e ele beijo sua vagina forte, chupando seu pequeno broto entre seus lábios e boca, este era o modo como ele sabia que ela gostava. Só soube disto ontem à noite. Ela aberto suas coxas contra sua cabeça à medida que gozou, então depressa, com pequenos espasmos de seus quadris, colocou seu traseiro esplêndido em suas palmas. Quando ela estava quieta, ele subiu a cama, limpou a boca em um pano e deitou ao seu lado.

Talvez ela retornasse o favor a ele, colocando-o em sua quente e pequena boca. Talvez tivesse que perguntar a ela. Certamente não tinha estado tímida sobre perguntar a ele quando ela precisou.

—John... eu quero... - ela verbalizou enfraquecida.

Ela podia ler sua mente.

—O que? O que você quer? - qualquer coisa que quisesse ele faria alegremente.

—Seu pênis. - ela disse. - Em minha vagina.

Sua respiração parou. Ela realmente disse isto?

—Que tal no Dia dos Namorados?

—Você casará comigo no Dia dos Namorados, não? Ainda que eu não seja virgem?

Isto não era o que ela tinha exigido deste o principio? Esta era a razão para fazê-lo esperar?

—Claro que irei.

—Então não espere - ela disse. - Agora.

Ele não perguntaria novamente, não daria a chance de ela mudar de idéia. Mas ele poderia dar-lhe o seu sonho romântico e tolo. Ele trouxe sua mão para sua boca, beijando os dedos.

—Eu tomo você como minha legítima esposa. Para ter e manter, por mais ricos ou mais pobres, em uma doença e na saúde. Até que a morte nos separe.

—Para amar e cuidar. - ela adicionou, em italiano.

Ele sabia que tinha esquecido algo. Mas ele não repetiu isto. Amor? Isto era um voto que ele não podia manter. Ele apalpou cegamente a cômoda próxima a cama, abriu a gaveta superior, e achou uma caixa pequena que tinha colocado lá há seis meses. Abriu isto e tirou o anel de casamento que tinha pertencido a Francesca. Deslizou facilmente sobre o dedo magro de Mariana.

—Com este anel eu me caso com você.

Ela o beijou antes dele ter uma chance de beijá-la primeiro, seus dedos segurando seus ombros.

—Obrigada, John.

Ela disse seu nome como um convite, e ele tomou isto, cutucou suas pernas com seus joelhos. Ela de boa vontade abriu suas coxas, fazendo um berço para seus quadris. Ele sustentou o seu peso nos antebraços.

—Com meu corpo, eu te adorarei. - ele disse; sua voz rouca com necessidade. Ele achou seus lábios, e suavemente a beijou. Sua boca trêmula. Ou talvez fosse a sua.

Esfregou seu pênis contra sua coxa, deixando ela se acostumar a o ter em cima dela.

Ela se sentiu tão minúscula em baixo dele. Minúscula e vulnerável. E ele quase se esqueceu que deveria fazer isso mais fácil para ela.

Besta egoísta.

Sua cabeça voltou-se para trás. Não. Não, ele não pensaria sobre Francesca hoje à noite, Hoje à noite, Mariana era tudo o que importava.

Generosa, fraca e pequena Mariana, que de boa vontade daria a ele toda parte de seu corpo. Ele ergueu seus quadris e alcançando entre duas pernas, penetrou dois dedos fundos dentro dela. Ela o pinçou, tão forte, ele quase os puxou para fora e estocou seu membro direto nela.

Mas não, ele esperaria. Só mais alguns segundos, alguns segundos mais para fazê-la pronta para o meu pênis. Estirou seus dedos largos, dentro dela, tão longe e separados quanto ele podia. Esticando ela aberta, assim poderia receber o seu pênis.

Pequenas respirações ofegantes entraram em seu ouvido. Ela nunca estaria mais molhada que isto. Ela nunca esteve tão pronta. Ele puxou sua mão e colocou sobre seus quadris novamente.

Seu pênis estava indo para casa.

Escorregando por suas dobras molhadas, a ponta empurrando sua abertura virgem. Ele estaria dentro dela com uma estocada rápida. Uma estocada rápida. Uma estocada rápida, egoísta que podia fazê-la menosprezá-lo, para sempre.

Oh, Deus. E se ele a machucasse? Machucá-la seria imperdoável?

—John.

Ela poderia odiá-lo quando o fizesse. Odiá-lo, e mal falar com ele. Se afastar quando a quisesse tocá-la. Como tinha sido com sua irmã.

Ela tocou seu cabelo, puxando sua nuca.

—Giovanni.

Seu nome, seu nome real. Ela falava com ele.

—O que? - sua respiração quente contra o seu pescoço

—Só entre. Entre rápido. A espera é muito apavorante para mim. - ela disse em italiano. Falava suave e tranqüila. - As mulheres têm sobrevivido desde o início dos tempos. Eu sobreviverei também.

Claro que ela sobreviveria. Mas ele poderia matar qualquer chance que eles tivessem para um bom casamento. Ainda assim, deve ser feito. E isto seria feito hoje ou no Dia dos Namorados, o resultado seria o mesmo. Seu pênis começava a governar sua cabeça. Ele não podia mais esperar para entrar nela.

—Perdoe-me. - ele respirou.

Então, ele entrou dentro dela, tudo de uma vez, para quebrar a barreira frágil e indo para frente até a totalidade de seu pênis estar enterrado bem fundo nela. Ele sentiu-se no

céu - quente e molhada, suave, dava-lhe as boas vindas. Ele parou, totalmente entregue, arquejando. Seus dedos estavam tentando agarrar seus bíceps, suas unhas cravadas. Uma dor minúscula e insignificante comparada ao que ela já tinha sentido.

—Está machucando? - ele sentia tanto prazer, tanta ansiedade, tanta confusão, tudo junto que não podia pensar, só falar. - Está ruim?

—Não está ruim. - ela disse. - Não está ruim.

Deus, sua voz soou como uma choradeira. Ele não podia fazer isto. Ele tomou sua virgindade, mas ele não queria machucá-la mais. Ele usaria sua mão, sua própria mão, aliviar-se-ia ele mesmo esta noite. Em alguns dias ela estaria curada, e então ele não a machucaria. Ele esperaria alguns dias mais para fodê-la do modo que ele queria.

Ele foi se retirando lentamente, lentamente se retirando das profundidades mornas de sua vagina.

—Eu irei parar.

—Não. - seus dedos apertaram seus braços.

Ela empurrou seus quadris, e seu corpo resistiu aos desejos de seu cérebro. Afundou de volta nela. Ele gemeu.

—Deixe-me parar. Eu estou machucando você.

—Não. Não pare. - ela mordeu o seu pescoço, suavemente, um pequeno beliscão, que fez ele apertar seus quadris. Dirigiu seu pênis só um pouco mais fundo.

Ele acariciou sua bochecha contra a sua e não sentiu nenhuma umidade. Pelo menos ela não estava chorando. Mas sabia que ela estava com dor. Ele podia senti-la estremecer, sua respiração contra a sua orelha.

—John, por favor. Dê-me... dê-me sua semente. - ela lambeu o lóbulo da sua orelha, então empurrou sua língua dentro. - Você vem dentro da minha vagina. - ela sussurrou.

Ele quase veio só de ouvi-la falar estas palavras sussurradas dentro de sua orelha molhada, sussurrando com sua voz suave.

Ela ergueu seus quadris novamente, empurrando seu pênis mais fundo, e ele estava perdido. Ele puxou para trás e estocou. E empurrou novamente. Inúmeras vezes, duro, forte, fundo, grunhindo e jurando.

Oh, Deus. Deus, droga. Deus lhe ajudasse.

E de repente ele veio com uma grande explosão, e com uma estocada final, tremendo, seus quadris moveram em um impulso. Ele ficou quieto, ainda fundo em seu útero, agitação e espasmos disparando sua semente, enquanto um rugido de trovejar ecoou longe. Seria seu próprio grito?

E finalmente gasto e suado, ele desmoronou em cima dela como uma árvore.

Porra. Que droga! Ele jurou ser gentil com ela. E ao invés disso ele a levou pior que um animal selvagem. Ele mexeu-se e trocou um pouco seu peso para os seus antebraços, pronto para retirar-se. Preparando-se para ela soluçar histericamente e o repreender com um bofetão em seu rosto.

Ao invés disto, ele sentiu seus braços deslizarem por suas costas e o segurar. Suas mãos o apertaram, mantendo-o dentro dela.

—Foi bom?

Ele a machucou, não deu atenção a nada além de seu prazer, e sua única preocupação era se ele tinha se divertido? Sua garganta fechou-se dolorosamente como se tivesse uma maça entalada. Ele não podia fazer nada além de movimentar a cabeça, com sua bochecha apertada contra a sua. Suspirou.

—Foi bom. - sua voz grasnou. - Da próxima vez, você se sentirá bem, também.

—Sim. - sua voz não soou como estivesse certa disto.

Ele trabalharia duro em favor dela na próxima vez. Ela nunca seria desapontada em sua cama. Ele deveria ter adicionado naquele juramento impulsivo, de casamento que lhe fez. A carícia de seus dedos em sua bochecha o surpreendeu. Ela alisou suavemente sua fronte, suas sobrancelhas, abaixo de seu nariz.

—O que você está fazendo? - ele perguntou.

—Eu estou desejando ver você.

Ele congelou, como um cerco que foi surpreendido por um caçador. Seu pênis flácido dentro dela, ele tinha acabado de tirar sua virgindade sem nenhuma preocupação com seu conforto, e ela queria ver seu rosto. Um rosto que sabia era mais feio que o pecado. E se ela queria ver o quão maldito era, ela não teria apagado a luz quando voltou para casa.

Ele estendeu a mão e levou a mão curiosa para um território mais seguro, seu ombro.

—Você sabe o que pareço. Não precisa ver.

—Sim, mas... você está feliz? Você está sorrindo?

Não, ele de repente sentiu vontade de chorar. Mas ele não podia nunca admitir tal coisa.

—O modo que você fala metade em inglês e metade em italiano me faz rir. Sorrir... *Sorridere*.

Ele tocou um canto de sua boca com seu dedo indicador, e achou seus lábios, curvou-o para cima.

—Você me faz sorrir. - ela confirmou, usando a palavra inglesa que ele havia ensinado. - Eu sou contente, você é... eu estou contente que você é meu marido agora.

E eu estou contente que você é minha esposa. Sua garganta estava apertada novamente, não saindo às palavras. Por que ele não podia dizer isto? Não era uma mentira. Mas reconhecer tal coisa abertamente era poder demais. Poder para machucá-lo. Ele afastou-se e ficou ao seu lado. Ela aconchegou-se em seus braços, como se fosse muito natural. Colocou a cabeça em seu ombro e descansou uma mão em seu estômago.

Ela verdadeiramente poderia ser parte de seus braços? Generosa e confiante, valente e apaixonada... e bonita de seu próprio modo. Muito bonita. Sabia isto mesmo na escuridão da noite. Quando ele não a podia ver. Seu pai poderia ter um resgate de rei por esta mulher.

Sua cabeça moveu, para que assim ela pudesse falar.

—Você pensa que nós... plantamos um bebê?

Depois de uma vez? Não era provável.

—Os bebês viram quando eles vierem.

—Mas você ficaria feliz?

Ele nunca poderia dizer-lhe o quanto ter crianças, uma família, significaria para ele. Melhor ela pensar que ele não era nada além de prático sobre esta questão.

—Os filhos podiam me ajudar nos campos.

—Todos os homens desejam ter filhos. - ela soou melancólica.

Teria tido a haver com algo relacionado com seu próprio pai, uma boca para alimentar? Um corpo para vender? Ele faria melhor por suas próprias filhas.

—Se nós tivermos uma filha, eu nunca a daria a um homem que não se importe com ela.

Ela não responde. De repente ele sentiu umidade em sua pele, e sua cabeça deixou seu ombro. Agora ela chorava depois que a dor tinha terminado. Ele devia saber que não poderia se livrar de suas lágrimas.

—Eu sinto muito ter te machucado. Da próxima vez não acontecerá.

Ela respirou fundo, trêmula.

—Não machucou.

Ele podia ouvir as lágrimas embargando sua voz. Ele devia a segurar? Ou a deixar só? Ela afastou-se dele, decidindo por ele. Pelo menos ela não soluçou.

Ela não fez barulho, deitando quieta, sem se mexer. Mas ele sabia que chorava. Ele sabia isto. E ele deitado lá, cerrando seus punhos, apertando seus dentes. Tentando evitar que seus próprios olhos lagrimassem.

Se somente o espelho fosse maior. Mariana não podia ver muito abaixo de seus ombros neste minúsculo espelho, nem mesmo depois que ela o tirou fora da parede. Ela debruçou-se sobre o vidro contra um travesseiro da cama e inspecionou. O vestido estava um pouco mais solto na altura dos ombros, mas pelo menos o tecido contornava ao redor de seus seios, com um pequeno espaço de sobra. Entre a febre no navio e sua reclusão na Ilha de Ellis, ela perdeu algum peso. Quando o ganhasse novamente, ela teria que ajustar o vestido.

Seu vestido de noiva. Ela apenas o terminaria a tempo, esta manhã era a véspera do Dia dos Namorados. Ajustava-se melhor que qualquer um dos vestidos que trouxe da Itália. Então ela poderia vesti-lo hoje. E todo dia, até que reformasse outro.

Será que Francesca se importaria que ela vestisse suas roupas velhas? Não, as palavras inquietantes estalaram em sua cabeça esta manhã, nenhuma brisa mexeu as cortinas. Talvez a alma de sua irmã a tivesse deixado em paz. Ela parou. Isto era mal o suficiente para John não a querer ao redor. E ela certamente não precisava de um espírito complicando seus assuntos.

Ela examinou o baú da Francesca novamente, colocando os vestidos de lado. Nada além de roupas íntimas e uma camisola de algodão. Uma mudança seria fácil e prática de alterar. Estava prestes a rasgar. Ela ergueu para fora do baú e trouxe isto para a mesa, examinou as mudanças que deveriam ser feitas no vestido. As mudanças no velho pano ajudariam que mantivesse um corte reto. Ela tomou a tesoura de sua caixa de costura e começou a costurar. Com os vestidos arrumados ela estaria em boa forma. John deve ter comprado todas as roupas para Francesca nova em folha. Ele disse, ainda a Mariana que ele não gastaria nada em novas roupas para ela. Não deseja uma segunda esposa.

Quando ela acordou de manhã ele já tinha ido, algumas migalhas de pão na mesa, mostrando que ele comeu algo para o café da manhã. Ela recolheu os ovos, ordenhou a vaca, e alimentou as galinhas, mas não existia nenhum sinal dele lá fora. O cavalo estava no celeiro. Ele devia estar no campo, em algum lugar.

A tesoura deslizou, e ela cortou seu dedo com a ponta afiada. Ela levou a sua boca e chupou para conseguir estancar o sangue. Pelo menos o dedo machucado seria a desculpa por ter lágrimas em seus olhos. Ela enxugou-a com as mãos livres. O quão tola ela podia ser?

Claro que ele não gosta dela - não ainda. Francesca se foi somente há seis meses. E sua mãe sempre disse que os homens levavam mais tempo que as mulheres para resolver os assuntos sentimentais. Mas mesmo sabendo que estava sendo tola, esperava que ele gostasse dela logo. Ela chorou por ouvi-lo dizer - tão abruptamente - que ele não se importava com ela em tudo. Que não deixaria sua filha acabar com um homem que não se importava com ela.

Um projecto quente tocou sua testa, igual ao outro dia.

Ele se importa.

Oh, não. Ela olhou para a roupa de Francesca no peito.

—Ele não se importa. Ele não me precisa. Ele não me quer.

Ou se fez, era somente o seu corpo que procurava. E somente na escuridão da noite, quando ele não a podia ver. Ela apontou para o peito com a tesoura.

—E por que você só fala de seus sentimentos? E os meus? - Nenhuma resposta. - Aha. Você se importa mais com o John do que faz por mim. Sua própria irmã.

Não irmã.

Não sua irmã? Então quem era? O que outra mulher estaria falando com ela do além?

—Quem... quem é você?

Mãe.

Mãe. Seguramente... seguramente sua mãe estava viva, em Toscana. Uns de seus irmãos mandariam dizer se... Mas quanto tempo levaria isto para chegar uma carta? Quereriam gastar dinheiro?

—Mamãe?

A janela chocalhou.

Não.

Um frio correu por sua espinha. Quem era este espírito, ela não ousaria confiar.

—Basta. Parta e me deixe só.

Ela lançou a tesoura na cesta e bateu a tampa, fechando. Ela estava dentro da casa já há muito tempo. Um passeio a faria se sentir melhor, entretanto estava frio. Ela cairia fora desta estranha e assombrosa mulher. Talvez tenha vindo ver John.

Ela pôs as roupas de Francesca - suas roupas agora - e colocou o casaco e gorro. O vento bateu em seu rosto assim que ela abriu a porta. Vento frio, mas não gelado. Ela podia ver apenas sua respiração. A neve já estava derretendo, desvanecendo, desaparecendo no chão molhado, enlameando a área. Ela apressou-se fora da estreita varanda e foi pelo caminho à frente. Longe da casa seu humor ficou melhor. O caminho estreito que levava a estrada estava barrento, então caminhou ao lado, onde a grama estava seca, a lama acumulava em suas botas. Ela teria a necessidade de botas novas logo. John ficaria bravo para gastar o dinheiro? Talvez ela pudesse achar um jeito para fazer um dinheiro extra. Costurando, talvez? Ela perguntaria a John se alguém pagaria por isto. Ouviu um barulho do oeste da estrada - um cavalo e uma madeira rangendo. John? Não. Ela viu seu cavalo no celeiro mais cedo. Onde quer que ele tenha ido, ele foi a pé.

O cavalo aproximou-se, puxando uma carroça estreita. Ah, Kathleen estava dirigindo. Mariana sorriu para ela, mas a expressão da mulher era tensa. Ansiosa. Kathleen puxou de volta as rédeas, e a carroça fez uma parada.

—Eu estou indo para a cidade ir buscar um médico. - ela disse sem qualquer saudação. - Os meninos estão muito doentes.

—Eu posso ajudar?

—Você não é um parente. Você poderia se sentar com eles até que eu volte? Eles estavam dormindo quando eu sai, mas eu me sentiria melhor sabendo que alguém está lá.

Ela assentiu com a cabeça.

—Eu irei agora. Onde... onde está... - falar inglês o tempo todo era tão difícil.

—Onde é minha casa?

—Sim.

—Siga a estrada três milhas. Minha casa é fora da estrada, à esquerda, logo depois das árvores de salgueiro. Existe um sinal que diz McNeil na beira da estrada. Você não tem como se perder.

Mariana movimentou a cabeça e girou para voltar para a casa. Ela ouviu o estalo das rédeas e a carroça irem estrada abaixo.

—Obrigada, Mariana - Kathleen disse.

Mariana girou para acenar, mas Kathleen já estava longe.

Ela apressou-se na casa e pegou seus dicionários, colocando em seu vestido. O que mais ela precisaria? Oh, ela podia costurar. Se os filhos da Kathleen estavam dormindo, Mariana podia costurar um pouco. Quando se apressou para a porta, ela olhou a lousa. Talvez ela devesse deixar uma mensagem para John. Não. Não, ele não disse a ela onde estava indo, ou quando voltaria. Por que ela deveria fazer isto? Deixe que ele se surpreenda. Se ele se importasse mesmo.

Ele se importa.

—Que seja. Eu não escutarei você.

Ela fez um gesto com a mão próximo ao ouvido, como se espantando um inseto. Então ela partiu como se os cães de caça do inferno estivessem atrás dela.

CAPITULO 8

Mariana marchou na pista em direção a casa, respirando forte o ar da noite. O Sol tinha ido horas atrás. Certamente que John estaria em casa agora. Talvez ele até se perguntasse onde ela estava.

Ela abriu a porta suavemente. Ele estava sentado à mesa, e ele pareceu surpreendido por vê-la. Estranho. O quarto estava frio, então ela deixou seu casaco e foi sentar na cama. Ela não disse nada.

—Onde você estava? - ele perguntou afinal.

Sua voz áspera. Como se esperasse ela estivesse sentada o esperando em casa, enquanto ele tinha decidido desaparecer o dia inteiro.

—Você esteve fora o dia todo, também.

Suas sobrancelhas se uniram em uma carranca ameaçadora.

—Eu estava em casa bem antes de anoitecer. Agora me dê uma resposta. Onde você estava?

Ela quis perguntar onde ele estava. Mas ele pareceu muito bravo e ela não ousou. Talvez ficasse contente saber que ela fez algo útil.

—Eu fui à casa de Kathleen.

Deu-lhe uma encarada furiosa.

—Por quê?

Ele soou desconfiado. Louco. Por que ele estaria tão bravo, por ela ter ido à casa de Kathleen?

—Seus filhos estão doentes. Ela foi buscar o médico. Eu fico com seus filhos. Eu fiquei com seus filhos - ela corrigiu.

—Doente?

Ela afirmou com a cabeça.

—Doente de que?

Por que ela não podia lembrar-se da palavra? Ela revirou a mão em pequenos círculos, pensando.

—Quente. - ela disse afinal. - Muito quente.

—Uma febre?

Isto, era a palavra. Ela afirmou com a cabeça.

—Sim, uma febre. Febre ruim. Kathleen teve medo. O médico...

Ele chegou a seus pés muito depressa, sua cadeira caiu para trás com um impacto.

—Você sabia que os meninos estavam com febre? E ainda assim você foi?

Ela ajudou um vizinho, e ele gritava com ela por isto?

—Kathleen é uma mulher agradável, por isto eu fui.

Ele veio para a cama e olhou-a, seu rosto estava escuro e mais assustador.

—Você é uma pequena idiota.

Ela recuou assustada com ele, mas ele aproximava-se mais intimamente.

—Você está tentando se matar de propósito? Viver comigo é tão horrível que você prefere morrer?

Por que estava dizendo estas coisas? Por que ele estava gritando com ela? Ela tragou e agitou a cabeça.

Ele pôs uma mão em cada lado de sua cabeça, inclinando-se tão perto que ela mal podia se concentrar em seus olhos.

—Você já parou para pensar o que aconteceria se você morresse? Talvez seus pais enviassem sua irmã mais nova para ser minha próxima esposa. Ela tem o que, treze anos de idade? Você iria gostar dela ir para a Ilha Ellis sozinha?

Ele estava tão perto e com tanta raiva que ela não podia dizer nada. Ela só ficou lá, trêmula.

Ele respirou fundo, para... gritar novamente.

—Seu pai ganancioso provavelmente não dá uma maldição por ela ou por qualquer uma. Ele a mandaria para mim em um minuto. Ou talvez ele finalmente soprasse o pó de sua carteira e devolveria o meu dinheiro.

Ela estava em choque, seus olhos arregalados com lágrimas quentes e olhando fixamente para ele. Ela não entendeu tudo o que disse. Mas entendeu o suficiente.

—Você quer o dinheiro. - ela sussurrou. - Somente o dinheiro. É por isso que você está com tanta raiva, primeiro dia eu... primeiro dia que eu estou aqui.

Ele se endireitou e afastou-se. Como se ele não pudesse olhar para ela. Sua mão fechada em punhos.

—Claro que eu quis o dinheiro. Você acha que eu procurava outra esposa? Uma esposa tão estúpida que sairia e tentaria pegar uma febre?

Suficiente. Ela ouviu mais que suficiente. Ela enxugou suas lágrimas. Ele não podia agüentar nem olhar para ela. Ela agarrou os seus vestidos velhos do baú de Francesca e colocou-os em sua bolsa, então puxou o cordão apertado. Tudo o que ela possuiu estava na bolsa novamente. Assim como ela chegou.

Fique.

Ela ignorou a voz. Mulher estúpida. O que ela sabia? Ela não queria o melhor para Mariana. Só o queria para John.

Meu filho. Precisa de você.

Seu filho? Ela não conhecia nada da mãe de John. E ela não queria conhecer. Ela apertava ambas as mãos em suas orelhas, agitando sua cabeça.

—Eu não me importo.

John não girou.

—Eu não culpo você.

Ela não gastaria outra noite com este homem terrível, este homem que a chamou de nomes, este homem que nunca pedia, por favor. Este homem que não se importava em nada com ela. Que não a queria.

Ela partiu sem olhar para ele novamente.

O estrondo da porta soou como um tiro, atravessando o quieto da noite com uma explosão afiada, e desvanecendo longe, tomando a raiva de John com isto.

Agora que ela partiu, ele se sentiu tranqüilo. Estranhamente tranqüilo. Ele não iria sentir falta dela. Não mesmo. Oh, ele sentiria falta de tê-la em sua cama. Mas ele nunca realmente a queria para qualquer outra coisa. Ela provavelmente iria para a casa dos McNeil. Kathleen a acolheria. E se ela chegasse a ficar doente, como os meninos estavam, Kathleen cuidaria dela. Não precisava se preocupar com ela. Ele foi à janela e viu ela indo embora na luz da lua cheia.

E de repente ele tinha cinco anos de idade, de pé em outra janela mais encardida, assistindo sua mãe indo embora. Perguntando-se quando ela voltaria para ele. Ela nunca voltou.

E Mariana nunca voltaria se ele a deixasse ir embora agora. Melhor deixar que vá. Ela acharia outro homem. Um homem melhor. Um homem que ela gostasse. Ele nunca a queria. E ela nunca o queria. Como podia ela? Um bruto e feio homem, que não fez nada mais que a machucar, gritar com ela, estar na cama dela.

Amar ela.

Como ele podia.

Pelos santos, ele a amava. E ela o estava deixando. Quando já não a podia ver no luar, o pânico o tomou. Ele correu para a porta, ofegando no ar frio quando a abriu, e foi atrás

dela. Ele tropeçou na escuridão, quase machucando seu rosto. Ela examinou por cima de seu ombro e viu ele, continuou indo.

Um homem melhor, o homem que ela mereceu, deixaria ela ir. Ele a alcançou na beira da estrada e agarrou seu braço. Tragando sua respiração, tremendo sem seu casaco, ele a puxou para enfrentá-la. Ela não olhou para ele.

—Me desculpe. - ele engasgou. - Eu sinto tanto.

Ela tentou afastar-se.

—Não.

Ele segurou seus braços. Sentiram tão magros debaixo de suas mãos corpulentas. Tão vulnerável. Como podia ter gritado com ela?

—Eu reconheço que sou um estúpido, um homem tolo. Mas eu sinto muito.

Ela ainda não o olhava.

—Sim. Você é estúpido e tolo. Agora eu vou.

Desde que ele segurasse seus braços, ela não poderia partir. E ele não deixaria que ela fosse. Mas porque deveria ela ficar? Ele não podia pensar em uma única razão.

—Fique. Você deve ficar.

Ela tentou escapar de suas mãos.

—Por que você pode gritar comigo, chamar-me de estúpida e então me diz para ficar? Deus. Ele realmente disse isto?

—Você não é estúpida. Eu sou o estúpido.

—Sim. - ela concordou, - Estúpido... tolo. - ela tentou afastar-se novamente.

Ele agarrou seus braços.

—Você não pode me deixar. Você é minha esposa, droga. Eu fiz os votos do casamento na frente de Deus.

Ela tentava se afastar, mas suas mãos ainda a segurava.

—Deixe-me ir. Aqueles votos não são... reais.

—Eles são votos reais para mim. - disse alterado.

Inferno, ele não queria gritar com ela.

—Pare, John. - seus olhos lacrimejavam.

Pelo menos ela sentia algo por ele.

—Por que você luta agora? Deixe-me ir.

—Eu não posso - ele disse impotente.

—Você quer dinheiro. Você não me quer.

—Não quero você?

Ela realmente acreditava nisto? Inferno, o que mais deveria fazer para que ela acredite? Ele gritou isto em seu rosto há cinco minutos. Ele nunca acharia as palavras para explicar quanto ele a quis, precisava dela. Ele puxou-a. Como um dia pensou que ela era muito fraca? Sua figura esbelta, delicada era irresistível. Perfeito. Perfeitamente feita para deixar seu sangue queimando. E oh, ele queimou. Ele abraçou-a desesperadamente, e esfregou seu pênis endurecido contra o seu estômago.

—Por favor. - ele disse contra o seu pescoço. - Eu sinto muito. Por favor. Deixe-me...

Ele gemeu e beijou seu pescoço. Ela era flexível em seus braços. Disposto? Sua boca empurrou a extremidade de seu gorro, expondo sua pequena orelha.

—Eu quero você, Mariana. - ele sussurrou. - Tanto... quero você tanto....

Ele a beijou, e seus lábios respondendo. Ela não lutou. Ele acariciou suas bochechas. Beijando-a profundamente, arrastando ela contra seu corpo com seu outro braço.

—Eu o quero, também. - ela murmurou contra sua boca.

Ela era sua, somente sua, e ele nunca a deixaria ir. Ele a ergue em seus braços, sua esposa esbelta, bonita, perfeita e voltou para casa. Com um pé, ele chutou a porta atrás deles. Quando ele a deixou em seus pés, ela o olhou com aqueles enormes olhos azuis. Enormes e assustados olhos azuis.

—Você está dolorida? - ele perguntou. - De ontem à noite?

—Dolorida?

—Você está machucada? Em sua vagina?

Ela enrubesceu.

—Não tanto.

Graças a Deus. Sua mão tremeu quando ele tirou seu gorro e deixou isto atrás dela. Ele passou a mão pelos seus cabelos.

—Eu posso ser gentil - ele rezou que ela deixasse. - Deixe-me mostrar a você.

Ele movimentou a cabeça e balançou seu rosto. Com a luminária acesa e brilhante, ele podia ver todos os detalhes: a pequena sarda de sua fronte, a penugem de suas bochechas, o anel de seus olhos. Anelado. Ela estava tão perto que podia ver seu rosto claramente. E ainda queria por ele.

Ele fechou seus olhos e a beijou. Suavemente, suavemente. Nenhuma necessidade de se apressar. Mas ela se apertou contra ele, passando seus braços ao seu redor e puxou-o. De repente sua língua estava funda dentro de sua boca, duelando com a sua e suas mãos puxavam seu casaco, seu vestido, retirando. Deus, ele quase a perdera. Ela não podia ir devagar. Ele precisava dela demais.

Quando seu seio esteve nu, ele curvou sobre seus joelhos e agarrou em torno da cintura, erguendo-a do chão para trazer a seu nível seus peitos para sua boca. Ele amamentou, e ela gemeu, e suas mãos foram ao seu traseiro.

Ele a deitou na cama em um amontoado de roupas, seu vestido estava aberto nos seios, suas saias puxadas até seus joelhos. Seus mamilos brilhavam com a umidade de sua boca.

Ah, que vista. Sua mulher, sua esposa, meio nua e esperando por ele. Ela o olhou com uma fome que ele nunca havia visto nos olhos de uma mulher. Ansiando por ele. Ele em pé, tirou sua camisa. E antes que tirasse outra peça, ela já estava lutando para tirar as suas. Ela terminou antes dele, e ele parou para beber a vista de seu corpo nu. Ela estava ajoelhada na cama o enfrentando, e sua cintura esbelta, suas pernas magras, Fe a generosa labareda de seus quadris ainda mais atordoantes. E o cabelo de sua vagina, oh, o cabelo de sua vagina era castanho claro, exatamente como havia imaginado. Enquanto ele olhava fixamente, ela ergue suas mãos e tocou seus peitos, fazendo crescer o calor que ia diretamente ao seu pênis. Ela movimentou seu corpo, baixando seus olhos alargados. Ah, ela nunca o tinha visto antes.

—Oh. - ela sussurrou. - Eu nunca... oh. - sua língua terminou em seus lábios e se lambeu.

Seu pênis erguido, como se aquela língua o estivesse tocando. Um rubor estendeu por todo o seu rosto. O caminho até seus seios. Os seios que sua mão afagava. Ele tinha que a

tocar. Agora mesmo. Ele foi para a cama, e com as calças ao redor de seus tornozelos o fez tropeçar. Mas ele caiu próximo a ela no colchão suave, então chutou para fora suas calças, sua ceroula, impacientemente, seu olhar nunca a deixando. Ela não se afastou, olhava seu rosto. Ela parecia ávida e temerária, ajoelhando para beliscar seus mamilos grandes e molhados.

Ele não podia esperar mais. Ergueu seus quadris, deslizou sua cabeça para baixo dela, entre suas coxas. Em um momento, sua boca alcançava até saborear sua succulenta vagina. Sua língua lambia, empurrava dentro dela, acariciava seu clitóris, e ela gemeu, clamou, movendo seus quadris para o seu rosto. Ela foi à frente, sobre ele, suas mãos e joelhos. Suas coxas tremiam. Sua mão acariciando seu pênis, e então o calor molhado de sua boca o chupou. Ela imitou os movimentos de penetração e ele empurrou sua língua no fundo de sua vagina, comparando seus movimentos.

Ela chupou. Ele gemeu.

Ele lambeu. Ela choramingou. As vibrações de seus pequenos barulhos de necessidade formigavam em seu pênis, ele tremeu.

Espalmou seu traseiro em suas mãos, moldando suas bochechas, segurando firme em sua boca.

Ele a comeu ferozmente, faminto, forçando o prazer dela. E sua boca ávida fez o mesmo para ele. De repente ela afastou e se sentou próximo a ele, respirando forte.

—Dentro de mim. - ela ofegou. - Qual é a palavra para quando você está dentro de mim?

Se ela dissesse isto, ele poderia gozar antes de conseguir estar dentro dela.

— É chamado foder.

—Como eu peço isto?

Ele tragou.

—Você diria fodá-me.

—Fodá-me. - ela repetiu. E então ela levantou sua mão para ele. Ele tomou sua mão, mas quando ela o puxou em sua direção, ele resistiu. Ele liberaria sua selvageria se estivesse em cima dela novamente. Ela ainda estava dolorida, sensível. E neste momento, pela cruz, ele seria gentil com ela. Arrastou-a acima dele, até que ela estivesse esparramada sobre o seu corpo.

Ela pôs uma mão em seu peito, empurrando-se, e olhando para ele. Seus adoráveis e preciosos olhos confusos.

—Não?

—Assim. - ele disse, erguendo seus joelhos de forma que sua expansão de pernas se abrisse de um lado e outro dele. - Leve-me para dentro de você. Tome tanto à medida que você quiser. Tão lento quanto você quiser. Pare sempre que você quiser.

Ela movimentou a cabeça e mexeu os quadris, roçando seu pênis com o calor molhado de sua vagina. Atormentando ele. Finalmente ele sentiu seu aperto de mão no pênis, segurando suavemente enquanto ela afundava nele.

Ela clamou.

Ele foi à frente e passou a mão em seus cabelos, colocando-o atrás da orelha.

—Machuca?

—Não. Sinto-me bem.

Tudo bem.

Seus quadris mexeram um pouco, levando ele mais fundo. Então ela ergue-se, até quase colocar seu pênis para fora, e afundou de volta, um deslizamento longo e lento. Tudo bem. Tortura.

Ela mantinha seu olhar fixo nele à medida que se movia, contorcendo-se lentamente... lentamente. Deus, ela o colocaria louco neste ritmo. Suas mãos apertaram contra seu peito, empurrando como ela empurrava. Ele agarrou seu traseiro, ajudando no movimento. Ele conteve-se, cerrando seus dentes, mas a visão dela o montando, fodendo ele. A visão dela olhando abaixo com tal paixão em seu rosto bonito, estava o levando ao extremo.

Ela se moveu contra ele com uma estocada descendente, e ele desistiu de esperar. Seu traseiro delicioso para deslizar uma mão entre eles e tocar seu clitóris com o seu dedo polegar. Ela fechou seus olhos, seus dentes morderam seu lábio inferior, e ele deixou ir, ele empurrando com pressão por cima, ela convulsionou ao redor de seu pênis, em um só momento antes de ele explodir dentro dela.

Seu corpo coberto de suor desmoronou sobre o seu, e ele a segurou, sentindo sua subida pelo seu peito e como lutava pela respiração.

—Você olhou-me. - ela disse.

—Sim. Eu olhei você.

E ela olhou para ele. Incrível.

—Antes de... no escuro... eu pensava que você não queria olhar para mim.

Então, enquanto eles estavam na escuridão, ela pensava que ele não a queria ver.

—Eu gosto de olhar para você. Muito.

Ela plantou suas mãos em seu peito, e se ergueu para examinar seu rosto. Ela tinha uma expressão enigmática.

—Antes disto. Antes da cama. Por que... porque você estava bravo comigo?

Ele não a olhou como era difícil se expor. Ela merecia uma explicação, tolerando tanto dele.

—Quando eu voltei para casa hoje, e você não estava aqui... eu pensei que você havia me deixado.

Ele a tinha machucado, ontem à noite, a feito ela chorar, e então chegou em casa, uma casa vazia, sua bolsa tinha ido... Suas sobrelhas mostraram confusão.

—Mas eu voltei para casa depois. Então você soube que... eu não parti.

Ele tragou.

—Sim, entretanto você disse a mim que tinha ido à casa de Kathleen, embora você soubesse que os meninos estavam doentes. Você arriscou-se a pegar uma febre. E eu... eu acabei ficando louco. Louco de preocupação.

—Preocupação?

—Medo. Eu tinha medo. - seus braços apertados ao redor de seus quadris. - Sua irmã morreu por uma febre. O pensamento de você morrendo... - não conseguiu concluir, ele respirou fundo e forçou a continuar. - Se qualquer coisa acontecesse a você, Mariana, eu não poderia continuar.

Ela inclinou a cabeça para o lado, com uma expressão incrédula.

—Você continuaria. Você continuou depois que Francesca morreu.

Como ela podia compara as duas? Perdendo Mariana o rasgaria em pedaços.

—O modo que me sinto com você, não é nada como o modo que senti sobre Francesca.

Ela pôs seus dedos contra seus lábios.

—Eu sei. Você não tem nenhuma necessidade de dizer.

Ela sabia? Como ela podia conhecer, quando apenas ele sabia isto?

Antes dele poder Pará-la, ela ergueu-se e deitou ao seu lado. Ele puxou as cobertas acima deles e olhou para enfrentar. Sua mão surgiu e afagou sua bochecha. Sua expressão não mostrou repulsão quando ela olhou para ele.

—Não aborrece você? Meu rosto?

Ela localizou a linha da cicatriz com um dedo, examinando ele.

—Me aborrece somente você estar marcado. - ela quis dizer sua cicatriz e não o rosto dele. - Como isto aconteceu. - ela perguntou. - O que fez acontecer?

Francesca nunca se importou em perguntar. Ela só evitava olhar para ela.

—Uma luta de faca quando eu tinha 12 anos ou mais. Nada importante.

Ela correu seus dedos acima da cicatriz novamente, então colocou a mão em seu peito. Ela não disse nada. Ele olhou fundo em seus olhos. Deus, ela era bonita. Como podia ela permanecer olhando para uma besta e gosta dele?

—Não é uma cicatriz que é feia. Eu sei disso.

Ela encolheu os ombros e deu um sorriso.

—Você não pode ser o homem mais bonito do mundo, Giovanni. - ela disse em italiano. - Mas você é meu homem.

Sua expressão segurou tal possessividade, tal afeto, aquela umidade de embaraço formando em seus olhos. Ele fechou os olhos. Sentiu que sua mão deixava seu peito.

—John, não fique triste. Eu sei que você sente falta de Francesca, mas ela queria que você fosse feliz.

A surpresa secou seus olhos.

—Você pensa que sinto falta de Francesca?

—Eu... sim.

Ela parecia triste, tão triste. - Você não quer que eu seja esposa, em seu lugar. Você não quer olhar para mim na cama, quando é ela que quer. Eu entendo.

Como ela poderia pensar que ele preferia sua irmã?

—Eu quero você. Somente você.

Ela conseguiu sorrir e ainda parecia triste.

—Você não precisa mentir para fazer-me sentir bem.

Teimosa, menina cabeçuda.

—Eu não quero Francesca. Eu não sinto falta de Francesca. E onde ela quer que possa estar ela não me sente falta. Ela me odiava.

Ela olhou sem compreender.

—Por quê?

Ele não podia confessar enquanto olhava seu rosto confiante. Ele girou e fitou o teto.

—Eu não tratei sua irmã bem. Eu somente tinha sido...

Não, ele não podia dizer isto a ela. Ele não podia dizer a ela que as mulheres que ele tinha tido eram prostitutas, que deixariam um homem saltar em cima delas.

—Eu não tive nenhuma experiência com mulheres decentes. Eu... eu a machuquei.
E então ele foi para outra prostituta, e pagou para ela o ensinar como tratar uma mulher.
Mas já tinha sido muito tarde. Francesca nunca o deixou aproximar-se dela novamente.

Mariana pôs sua mão em seu ombro.

—Eu perdôo você.

Ele trouxe sua mão aos seus lábios para um beijo, então segurou contra o seu peito.

—Sua irmã nunca o fez.

Seus dedos apertaram os seus.

—Eu sinto muito por você e por ela. Mas eu perdôo você.

Ele acariciou sua mão com seu dedo polegar.

—Eu não mereço você, Mariana. Mas eu sou muito egoísta para deixar você ir.

Ela sorriu.

—Não é um problema. Eu gosto do meu homem egoísta.

Gosta? Inferno era um começo. Ele viu por um momento seu vestido descartado, próximo a cama. O vestido tinha sido de Francesca. Isso lembrou a ele.

—Eu tenho uma surpresa para você.

Ele saiu da cama e achou suas ceroulas no chão.

—O que é isto?

—Você verá. - ele colocou suas ceroulas e lançando seu casado, puxou suas botas.

—Fique aqui.

Ele foi ao celeiro, achou o pacote que tinha escondido lá ontem e trouxe isto para dentro. Ela estava sentada na cama, o fogo crepitando no fogão. Ele deve ter acendido isto. Ele tirou seu casaco, chutando fora suas botas e sentaram próximo ao pacote na cama. Ele manteve seus olhos em seu rosto, desatou uma série de laços e puxou as folhas que embalavam. Seus olhos arregalaram, e ela ofegou.

—O que é isto?

Ele retirou o tecido azul que estava em cima. Com um floreio, ele colocou em cima de seus ombros. Sim, combinou muito bem com seus olhos. Ele esperou para ver-lhe a reação.

—Eu penso que é seu vestido de noiva.

Ela ofegou novamente e segurou o vestido.

—Mas... como?

—Quando eu fui para a cidade ontem, eu parei na costureira e disse a ela que eu precisava de um vestido de noiva para o Dia dos Namorados, e ela ficou muito feliz de fazer.

E ela o fez pagar uma pequena fortuna, embora ela tivesse um vestido já pronto, perto do tamanho da Mariana. Mais isto compensava a felicidade que via em seu rosto, não tinha preço.

Ela alisou o vestido contra sua frente.

—Tão bonito. - ela murmurou.

Sim. Ela era. Tão bonita que a olhando fazia seu peito doer. Ele deu o próximo artigo de vestuário. Seu favorito.

—Mais?

Ela segurou isto em cima do vestido. A camisola branca foi próxima a sua fantasia, com um decote baixo, botões pequenos e umas rendas na parte inferior. Os corações vermelhos minúsculos eram bordados em torno do pescoço e punhos da manga. Ela pareceria com uma noiva virginal, isto com certeza.

A pequena noiva virginal que sussurrou palavras sujas em sua orelha. Ele dificilmente poderia esperar. Ela alcançou os tecidos, olhando os tons de azuis, amarelos e vermelhos. Ele não tinha nem idéia de quais cores ela gostava.

—Eu só podia conseguir um vestido pronto. O tecido é para você... fazer algum para você. Seus olhos abertos maravilhados.

—Tudo isso? Para mim?

Ele movimentou a cabeça.

—Mas você disse que não tinha nenhum dinheiro para roupas.

Que bobo ele tinha sido.

—Eles são um presente. Um presente de Dia dos Namorados.

Ela tocou o vestido azul com um dedo, como se ela não acreditasse que estava lá.

—Eu nunca tive qualquer roupa nova. Nunca. - ela chegou mais perto e deu-lhe um abraço.
- Obrigada. Agradeço muito a você, John.

Uma coisa tão pequena para fazê-lo tão feliz. Pegou-lhe a mão.

—Você merece um novo vestido para o nosso casamento. Você merece roupas feitas de seda, e uma casa melhor que esta choça de um quarto só, e... tanto mais do que puder dar a você.

Ela balançou a cabeça, sorrindo e ele estava perdido. Palavras caindo de sua boca.

—Eu estou... Desculpe sobre mais cedo. Sobre gritar com você. Eu juro que eu tentarei ser... para fazer você... Ah, inferno, eu...não posso pensar coerentemente. E é você, Mariana, eu cai desesperadamente de amor por você.

Ela o olhou fixamente, um pouco perplexa. Deus, ela não o entendeu. Ele nem queria ter dito isto. E agora ele teria que dizer tudo novamente. Puxou seu rosto contra seu pescoço. Embora ele não estivesse olhando para ela, seu estomago roncou.

— *Ti amo*. - ele murmurou.

Ela ficou quieta.

— O que?

Ele nunca repetiria isto. Dizendo isto uma vez já fez seu intestino revirar.

—Você me ouviu.

Ela afastou o suficiente para examinar seu rosto, e deu a ele um brilhante sorriso, Iluminado. E então riu. Ela riu dele. Deus, ele era um bobo. Ele recuou ou tentou.

Ela segurou seus braços apertados.

—Oh, John. Você parece tão doente.

Nenhuma maravilha, considerando a revolta de seu estômago. Seu sorriso abriu mais e ela acariciou sua bochecha. A bochecha cicatrizada.

— *Anch Io Ti Amo*. - ela disse, falou suave e firme.

Ele não podia respirar.

—Verdadeiramente?

—Você me ouviu - ela respondeu, tentando ser ríspida e soando completamente adorável.

Eles riram juntos.

—Eu amo você também. - ele disse. Só para dizer a ela como era isto em inglês. Nesta hora seu estômago não reclamou. Seus olhos úmidos, e ela não podia parar de afagar sua bochecha.

—Mas como? Não, eu... significa... por quê?

Ela agitou sua cabeça vagamente.

—Eu não sei. Eu só sei que eu me sentia... morto por dentro. Então você veio e me fez senti...

—Bravo?

Ele sorriu.

—Não só bravo. Vivo. Você deu-me... você. E tão generosamente. - passou a mão em seus cabelos, assim podia ver os seus olhos. - E. você me olha, e você não vê o homem que sou. Você vê um homem melhor. O homem que eu quero ser para você.

—Eu vejo o homem que você. Um bom homem. Você é um bom homem.

Não, ele não era.

—Você é. - ela insistiu, como se ele tivesse falado. - Você olha para mim, e você não vê uma menina bonita tola. Você me faz sentir... como mulher. E quando eu tiver idéias, você as escuta. Você me deixa falar.

Ele sorriu.

—Seria difícil parar você de falar.

Ela sorriu com ele.

—É verdade.

—Mas você está errada em uma coisa, Mariana. Quando eu olho para você, eu vejo uma linda mulher.

Uma mulher bonita. A mulher mais linda que já vi. Ele sentiu-se desajeitado para dizer isto.

—Obrigado.

Ele tocou a camisola delicada que descansava em seu colo.

—Por que você não coloca isto, mulher bonita?

—Por quê? Eu posso ver, que servirá.

Ele grunhiu.

—Se você colocar isto, eu posso tirá-la de você.

Ela enrubesceu e apertou sua mão ligeiramente.

—Nós devíamos esperar talvez para nossa noite de casamento, John.

Ele tomou sua mão e brincou com seu anel de casamento. Seu anel de casamento.

—Mas nós somos casados.

Seu queixo subiu daquele jeito teimoso.

—Então, nós usaremos a camisola no Dia dos Namorados. Amanhã. É presente de St. Valentine, sim?

O primeiro de muitos.

—Sim.

Ela estava sem graça.

—Oh, John... você deu a mim tantos presentes, e eu não tenho nada para você.

Menina tola. Ele não queria mais nada seu.

—Só case-se comigo. Case-se comigo e dê-me seu amor. Ninguém mais o tem.

Ele olhou, envergonhado.

—Você é um homem agradável. Mas você não diz a verdade. Seus pais devem ter...

—Eu nunca conheci meu pai - ele disse, cortando-a. - E minha mãe... minha mãe partiu quando eu era pequeno.

Pôs sua mão na mandíbula.

Não me ofereça sua piedade. Qualquer coisa menos isto.

Ela esperou um momento longo, então acenou com a cabeça decisivo.

—Sua mãe amou você - ela disse em italiano.

Ele bufou.

—Eu não sou mais uma criança. Não tente me mimar.

—Ela estava doente. - Mariana parou novamente, sua cabeça balançou como se escutasse alguém. - Morrendo. Não existia ninguém para cuidar de você.

—Como... - Ele tinha dificuldade para pensar. Sua mãe tinha tossido muito quando ela o tinha abandonado. - Por que você diz isto?

Seu olhar caiu para seu colo.

—Desde que eu vim para cá, eu ouço a voz de uma mulher falando comigo.

Ele procurou, mas o quarto era o mesmo. Nenhum barulho, nem sombras.

—Um fantasma? - Não. Impossível.

—É verdade.

Talvez. Ou talvez Marina fosse tão bondosa, ela não podia imaginar uma mãe que não fosse amorosa com seu filho.

—Por que elaalaria com você, e não comigo?

Ela encolheu os ombros.

—Talvez, você não a possa ouvir. Mas eu... eu tenho a segunda visão.

Ela parecia um pouco cautelosa. Um sopro quente do fogão golpeou seu rosto.

Acredite.

Um som sussurrado. Ele deve ter imaginado isto. Ou tinha ouvido?

Não importava. Tudo o que importava era Mariana, olhando para ele como ela temia a reação de sua confissão. Ele deu-lhe um beijo suave na testa, ainda pasmo quando ela não recuou dele em horror.

—Se ela estiver falando com você e não comigo, eu acho que quer dizer que ela aprova você.

Sobrancelhas sulcadas da Mariana. Ele repetiu o mesmo em italiano para ela.

Ela sorriu.

—Não a principio. Ela tentou fazer-me partir. Ela pensou que eu o machucaria.

Como sua irmã tinha feito. Ele nunca tinha desejado mal a Francesca, mas agradeceu aos céus ela ter partido. O pai ganancioso enviou Mariana para ele.

—Nós seremos bons para nossas crianças, Mariana. Eles nunca irão ter motivos para duvidar.

Seus dedos entrelaçados aos seus, trazendo sua mão para se alojar contra a sua barriga.

—No próximo Dia dos Namorados, talvez nós tenhamos uma criança nossa.

Ela queria crianças. Suas crianças. Pela cruz, ela verdadeiramente o devia amar. Mas.

—Você é tão magra. Eu me preocupo que você não poderá...

Não. Ele não diria isto. Não iria assustá-la por nada deste mundo. Ela apertou sua mão.

—Não tenha medo, John. Minha mãe é como eu, e ela teve sete crianças saudáveis. - ela deu-lhe aquele sorriso luminoso. - Nós trabalharemos duro, sim? Para ter nosso bebê para o próximo Dia dos Namorados?

Seu sorriso era irresistível. Ele não podia deixar de sorrir de voltar.

—Sim. Mas ainda que nós não façamos o bebê, Mariana, eu terei você. O primeiro Dia dos Namorados que ganhei um presente.

Ele a beijou suavemente.

—E o melhor que já conseguirei.